



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Mestrado em Psicologia

KÁTIA MUNIZ DIÓGENES

**O “FICAR”:
um estudo fenomenológico sobre os novos vínculos
afetivos entre mulheres e homens adultos na cidade
de Fortaleza**

FORTALEZA
2007

KÁTIA MUNIZ DIÓGENES

**O “FICAR”:
um estudo fenomenológico sobre os novos vínculos
afetivos entre mulheres e homens adultos na cidade
de Fortaleza**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza –UNIFOR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris.
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

**FORTALEZA
2007**



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Mestrado em Psicologia

Dissertação intitulada: “O “*FICAR*”: *um estudo fenomenológico sobre os novos vínculos afetivos entre mulheres e homens adultos na cidade de Fortaleza*”, de autoria da mestranda Kátia Muniz Diógenes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores.

Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris - UNIFOR - Orientador

Profa. Dra. Virgínia Moreira – UNIFOR

Profa. Dra. Vera Lúcia Pereira Alves – PUC-CAMPINAS

Prof. Dr. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO
Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia – UNIFOR

Fortaleza, 30 de Novembro de 2007

AGRADECIMENTOS

Àquele que é três vezes Santo, pelo amor verdadeiro que experimento e sinto a cada dia da minha vida. Por tudo que tens feito e por tudo que ainda vais fazer. Sem Ti nada seria possível. A Ti o meu amor e a minha profunda gratidão;

À minha amada filha Lessandra Diógenes, grande colaboradora e companheira, que cresceu e se desenvolveu respirando psicologia, por sua amizade e amor incondicional, pelas inúmeras renúncias, compreensão tão precoce e por me ajudar a construir os meus sonhos;

Aos meus pais Antônio Diógenes e Adalcina Muniz Diógenes, inquestionavelmente maravilhosos, que me emocionam pela largueza em generosidade, honra e simplicidade. Por tudo que com eles aprendi que me fizeram curiosa pesquisadora. A eles o meu orgulho sincero em ter sido presenteada por ser sua filha. Obrigada por absolutamente tudo;

Ao meu Broto amado Donato Carratú, “homem tridimensional” que Deus abriu os mares e o trouxe para mim e que, longe de ser um conto de fadas, me faz sentir a beleza e a delícia de ser amada a cada dia, compartilhando e concretizando sonhos e projetos em comum;

Aos meus quatro grandes e honrados irmãos Edson, Marta, Paulo e Tiago Muniz Diógenes, pela força e coragem de sermos irmãos e estarmos juntos para o que der e vier;

Ao meu estudioso sobrinho Patrick Ramon, anjo que chegou na hora certa, pelo companheirismo e vontade de aprender.

À família Rodrigues Simões, por me sustentarem com lágrimas e orações, pela justiça que me ensinaram a praticar, pelo imenso amor, acolhida e cuidado;

Ao Projeto Raio de Luz, todos meus irmãos, que com sensibilidade cuidaram de mim como profissional mestrandia;

Aos meus Grupos Crescendo com Arte, a cada uma das adolescentes com quem muito aprendi me fiz gente e profissional;

Ao meu casal de amigos Psicanalistas, não selvagens, Rocieler Bernardo e Carlos Winston, pela intelectualidade, profundidade mundana de nossas conversas, pelo amor e pela honra de ter sua amizade;

A minha amiga Ana Izaura Diógenes, pela ajuda na correria das entrevistas;

Ao meu amigo e irmão Clauberson Rios, o ateu mais cristão que conheço, pela sua generosidade, disponibilidade e atenção em todos os momentos, desde a graduação, e pela alegria do reencontro no Mestrado;

Ao meu amigo Iratan Sabóia samurai nordestino, o meu orgulho em conhecer alguém tão jovem e duplamente honrado, disponível sempre a ajudar incondicionalmente;

À minha efficientíssima secretária Araci Mary que do Instituto Ânima organizava e preparava a triagem dos candidatos às entrevistas;

À Taciana Batista que sempre com paciência e prestimosidade nos assessorou na secretaria do Mestrado;

À Aline Moita pela alegria de ter conhecido tão linda e generosa alma;

Aos sujeitos colaboradores desta pesquisa por disponibilizarem dos seus escassos tempo para contribuírem com este trabalho;

À Professora Virgínia Moreira a quem ainda nem conhecia já a admirava. Meu encanto em ter sido aluna de tão rica alma, tecida de preciosos matizes, tão verdadeira porque mundana. O meu orgulho em construir em conjunto este trabalho;

Ao Professor Clerton, pela elegante disponibilidade e generosidade em ajudar em um momento tão decisivo;

Ao Professor Cavalcante Júnior, pelas inesquecíveis aulas degustadas e experienciadas com textos sentidos, pela alquimia de tão rica e profunda alma transbordante de vida que muito me ensinou e transformou;

À professora Clara Virgínia que desde o primeiro semestre da graduação foi a minha inspiração e o meu desafio em trilhar o caminho para o mestrado;

À professora Vera Alves, pelo bom humor, disponibilidade e paciência em construir conosco este trabalho;

Ao meu eterno professor e terapeuta Ricardo Augusto, pelos anos investidos e inteiramente válidos, pelo amor profundo expressado na escuta, pela empatia de sentir as minhas dores, conflitos e alegrias, pelas descobertas, pelo que aprendi a ser gente e terapeuta, mãe, pesquisadora e mulher, um agradecimento especial a ti, grande mestre;

E, por fim, ao meu magnânimo professor Georges Daniel Janja Bloc Boris, pela confiança em meu trabalho, pela liberdade e paciência em orientar uma alma tão teimosa quanto a sua, a quem muito devo o gosto pelo rigor em pesquisa, o meu agradecimento sincero e o meu orgulho e honra em ter sido desde sempre sua orientanda.

RESUMO

Nas últimas décadas aconteceram significativas transformações nas relações de gênero. Homens e mulheres reconfiguraram suas formas de estar juntos experimentando novas alternativas que satisfizessem seus desejos momentâneos e que não culminasse em qualquer compromisso. Estou me referindo ao “ficar”. Forma sui generis de se relacionar, considerado um fenômeno de múltipla expressão, também caracterizado por sua efemeridade e falta de compromisso. O “ficar”, que há alguns anos parecia circunscrito somente ao universo adolescente, hoje também é experimentado pelos adultos como forma de se relacionar. Foi com o intuito de investigar de que forma os adultos experimentam o “ficar” e qual o significado dessa vivência para eles que elaboramos este trabalho. Para isto nos utilizamos da metodologia fenomenológica, inspirada em M. Merleau-Ponty para analisar e discutir os dados. Realizamos dezenove entrevistas semi-estruturadas com dez mulheres e nove homens adultos que “ficam” na cidade de Fortaleza. As descrições fenomenológicas, de como é vivenciado o “ficar” pelos adultos, mostrou que estas relações, embora efêmeras e sem compromisso ainda são perpassadas pelas raízes do patriarcalismo e pelo ideal de amor romântico. Na análise e na discussão dos dados pudemos constatar que as mulheres parecem romper com os velhos preceitos patriarcais e exercem sua sexualidade com liberdade de expressão através do “ficar”. Por outro lado, a maioria dos homens adultos estão interessados em buscar, através do “ficar”, um relacionamento mais duradouro.

Palavras-chaves: Relações de gênero, *ficar*, sexualidade, patriarcalismo e ideal de amor romântico.

ABSTRACT

In the last decade happened meaningful changes in the gender's relationships. Women and men reconfigured new ways to being together. They taste new ways to satisfy your transitory desires, without engagement. We are talking about "ficar". It is a new shape to relationship. It is characterized for ephemeral relationships without obligations. It is a multiplicity phenomenon, because there are a lot of ways to "ficar". Some year ago the "ficar" were circumscribed to teenager's world, but at this moment, the adults' people experiment the "ficar" as alternative to relationship. This work was made aims to research how the women and men adults experiment the "ficar", and what is its deep meaning for them. We use the phenomenological method inspired by Merleau-Ponty's Philosophy, to analyze and discuss the nineteen interviews. It was made with ten adults' women and nine adults' men in Fortaleza. This research shows us how women and men experiment the "ficar" and its gender differences. We found in their speaks the roots of patriarchal roles, and romantic love ideal. For the women, the "ficar" seems break up with the patriarchal ideology. They are more free to try your sexuality. On the other hand, the men seem a little bit near to the romantic love ideal. Most of them are looking for engagement relationship.

Key words: Gender relationship, "*ficar*", sexuality, patriarchalism and romantic love ideal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 DO AMOR ROMÂNTICO AO FICAR NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	18
1.1 O primeiro <i>ficar</i> ninguém esquece!.....	19
1.1.1 Os vários matizes do amor: um breve percurso sobre os fios da história.....	21
1.1.2 A tapeçaria do amor: tecida pela moral, pelo econômico e pelo social	26
1.1.3 Amor, desejo, mídia e consumo.....	32
1.2 O <i>ficar</i> e suas raízes como forma de relacionamento afetivo-sexual na sociedade brasileira contemporânea.....	38
1.2.1 O <i>ficar</i>: exclusividade adolescente ou adulto também fica?.....	41
1.2.2 A família patriarcal e a tessitura das relações de gênero no Brasil.....	42
1.2.3 A alternativa do <i>ficar</i> como forma de se relacionar afetivamente na contemporaneidade.....	48
CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
CAPÍTULO 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICAS DAS VIVÊNCIAS DO FICAR ENTRE ADULTOS DE FORTALEZA.....	65
3.1 Análise e discussão fenomenológicas das vivências do <i>ficar</i> das mulheres de Fortaleza.....	67
3.1.1 Quem são as mulheres que ficam?.....	68

3.1.2 Do inocente e despreocupado ficar adolescente à responsabilidade do ficar adulto para as mulheres que ficam em Fortaleza.....	70
3.1.3 O ficar experimentado como exercício da liberdade afetivo-sexual para as mulheres de Fortaleza.....	73
3.1.4 Sexo no primeiro encontro = “crise de consciência” para as mulheres?.....	78
3.1.5 Liberdade de escolha e do exercício da sexualidade conquistada através do ficar para as mulheres de Fortaleza.....	81
3.1.6 O ficar como alternativa de aplacar a solidão sem assumir compromisso.....	85
3.1.7 Elas preferem os charmosos, maduros e bem sucedidos.....	88
3.1.8 O público e o privado: espaço da conquista e das trocas afetivas.....	91
3.1.9 Do fixo ao esporádico: a frequência do ficar varia para as mulheres de Fortaleza.....	93
3.1.10 O depois para as mulheres que ficam: entre a satisfação do desejo e a elaboração da expectativa de continuidade.....	96
3.2 Análise e discussão fenomenológicas das vivências do ficar para os homens de Fortaleza.....	99
3.2.1 Quem são os homens que ficam em Fortaleza?.....	101
3.2.2 Da quantidade à qualidade: o ficar muda de foco para os homens adultos de Fortaleza.....	103
3.2.3 A ambigüidade entre as experiências pontuais e o desejo da construção de uma trajetória.....	107
3.2.4 Da conversa ao sexo: os homens em busca de afetividade.....	113
3.2.5 O ficar como instrumento de busca e elaboração emocional para os homens de Fortaleza.....	117
3.2.6 Cômodo e isento de cobranças: o ficar como terreno propício para selecionar uma candidata à um relacionamento duradouro.....	122
3.2.7 Para além da beleza física, a inteligência e a tolerância.....	125
3.2.8 Qualquer lugar é lugar para ficar.....	128
3.2.9 O local, a pessoa e o tempo disponível influenciando na frequência do ficar para os homens adultos de Fortaleza.....	131

3.2.10 Da sensação de vazio, uso e descarte à elaboração da expectativa de continuidade depois que ficam.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	148
ANEXOS	154

1 INTRODUÇÃO

Tecida em um contexto cultural eminentemente brasileiro e com raízes legitimamente nordestinas, entendo-me, desde bem cedo, como uma pesquisadora, inquieta e curiosa que sou pelas coisas do mundo e do que nele acontece. Questionadora, sempre me peguei buscando os significados do cotidiano e do que é corriqueiro, porém não apenas isto, mas, também, do que já existia antes de eu nascer. Curiosamente, nasci em um contexto cultural híbrido, poroso e cheio de ricos matizes e nuances, que me ofereceu a possibilidade de uma tessitura subjetiva e cultural singular, e de um rico campo para me deliciar em busca do saber. Logo aprendi a lidar com as ambigüidades de nossa construção subjetiva brasileira e a não me contentar com polaridades ou tensões excludentes (Holanda, 1984), mas, teimosamente, a perceber que elas fazem parte de um todo, coexistindo, às vezes, de forma simultânea, o que se configura singularmente como o que chamamos de contexto cultural brasileiro (Freyre, 1977; 2005); Almeida, 1996; DaMatta, 2001). Dito isto, apresento, então, a minha visão de mundo, que é ambígua e paradoxal, não isenta de quem sou e de como fui tecida na cultura nordestina brasileira. Portanto, sendo um sujeito imbricado no mundo, também fique clara, desde já, minha falta de pretensão quanto à neutralidade como pesquisadora, porém busco tanto quanto possível o rigor necessário para a elaboração de minha pesquisa. Isto posto, descrevo o percurso na escolha do meu objeto de pesquisa.

Há alguns anos, ainda na graduação, iniciei os meus estudos sobre as transformações das relações de gênero. Dentre as muitas formas de relacionamento na contemporaneidade, deparei-me com o que os adolescentes denominam de *ficar*.

Curiosamente, o termo *ficar*, segundo Ferreira (2001), tem mais de vinte significados diferentes, alguns até mesmo contraditórios. *Ficar* significa: estacionar; permanecer; estar situado; ser adiado; transferido; restar; sobrar; não ir além de; obrigar-se; concordar; comprar; caber por quinhão; custar; obter ou deter a guarda de; manter sob sua posse; contrair; acertar; combinar; tornar-se; perdurar; demorar-se e, também, “trocar carinhos por período curto, mas sem compromisso de namoro” (p. 345-346).

Ative-me, então, com fim de pesquisa, a esse último significado, investigando como o *ficar* ocorre no universo adolescente da cidade de Fortaleza. Naquela ocasião, fiz uma pesquisa com sessenta adolescentes de ambos os sexos, trinta de uma escola pública de Fortaleza e trinta de uma escola privada, todos cursando a 8ª série, com idade entre 14 e 18 anos, investigando como eles se iniciavam em seus relacionamentos afetivos.

Um dos meus objetivos era saber se o *ficar* se manifestava de modo diverso em segmentos sociais diferentes quanto à classe ou à renda familiar e, portanto, escolhi uma escola pública e outra privada como locais para a realização da pesquisa. Um outro motivo de fazer a pesquisa em escolas foi a facilidade de encontrar, em um só local, um grande número de adolescentes que se propusessem a falar sobre o *ficar*, com a devida autorização da direção das escolas.

Antes de escolher as escolas, enfrentei uma série de dificuldades para encontrar sujeitos na faixa etária correspondente à adolescência e que se dispusessem a colaborar com a pesquisa e com a devida autorização dos pais. Na época, surpreendi-me com a enorme disponibilidade de adultos em quererem falar sobre a sua experiência de *ficar*, porém, naquele momento, a delimitação do meu tema correspondia somente ao universo adolescente.

Concluído aquele trabalho, apresentei-o no VII Encontro de Iniciação à Pesquisa da Universidade de Fortaleza com o título de “O ‘*Ficar*’ e Suas Manifestações na Cidade de Fortaleza”, que foi um dos trabalhos premiados naquele evento. Constatei que todos os adolescentes praticavam o *ficar* como forma de se relacionar afetivamente; que o *ficar* é um fenômeno de múltipla expressão, pois se *fica* só com um parceiro, com dois ou mais concomitantemente; *fica-se* só uma vez, assim como pode-se *ficar* mais de uma vez com o mesmo par. E que, para os adolescentes, o *ficar* se constitui como uma importante forma de experimentação e de aprendizagem social, afetivo-sexual e cultural (Diógenes, 2001).

Decidi, então, continuar minhas investigações e trabalhei na minha monografia de conclusão da graduação em Psicologia, também com este tema, então, dirigindo a discussão às relações entre o *ficar*, a adolescência, o ideal de amor romântico, a mídia e o consumo, trabalho que culminou na sua publicação na Revista de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, com o mesmo título.

A cada etapa de meus estudos, aguçava-me mais ainda o interesse em prosseguir as investigações sobre o *ficar*, pois me chamava a atenção por suas características *sui generis* de falta de compromisso e de efemeridade, que parecem romper com os velhos cânones do ideal de amor romântico, o qual pressupõe fidelidade e amor eterno (Diógenes, 2002). De acordo com os adolescentes pesquisados, o fato de “*ficarem*” não prescinde de continuarem acreditando e almejando relacionamentos pautados em fidelidade, durabilidade e amor eterno. De forma ambígua e paradoxal, esta constatação me remete à ambigüidade híbrida da construção subjetiva da cultura brasileira, que parece aceitar formas de ser e de se relacionar contraditórias, simultâneas e não excludentes (DaMatta, 1990; 2001;

Almeida, 1996), e também, as diversas formas de estar no mundo, de acordo com a fenomenologia antropológica de Maurice Merleau-Ponty (1999), no qual traz a “essência para a existência”, para a facticidade de estar no mundo, em movimento, construindo e sendo construído por ele.

Pensar as novas formas de relacionamento afetivo-sexual que vêm se configurando ao longo do processo social e histórico, como o fenômeno do *ficar*, que parecia estar restrito ao universo adolescente, é um desafio que fundamenta o meu interesse em dar continuidade as minhas investigações. Assim, a decisão em prosseguir com os meus estudos sobre as relações de gênero levou-me à empreitada no Mestrado em Psicologia da UNIFOR, para dar continuidade às minhas pesquisas sobre o *ficar*, porém, agora, no universo adulto. Este interesse se fundamenta no fato de que, desde a minha primeira busca de sujeitos para a pesquisa anterior, deparei-me com o fato de que muitos adultos estavam interessados em falar sobre o *ficar* e como o experienciavam, o que, naquela ocasião, não cabia na delimitação do universo de minha pesquisa. Interessou-me investigá-lo, também, porque a literatura sobre o *ficar* entre adultos ainda é bastante escassa e porque parece apresentar múltiplas expressões quanto às relações de gênero.

Neste sentido, o meu objetivo foi compreender o significado da experiência vivida de *ficar*, entre sujeitos adultos, de ambos os sexos, na cidade de Fortaleza; investigar como os adultos se relacionam através do *ficar*; discutir as diferenças de motivos e de significados atribuídos à experiência de *ficar* entre sujeitos adultos de ambos os gêneros; e investigar a possível influência do ideal de amor romântico, da mídia e do consumo inseridos na cultura patriarcal, sobre as manifestações do *ficar* entre adultos.

Para tanto, dividi o meu percurso em dois momentos: um teórico que, a partir das pesquisas anteriores, me deu suporte conceitual para trabalhar com o referido tema; e o trabalho de campo propriamente dito.

No primeiro momento, que engloba o **Capítulo 1** dessa dissertação, estarei promovendo uma travessia histórica sobre o significado e o surgimento do *ficar* a partir do ideal de amor romântico, bem como a sua incidência na sociedade patriarcal brasileira.

No **Capítulo 2**, apresento ao leitor a metodologia utilizada ao longo desta pesquisa que é de cunho fenomenológico, pautado, principalmente, na fenomenologia antropológica de Merleau-Ponty (1945; 1984; 1999) e Moreira (2002; 2004; 2007) que propõe uma perspectiva crítica “mundana” de diálogo com a pesquisa, negando qualquer pretensão de neutralidade científica, porém não se eximindo do rigor metodológico.

No **Capítulo 3**, desenvolvo a análise e a discussão do material coletado nas entrevistas com mulheres e homens adultos que *ficam*, à luz da metodologia fenomenológica “mundana”, a partir das descrições das formas como o *ficar* é experienciado pelo universo adulto, pois penso que o estudo das transformações das relações de gênero tem extrema significância não apenas no que diz respeito à compreensão dos vínculos relacionais afetivo-sexuais desde um ponto de vista psicológico, como também, a sua conexão com outras áreas do saber, como a filosofia, a antropologia e a sociologia. Portanto, tento, aqui, fazer uma análise interdisciplinar, com o intuito de ampliar as lentes do conhecimento psicológico no que concerne às relações de gênero, uma vez que o meu objeto de estudo tem sido construído num contexto de tessituras e de complexidades que parece necessitar de várias lentes para ser analisado e discutido. Para tanto, proponho-me a discutir o

ficar entre adultos a partir de diversos aliados teóricos ou pensadores sociais, a exemplo de Holanda (1984), Almeida (1996), Foucault (1998), Merleau-Ponty (1945 [1999]; 1984), DaMatta (1990; 2001), Boris (2002; 2003), Gilligan (2003), Bauman (2004), Moreira (2004; 2007) e Freyre (1977; 2005), dentre outros, que me possibilitaram realizar a tessitura desta dissertação, entremeada principalmente, pelos matizes dos depoimentos das vivências dos sujeitos colaboradores desta pesquisa.

Por fim, teço algumas considerações não definitivas, sobre a experiência e o significado do *ficar* para mulheres e homens adultos na sociedade contemporânea brasileira, mais especificamente na cidade de Fortaleza.

CAPÍTULO I

DO AMOR ROMÂNTICO AO *FICAR* NA SOCIEDADE BRASILEIRA

CONTEMPORÂNEA

1.1 O primeiro *ficar* ninguém esquece!

Não tenho aqui a pretensão de elaborar uma cartografia ou uma arqueologia sobre o *ficar*, porém considero que, para discutir este fenômeno, que vem ocupando, cada vez mais espaço em nossa sociedade, seja necessário levar em consideração os matizes que compõem a sua estampa, primeiramente no universo adolescente e, depois, a sua incidência entre os adultos na sociedade contemporânea brasileira, mais especificamente na cidade de Fortaleza. Neste sentido, começo pelo meu primeiro contato como pesquisadora com o *ficar*.

Como já mencionei no início desta dissertação, o verbo *ficar* na língua portuguesa possui vários significados; no entanto, segundo Ferreira (2001), *ficar* significa trocas de carinhos, por períodos curtos, mas sem compromisso de namoro (p. 345 – 346). Para os próprios adolescentes (Diógenes, 2001; 2002), é um termo criado pelos jovens, para situações que ocorrem em algum momento ou lugar circunstancial (festa, “shopping”, praia etc.), nas quais mantêm contato físico e afetivo, sem compromisso de continuidade, ou ainda, quando “rola uns amassos” (beijos, abraços, carícias e toques físicos), sem se preocupar com o depois. Assim, é comum que adolescentes que “*ficaram*” em uma festa ou em qualquer evento no dia anterior, sequer conversem entre si no dia seguinte. O *ficar* também pode ser conhecido como “tirar uma casquinha”, “tirar um sarro”, “pegar” ou “pegação”, “rolo”, “dar uns amassos”, ou seja, qualquer termo que denote falta de compromisso de namoro ou de continuidade. Os jovens afirmam que, para iniciar um possível namoro, é imprescindível que seja antecedido do *ficar*. Eles argumentam: como vão saber se pode se tornar um namoro se não *ficarem*? Entretanto, naquela ocasião,

constatei que a expectativa do *ficar* como um prelúdio para o namoro, é maior entre as meninas do que entre os meninos. Embaladas desde bem cedo por contos de fadas que findam no “foram felizes para sempre”, as meninas matizaram o ideal de amor romântico, que é trazido no bojo desses contos, em suas tessituras subjetivas. Por isto esperam a possibilidade do restante da “estória” do *ficar*, que poderia se tornar um namoro. Porém, apareceram também algumas vozes dissonantes no discurso das meninas, no qual diziam que só queriam *ficar* e ponto, sem expectativa de continuidade. Já os meninos se mostraram menos preocupados em o *ficar* se tornar namoro ou não. Para eles, o *ficar* assume, eminentemente, um caráter de experimentação, sendo instantâneo e efêmero, se resumindo e se definindo em si mesmo (Diógenes, 2002). Para os meninos, o interesse está na competição entre eles de quem *fica* com mais quantidade de meninas na mesma noite, valendo-lhes alguns títulos como garanhão, pegador etc. Penso que este fator foi sedimentando a sua construção de gênero através das exigências sócio culturais imputadas desde cedo pelos resquícios do patriarcado, para que se tornem machos, exercitando o poder sobre o outro através de suas primeiras conquistas afetivas (Freyre, 2005; Boris, 2002; 2003; Diógenes, 2002; Gilligan 2003). Os meninos demonstraram interesse em ter uma namorada, um dia casar, ter seus filhos e uma mulher só sua, mas não uma que sempre *ficasse*. Para suas escolhas futuras, relataram que teria que ser uma menina séria e que não vivesse *ficando* por aí com um e com outro, “passando de mão em mão”. Já as meninas trouxeram seus discursos recheados do ideal de amor romântico, quando apresentavam suas expectativas de continuidade do relacionamento, no desejo de lealdade e da fidelidade. Relataram suas insatisfações quanto à efemeridade do *ficar* por este não atender a tais ideais, ou até

mesmo a frustrá-los pela não continuidade da relação, fazendo-as sentirem-se descartáveis (Diógenes, 2002; Bauman, 2004).

A continuidade da minha pesquisa anterior e a consideração dos diferentes matizes entre os discursos de meninos e meninas trouxe-me a discussão do ideal de amor romântico e das raízes patriarcais na formação do povo brasileiro como tendo contribuído com uma importante estampa na construção subjetiva e de gênero na contemporaneidade em nossa cultura. Neste momento, proponho, então, visitar o ideal de amor romântico e as raízes culturais brasileiras, antes de discutir a origem do *ficar* como forma de relacionamento afetivo-sexual no âmbito da cidade de Fortaleza.

1.1.1 Os vários matizes do amor: um breve percurso sobre os fios da história

O que tem o *ficar* com o amor, se o primeiro é momentâneo, tem caráter de instantaneidade, efemeridade e não se afina com qualquer tipo de compromisso que não se resuma a ele mesmo? Já o segundo foi disseminado na cultura ocidental como um ideal romântico que deve pautar os relacionamentos, com lealdade, fidelidade ao par amoroso, devoção e amor eterno. Fomos tecidos na cultura ocidental e aprendemos a almejar, desde bem cedo, este ideal de amor, que acolhemos como crença amorosa e passamos a cobrar do outro sem questionar a sua exeqüibilidade. Será realmente possível um amor eterno, ou o amor também carrega a característica de efêmero, como chama de fogo que arde, mas que logo

se extinguirá? O que é o amor? Seria possível responder a essa pergunta, se o amor, de acordo com Costa (1998), ganha uma configuração diferente a cada época e a cada contexto histórico e cultural? Parece não haver garantia de uma resposta única, porém insistirei no questionamento.

Descobri que nem na história nem na literatura há uma definição unívoca do que seja o amor. Ao contrário, em cada época, o amor é abordado conforme o contexto nos quais seus interlocutores estão inseridos. Neste sentido, têm-se notícias do amor na mitologia grega, cujo representante maior é o mito de Eros e Psique, no qual o amor é retratado com todos os seus encantamentos, percalços e dificuldades (Johnson, 1993). A filosofia platônica (século V a.C.) apresenta a idéia de que existe uma alma gêmea. No Banquete de Platão, Aristófanes defende a tese sobre o mito das almas circulares. Elas teriam sido divididas ao meio e condenadas a passar a eternidade em busca de sua metade. Para restituir sua completude e sua felicidade, precisavam encontrar o seu par. Assim, surge o mito da “cara metade”, no qual os indivíduos passam a eternidade a buscar seu complemento para alcançar a perfeição (Platão, 427 a.C. [1996]). Esta corrente também enfoca que o amor é a via pela qual se alcança o supremo Bem e a imortalidade, tornando-se eterno.

No início do cristianismo, São Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios (I Cor 13, 4-8), apresenta um amor de gratuidade, que nada espera em troca, um amor paciente, que tudo suporta, um amor que jamais acaba, que é eterno. Ao se mesclar o idealismo do amor platônico à “caritas” do amor cristão, dá-se uma idéia de que vai se instituindo um amor contemplativo e passivo. Entre os representantes do neoplatonismo associado ao cristianismo, posso destacar Sto. Agostinho (século IV d.C. [1996]) e São Tomás de Aquino (século XIII [1996]). Com eles, começa a se esboçar um amor pautado na contemplação e na supressão dos desejos

“corruptivos da carne”, um amor de renúncia e de devoção, no qual a idealização do ser amado predomina em detrimento de qualquer outro fator, inclusive o contato físico e até mesmo o sexual. A este amor denominou-se amor sublime (Costa, 1998).

Associado ao amor sublime, na Idade Média, surge o amor cortês, típico dos trovadores (Johnson, 1987). Esta forma de amor já trazia em seu bojo as características do amor sublime e de contemplação. Adotou como modelo o intrépido cavaleiro que honrava a bela dama e fazia dela sua inspiração, símbolo de toda beleza e perfeição, o ideal que o incentivava a ser nobre, refinado e voltado para assuntos elevados, a imagem da perfeição. Ainda neste contexto (século XVI, aproximadamente), surge o mito de Tristão e Isolda, no qual o amor é tratado com todo seu apaixonamento e suas impossibilidades. Neste mesmo contexto, Johnson aponta o surgimento do amor apaixonado que se caracteriza pelo furor e arrebatamento do êxtase amoroso, e pela capacidade de extirpar o sujeito de suas obrigações cotidianas e dos deveres sociais. O mito termina em tragédia, como a maioria das histórias que iriam ser escritas desde então.

Na modernidade, as obras de Shakespeare (1597 [1945]) se destacam por seu forte e trágico enfoque do apaixonamento amoroso. Segundo Costa (1998), será Rousseau que elegerá no casamento o lugar do apogeu do amor, e, de um golpe só, vai reunir numa única figuração os ideais do bem do amor (platônico), do sujeito amoroso (cortês) e da felicidade amorosa (amor apaixonado), que antes estavam dispersos. Ou seja,

o casamento passa a ser entendido como forma de atenuar a lascívia que corrompia as almas, o que os poetas e pensadores do amor cortês desprezavam como desnecessário para a existência amorosa, (...) o casamento e a família serão, para Rousseau, o lugar do apogeu do amor (Costa, 1998, p. 68).

Associada a estas idéias, surge também a idéia de auto-realização burguesa, ligada ao amor (Poster, 1979; Giddens, 1993). Será nesta reunião de ideais (platônico, cristão, cortês, apaixonado e burguês) que vão se configurar as características do ideal de amor romântico, porém no percurso da busca amorosa, aparecem o desejo, o prazer, ligados a sexualidade para se entender o indivíduo contemporâneo.

De acordo com Monzani (1996), da época clássica com Platão e Aristóteles até o século XVII, o amor era considerado o Bem supremo ao qual todos deviam aspirar, primeiro conhecendo-o, em seguida desejando-o, para somente depois se deleitar em seu prazer. Mas será a partir de Hobbes (1974; 1976)¹, que serão quebrados os paradigmas clássicos sobre o amor, o desejo e o prazer. Hobbes (1974) inverte a hierarquia das paixões e afirma que a força motriz que move o homem será o desejo que vai de um objeto a outro, e tem como efeito concomitante o prazer e, como consequência, sua relação com o objeto que será o amor. De qualquer forma, afirma Monzani (1996),

o amor já não é mais, como acontecia na concepção clássica, a apreensão de um bem anterior a todo desejo. Por sua vez o prazer já não é mais o estado consecutivo, quando da posse do bem, de repouso e satisfação. Trata-se agora do desejo e de suas manifestações. Daquilo que satisfaz ou não (...) Para Hobbes a essência do sujeito é o desejo, pensar sua supressão é pensar a sua morte. O que significa dizer que a essência do sujeito é desejar indefinidamente (p.200).

¹ Hobbes (1974; 1976) para além de sua teoria política desenvolveu teorias filosóficas sobre o funcionamento do universo e, sobretudo a respeito da natureza humana. Embora não concorde com a teoria mecanicista de Hobbes sobre o funcionamento do mundo e do homem, a sua contribuição para esta importante quebra do paradigma clássico é digna de nota.

Para Monzani, o conceito de desejo será, a partir de então, um dos conceitos-chave emergentes na época moderna que ajudará a compreender a concepção contemporânea de sujeito. A análise hobbesiana sobre a mobilidade do desejo e busca pela felicidade irá influenciar vários outros pensadores daquela época como Malebranche e Locke, que caracterizam o desejo como dinâmico, móvel, inquieto, sempre em busca do prazer, exatamente porque a insatisfação é a sua marca (p.203). Já para Condillac (1947), o desejo não é primordial, é apenas derivado, mas o prazer que é originário é o “único princípio dos meus desejos”. De acordo com Monzani (1996), será a partir de então que as questões sobre a sexualidade começarão a ser abordadas desafiando os tabus e as restrições morais, através de uma literatura do século XVII e XVIII, denominada libertina. Porém, a partir do momento em que a ordem da hierarquia clássica é rompida, e até mesmo invertida, da preexistência de um objeto (o Bem) para o qual o sujeito deveria tender naturalmente ou objetivamente, e passa a desejá-lo subjetivamente, para buscá-lo e satisfazer o seu desejo, novas questões surgem no âmbito das relações, uma delas é o interesse pessoal ou individual, a auto-realização e a questão da utilidade. Daí, para Monzani (1996), a noção de interesse pessoal passa a ser chave na modernidade, através de diferentes termos, como amor-próprio, amor de si, egoísmo, interesse, individualismo. Daí por diante, a satisfação do desejo não irá se restringir somente ao prazer físico e sexual, passando a eleger outras fontes de satisfação na busca de novos objetos.

Neste sentido, estaria então, o amor, no tear da cultura junto com o desejo inquieto, que denota falta e busca constante, com o interesse individual e com o prazer, entrelaçando as relações de gênero?

1.1.2 A tapeçaria do amor: tecida pela moral, pelo econômico e pelo social

Diante do que foi discutido no item anterior, ao amor pode-se atribuir o estatuto de ato, fenômeno, sentimento, idéia ou ideal, ilusão, construto ou crença cultural. O que observei é que, dependendo da época e do contexto socioeconômico e cultural, o desenvolvimento do conceito de amor ganha forma, expressão, significado e disseminação diversos, seja através dos mitos, da filosofia ou da ideologia do poder vigente (Costa, 1998). O manto do amor sempre está no tear da cultura e esta, junto com os seus sujeitos, escolhe e re-escolhe os fios que vão criar as novas estampas ao tecê-lo em seu movimento histórico incessante. Em cada época, a textura do amor é tecida de forma singular. Algumas vezes, nota-se que se quer recriar o manto do amor que vestia as epopéias e os contos de fadas. Porém alguns fios da história mudam irremediavelmente e a textura nunca será a mesma. Ela é sempre singular porque está em movimento com o real e porque cada sujeito individual customiza a sua própria estampa. Talvez os fios que ainda se conseguem encontrar daquela época no mercado, através da mídia e da literatura, de acordo com Alves (2005), são os fios encantados do ideal que teimamos em tecê-los para vesti-los e ensaiá-los na vida real. E mesmo que este manto do amor não caiba no real, adaptam-se e recriam-se formas alternativas de experimentá-lo em cada época, pois, ao longo da história, os vários ideais de amor foram se mesclando, um herdando o que interessa do outro do ponto de vista sociocultural e econômico: social e cultural, porque o amor foi submetido às regras morais para que não corresse o risco de desestruturação do social, através da paixão arrebatadora, que retira o indivíduo dos deveres e dos afazeres cotidianos pela urgência que lhe é

própria (Johnson, 1987; Giddens, 1993), e econômico, porque os casamentos, até a modernidade, eram regidos pelos interesses econômicos entre as famílias, que uniam não seus filhos, mas seus bens (Ariès, 1978; Poster, 1979; Huberman, 1986). Não eram os interesses individuais que estavam em pauta, mas os coletivos. Neste sentido, a sociedade burguesa ascendente foi criando dispositivos para ditar as regras sobre o amor e o uso da sexualidade, nas quais a repressão do arrebatamento apaixonado, que fazia uso da sexualidade, foi a palavra de ordem (Foucault, 1998; 1999)² para preservar a hegemonia do *sócius*. Normatizou-se o sexo, restringindo-o ao casamento. O casamento, como coroamento do enlace amoroso, passou a ser idealizado com o fim de realização pessoal.

O ideal de amor romântico, segundo Giddens (1993) e Johnson (1987), herdou substratos de todos os outros acima apresentados. Foi este ideal que influenciou e influencia até hoje a forma ocidental de se relacionar. É por isto que ele é culturalmente específico. Nascido em finais do século XVII, é uma experiência circunscrita à sociedade ocidental e caracteriza-se como fenômeno de massa, cultivado como ideal e fundamento dos casamentos e dos relacionamentos amorosos. Todas as outras culturas têm sido refratárias a este ideal porque o considera muito próximo do amor apaixonado e, por isto, é perigoso do ponto de vista da ordem e do dever sociais. O argumento é que a paixão é marcada por uma urgência que coloca à parte as rotinas da vida cotidiana, com as quais tende a se conflitar: o envolvimento emocional com o outro é invasivo – tão forte que pode levar

² É interessante frisar que Foucault não trata diretamente do amor romântico. Trata do “verdadeiro amor” entre os gregos, que seria o amor entre os rapazes. Diz que mais tarde a cultura ocidental cristã vai se pautar em alguns fragmentos daquela forma de amar, porém tratando a austeridade, não como fazendo parte de uma ética amorosa, mas de uma forma coercitiva e de renúncia, de caráter sacrificial e não da busca do conhecimento de si, como era a proposta da austeridade amorosa grega.

o indivíduo apaixonado, ou ambos os parceiros, a ignorar suas obrigações habituais, comprometendo sua estrutura com o *sócius*.

Segundo Giddens (1993), o amor romântico implica uma atração instantânea, imediata, um “amor à primeira vista”, mas é separado das compulsões sexuais do amor apaixonado. O “primeiro olhar” é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É uma atração que pode tornar a vida do outro “completa”. Pude constatar este fato em minha pesquisa (Diógenes, 2001), na qual os adolescentes entrevistados afirmaram que a forma como são levados a escolher seus pares é primordialmente através do olhar. Escolhem pela beleza corporal que o outro apresenta e pela forma como está vestido. O olhar se apresenta como uma comunicação entre os interessados em *ficar*.

O olhar aparece como uma atitude comunicativa, e, portanto, ideal das qualidades do outro, revela o que intuitivamente se busca, mesmo que idealisticamente. Neste sentido, o amor romântico como ideal parece impregnar a construção cultural e subjetiva também do povo brasileiro. Mas, por que um ideal?

Segundo Ferreira (2001), ideal é aquilo que somente existe na idéia, no imaginário; que reúne toda perfeição concebível; o que é objeto de nossa mais alta aspiração; o modelo sonhado ou ideado pela fantasia (p. 400). De Rougemont (1988) afirma que o amor se caracteriza por sua impossibilidade, uma vez que cada um quer fazer do amor o encaixe perfeito e a busca de sua “cara metade”, excluindo a diferença. Ele é exercido por humanos e não cede às características de perfeição divina herdadas do neoplatonismo. Costa (1998) afirma: que “o amor é uma ilusão em nome do qual muitas pessoas sacrificam uma vida inteira” (p. 155).

Estando o amor no campo do ideal, ele é inventado e re-inventado numa voracidade consumista em que os sujeitos forçosamente tentam arrastá-lo para

encená-lo no real. O amor, em sua impossibilidade de perfeição ideal, está fadado à ruptura.

No amor romântico, a absorção pelo outro, típica do amor apaixonado, está integrada à orientação característica da “busca”. A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro, e possui um caráter ativo. O processo de conquista do coração do outro é um processo de criação e constitui uma narrativa biográfica mútua, como a escrita de um romance. Isto, entretanto, não necessariamente ocorre no nível real, mas também no ideal. A busca estaria permeada por fantasias de que o amado completaria a existência do amante. Johnson (1987) faz uma crítica feroz ao ideal de amor romântico, afirmando que este ideal é indissociável do arrebatamento apaixonado e é incompatível com a realidade de homens e de mulheres, porque eles estão submetidos às regras da vida cotidiana e não podem se afastar delas com o arrebatamento que tal ideal de amor causa, afastando ambos do equilíbrio social e afetivo. Para Johnson, as idéias que tal ideal de amor sugere é que o sentimento de apaixonamento dura para sempre e que o ser amado é perfeito e sem mácula. O contato com a realidade provoca um sentimento de frustração, que culmina com a ruptura do relacionamento. Quando o apaixonado sai do inebriamento, do êxtase que esse ideal de amor propicia devido ao anestesiamiento do indivíduo, em relação aos outros campos de sua vida que não sejam o emocional, a venda dos olhos cai e, com ela, o mundo idealizado do sujeito. Daí, a realidade começa a parecer sem brilho e sem cor. Ao topar com a rotina dos afazeres cotidianos que impõe o dever, topa-se também, conseqüente ou concomitantemente, com o outro-real, com a diferença, com a alteridade nua e crua, desse outro, que, como todo ser humano, não é encantado e, muito menos, perfeito. O choque de se deparar com o outro em

sua diferença e na sua realidade, e não com o que alimentamos em nossa imaginação, obriga-nos a despir o “príncipe” ou a “princesa” do seu encantamento. Poderia afirmar que o ideal disseminado pela burguesia, que veio a culminar no ideal de amor romântico e que até hoje está entranhado na concepção ocidental de amor, apresenta, em suma, um príncipe ou uma princesa encantados, que, além de parecer dessexualizado, não apresenta outras características ou funções orgânicas inerentes ao ser humano, como arrotar, cuspir, soltar pum, defecar, urinar (Diógenes, 2002). Quando se idealiza a pessoa amada, ela jamais é imaginada na rotina cotidiana ou na privada fazendo as suas necessidades fisiológicas, ou de cabelos arrepiados e com mau hálito ao acordar. A cultura ocidental ensinou a idealizar e a cobrar do outro que cumpra com o que se é desejado, com o ideal de perfeição, mas será que isto é possível? Ou mesmo se sustenta na facticidade da existência?

De fato, segundo Foucault (1998; 1999), deve-se à sociedade burguesa a disseminação desses ideais morais e estéticos que permeiam a cultura ocidental até hoje, conseqüentes de sua hegemonia na produção da subjetividade (Figueiredo, 1996). A assepsia burguesa em relação à sexualidade afetou o Ocidente como um todo, não apenas em relação à pudicidade quanto ao corpo, mas também à fala, e, o que é pior, às idéias (Poster, 1979; Foucault, 1998; 1999). Os mecanismos repressores serviam aos interesses burgueses, voltados, em última instância, para o aumento da produção mercadológica. Ao sair do encantamento e do apaixonamento e se deparar com o indivíduo imperfeitamente humano, há uma quebra, um rompimento de morte. É a morte desse príncipe, que não era príncipe: era sapo. Daí

o sofrimento, a dor, o medo de estar só, e do desamparo³. Logo em seguida, se dá a busca pelo novo príncipe, por ser insuportável a idéia de estar só. Instituiu-se que cada um deva ter seu par. Daí a busca desenfreada e alienada por um par amoroso. O que se busca, na verdade? Preservação da espécie? Ter um par que “refaça” o sentimento de proteção e de amparo infantis? Ser socialmente aceito porque se tem um par? Ou ter um par para ser socialmente aceito? Ou melhor: há uma verdade nessa busca?

A literatura descreve a saga da história amorosa, com percalços, sofrimentos e lutas, culminando com o par amoroso junto, ou, quando não, em tragédia, como em Tristão e Isolda ou Romeu e Julieta. Seria, então, por isto (evitar a tragédia do fim do relacionamento amoroso) que os contos de fadas e a literatura romântica terminam no *foram felizes para sempre*, quando, finalmente, os pares conseguem se unir? E depois? E a vida cotidiana? Por que será que esqueceram de contar o desenrolar dessas histórias? Tem-se tentado moldar o amor aos ideais e às ideologias de cada época, e, como se não bastasse, na modernidade (mais ainda), a cada indivíduo em particular. O amor tem sido amor na cama de Procusto⁴ para que

³ Segundo Freud (1927 [1974e]), em **O Futuro de uma Ilusão**, o desamparo é característica primordial do ser humano e, por isto, ele é levado a criar suas próprias ilusões de amparo. Portanto, aliena-se num ideal para que seja suportável viver e, assim, a vida tenha algum sentido. No caso desta obra, Freud destaca a religião como ilusão, mas, em **O Mal-Estar na Civilização** (1930 [1929],[1974f]), ele generaliza essas ilusões a outras esferas da vida do sujeito. Daí poderíamos parafraseá-lo ou mesmo utilizarmos sua idéia e atribuímos, por extensão, a criação do ideal de amor em contraposição a esse desamparo primordial de que nos fala Freud. Já numa perspectiva existencial fenomenológica, de acordo com Sartre (1938; 1943), o homem vive em sua condição existencial de liberdade condenado à facticidade e às contingências da existência e por isto é obrigado a fazer escolhas e a se responsabilizar por estas para compor o seu projeto de vida. Portanto o homem encontra-se só, desamparado, pois de acordo com o humanismo existencialista, do qual Sartre é considerado o pai, não existe mais um deus responsável pela condução do projeto de vida dos homens como se acreditava no humanismo renascentista no início da Idade Moderna. Suas escolhas sempre estarão implicando o outro, que por sua vez também é um ser livre e responsável e que escolhe escolher ou não escolher. A condição de ser responsável por sua existência gera angústia de se saber em última instância sempre só e finito.

⁴ Procusto é uma figura da mitologia grega no qual ficava no caminho entre duas cidades, em um desfiladeiro onde quem quisesse entrar na cidade precisava ser medido em sua cama. Se tivesse o tamanho exato da cama estava autorizado a passar e entrar na cidade. Não tendo o tamanho da cama, em sendo menor era puxado pelos braços e pelas pernas para ser esticado até caber na cama, o que ocasionava no dilaceramento e na morte da pessoa. Em sendo maior do que a cama,

“caiba direitinho”, mesmo que seja deformado ou decepado em cada idéia (seja coletiva ou individualmente) que se faz dele. Hoje, o amor, com sua efemeridade, está ao gosto do “consumidor”. Mas será que este consumidor está satisfeito com o que, ao longo dos tempos, se tem ofertado como amor? O amor como produto cultural da contemporaneidade tem atendido às chamadas demandas de amor? Onde surgem estas demandas de amor? A busca pela realização do amor parece se confundir com a satisfação do desejo? Ou seria tudo uma questão de desamparo primordial como propõe Freud em **O Mal-Estar na Civilização** (1929-1930/1974f) que precisa ser preenchido pelo outro e esse outro dificilmente corresponde, frustrando ou decepcionando? Estas questões me remetem a uma “falta”, a um hiato a ser preenchido nos sujeitos e nas relações.

1.1.3 Amor, desejo, mídia e consumo

Consultando Freud (1929-1930/1974f) e Jung (1988), ambos afirmam que os sujeitos vivem numa permanente busca de algo que lhes falta. Para Jung, o que falta ao sujeito na sua constituição, ou na evolução do seu “self”, ele projeta no exterior e quer aprisioná-lo na forma física e como a ela não pode abarcar a dimensão do “self” para preenchê-la, o sujeito inflige ao outro o fardo de suas projeções, cobrando o ideal de perfeição. Como este não pode ser atendido, o contato com o real do outro provoca uma quebra ou ruptura do laço amoroso. Logo em seguida, um outro será alvo de suas projeções, e mais outro e outros.

era cortado ou os pés ou a cabeça para que coubesse, ocorrendo também a morte de quem fosse submetido a tal medição.

Para a psicanálise freudiana, o sujeito está sempre em busca da falta que caracteriza seu desejo e que o impulsiona nessa busca inconsciente, deslocando seu amor objetual de objeto em objeto. Porque ele não supre a sua falta, nenhum objeto eleito é capaz de exaurir a demanda de desejo. Assim, outro objeto de amor é procurado (Freud 1920/1974c; 1929-1930/1974f). O que se busca é a reconstituição do conforto, do amparo infantil que foi perdido, ao se descobrir que o objeto de amor infantil (pai/mãe) não era só nosso, e que tinha que dividir com um terceiro. Diante do sentimento de perda, é necessário elaborar o luto e investir em outros objetos.

Tentando compreender este fato no contexto social contemporâneo, e lembrando da inversão da hierarquia clássica sobre o amor e o desejo que nos apresenta Monzani (1996), sou levada a pensar que o objeto aparentemente supridor da falta pode ser buscado tanto no âmbito da afetividade como no mercado de consumo. Em ambos os casos, o deslocamento é feito com o ideal de satisfação e de completude, pois os dois são alienados em nome desse ideal. O sujeito projeta sua falta no outro e anseia, reclamando a completude e a satisfação do desejo. Segundo Costa (1994), o outro diz não, o frustra e ele se volta para os objetos de consumo, pois o mercado é suficientemente rápido e eficaz na produção de novos produtos que possam atender à satisfação desses desejos, já que os objetos de consumo, diferentemente dos seres humanos, jamais dizem não: eles são “perfeitos”. O objeto de consumo, destinado à satisfação do desejo, está indissoluvelmente ligado ao ideal, à imagem e à alienação da completude que nunca se dá. O sujeito tem dificuldade de lidar com sua realidade nua e crua, buscando subterfúgios imediatos para suprir sua falta (Freud, 1929-1930/1974f). Ele realmente acredita que lhe falta algo e que necessita ser suprido, o que vai, então, caracterizar a busca pelo objeto supridor da falta ou de satisfação do desejo. (Monzani, 1996).

De acordo com Lipovetsky (1998), o consumo desenfreado é um sintoma de uma sociedade que busca menos uma diferenciação e reconhecimento social através dos bens adquiridos, do que o prazer de uma satisfação privada. Para Baudrillard (1973), as relações foram sendo atravessadas pelo desejo de consumo, não apenas de objetos, mas também visando à solução de conflitos sociais ou psicológicos. Passou-se a consumir não somente coisas, ou algo que se pensasse necessitar, mas também pessoas em seus relacionamentos instantâneos e efêmeros. Com o esteio de um contexto cultural híbrido e poroso, aberto a absorver as várias mudanças transcorridas desde antes da chamada revolução sexual, bem como as enxurradas de informações do mundo neoliberal globalizado, no qual não existem delimitações claras de fronteiras, as relações estão cada vez mais virtuais e descartáveis (Diógenes, 2002; Bauman, 2004).

Como mencionei acima, o século XX foi palco de grandes transformações nas relações, principalmente nas de gênero, notadamente depois das duas grandes guerras. De acordo com Sennett (1988), o medo e a repressão em que eram pautadas as bases do erotismo burguês, deram lugar à liberdade sexual. Porém ao se rebelar contra a repressão sexual, rebela-se também contra a idéia de que a sexualidade tem uma dimensão social, (p.21). Segundo Sennett, foi pautado nesses conceitos que se configuraram as relações móveis entre indivíduo e sociedade na contemporaneidade, porém, como sugere Elias (1993), de uma forma que foi estabelecida uma rede de interdependência por eles formada, pois as estruturas de personalidade dos seres humanos mudam também em conjunto com essas mudanças de configurações. Será isto que vai se constituir no processo civilizador, que é referido como uma transformação de estruturas individuais e não como “mônadas fechadas em si mesmas”, mas em interação com o social. Lasch (1983) e

Sennett (1988) irão desferir uma crítica ferrenha ao individualismo exacerbado, produto das sociedades ocidentais do pós-guerra. Então, assim como Lasch (1983) lança um olhar sobre o individualismo e o narcisismo⁵ nas sociedades modernas, Sennett (1988) também irá lançar um olhar sobre as sociedades ocidentais, revelando que a exacerbação do individualismo levou à erosão do público e à tirania da intimidade. De acordo com Sennett, multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares e na satisfação de seus desejos imediatos. Porém estas preocupações têm demonstrado mais uma armadilha do que uma libertação, uma vez que vivemos entrelaçados e tecidos em sociedades ditas democráticas e negligenciamos os sentimentos do outro ou o usamos como objeto de descarte, estamos fundamentando o direito ético-moral do outro em fazer o mesmo conosco. Contudo, “intimidade” conota calor, confiança e expressão aberta dos sentimentos. Então, finda-se por esperar que tais benefícios psicológicos permeem a gama de nossas experiências e precisamente porque muita vida social que tem uma significação não pode conceder tais recompensas psicológicas, o mundo exterior, o mundo impessoal, parece decepcionante, rançoso e vazio (Sennett, 1988 p.17)⁶. Acaba-se, então, desqualificando e empobrecendo os vínculos sociais dando primazia ao privado e à satisfação de si, usando e descartando o outro como objeto. Na esfera da sexualidade, o narcisismo afasta o amor físico de qualquer

⁵ O narcisismo é tratado por Christopher Lasch (1983), não numa perspectiva freudiana, mas tomando de empréstimo a interpretação do amor por si, que é relatado no mito grego de Narciso. Amor individual e sem compartilhamento, que embriaga, aprisiona e mata qualquer perspectiva de relacionamento com o outro que não seja em benefício próprio. Narciso, de acordo com a mitologia grega era uma figura extremamente egoísta que só tinha olhos pra si e para a sua beleza. Ele é amaldiçoado pelas ninfas depois da morte da ninfa Eco que fora desprezada em seu amor por Narciso. Ele, então, ao ver sua imagem refletida no lago, apaixona-se pelo que vê. Tenta tocá-la e acaba caindo no lago e morrendo por seu amor orientado exclusivamente para si.

⁶ Parece-me aí que Sennett traz esse olhar a partir de Freud (1929) em **O Mal-estar na Civilização**, quando ele declara que existem três fontes principais de desprazer: as forças da natureza, os relacionamentos interpessoais, que são fontes de decepção e frustração e a degeneração do próprio corpo. Penso que aqui Sennett se utiliza desta segunda premissa para fundamentar suas idéias.

compromisso, pessoal ou social. E acrescenta Sennett (1988): “todo relacionamento sexual sob a influência do narcisismo torna-se menos satisfatório quanto maior for o tempo em que os parceiros estiverem juntos” (p. 22). Há uma troca mercantil de intimidades. Diz-nos Lasch (1983):

Anticoncepcionais eficazes, aborto legalizado e uma aceitação “realista” e “saudável” do corpo enfraquecem os laços que antes ligavam o sexo ao amor, ao casamento e à procriação. Homens e mulheres buscam, hoje em dia, o prazer sexual como fim em si mesmo, não mediado nem mesmo pelas armadilhas convencionais do romance. O sexo valorizado, por si só, perde toda a referência para com o futuro e não dá esperança de relações permanentes (Lasch, 1983, p. 234).

Lasch (1983) apresenta uma perspectiva pessimista em relação ao supervaloramento do sexo em si que conota a efemeridade e a não esperança de relações duradouras ou permanentes. Ele, já na década de 1980, sugere que há uma frouxidão nos vínculos pautados exclusivamente na satisfação dos desejos sexuais e interesses individuais.

Penso que não só o contexto sócio-cultural ofereceu importantes fios condutores para esta tessitura como também o econômico, se for levado em conta que vivemos em uma sociedade de consumo e que esta exerce uma influência significativa nas formas de relacionamento com as coisas e com as pessoas através da mídia (Baudrillard, 1973; Lipovetsky, 1998). É neste ensejo que, na atualidade, a publicidade vem sendo usada como um dos principais recursos da “indústria cultural” (Adorno & Horkheimer, 1990), para forjar as “necessidades”, que os consumidores pensam ter. A “necessidade” segundo Baudrillard (1973), Veblen (1983), Lipovetsky (1998) e Adorno e Horkheimer (1990), é produzida, em última instância, pelo sistema capitalista, que, visando ao lucro, cria seus produtos e lança-os no mercado para serem consumidos. Segundo Adorno e Horkheimer (1990), a propaganda é usada

como “mediadora” através da racionalidade técnica, numa tentativa bem-sucedida de “unificar”, e de massificar as diferentes necessidades, criando clichês para que não haja oposição ao consumo destes produtos, principalmente dos produtos culturais que trazem também em seu pacote o divertimento e o lazer. A mediação feita pela propaganda publicitária induz, influencia e aliena o sujeito a consumir aquilo que ele acredita que lhe falta. O sujeito moderno mergulha em tudo que a mídia oferece como promessa de absoluta satisfação. Como isto não é possível na realidade, instala-se a descartabilidade: o que não supre torna-se obsoleto; outro produto é inventado e jogado no mercado e sua imagem é vendida e veiculada pelos meios de comunicação de massa. Novos e mais avançados produtos e pseudovalores são produzidos e disseminados em série, os primeiros pelo mercado e os últimos pelas novas e utilitaristas ideologias consumistas, que, em última instância, visam aos primeiros. Ambas têm como veículo comum a “mídia”. A máquina publicitária e suas tecnologias induzem o sujeito a um pseudo-utilitarismo consumista que vai tornando objetos e valores obsoletos, efêmeros e instantâneos (Lipovetsky, 1998; Diógenes, 2002; Bauman, 2004).

Como não poderia deixar de ser, estando contextualizado neste momento sócioeconômico e cultural, penso que o amor romântico disseminado pela literatura e pela mídia, através dos filmes e das novelas (Alves, 2005), sofre o peso desse paradigma - o de, também, estar inserido numa sociedade que é regida pelo capitalismo monetário e alienado dos seus ditames consumistas, utilitaristas e individualistas. Neste sentido, penso que como o ideal de amor romântico tem influenciado o ocidente nas formas de se relacionar afetivo-sexualmente, e isto se observa também aqui no Brasil, questionamo-nos até que ponto não seria o *ficar* uma alternativa matizada entre o amor romântico, a ética do consumo e o “jeitinho

brasileiro” para quem não quer estar só e ao mesmo tempo não quer compromisso imediato, com a possibilidade de uma variedade de escolha?

1.2 O *ficar* e suas raízes como forma de relacionamento afetivo-sexual na sociedade brasileira contemporânea

De acordo com Vitiello (199?), o *ficar* começou a ser praticado como forma de relacionamento afetivo e sexual entre os jovens, em meados da década de 1970, especialmente nos grandes centros urbanos, difundindo-se, mais tarde, para praticamente todos os locais onde existam adolescentes. Afirma, ainda, que pode ter surgido pelo temor que a moça tinha, há algumas décadas, de apresentar o namorado à família. Leva-lo até a sua casa seria a indicação de algum grau de compromisso. Mas nem sempre os namoros culminavam em compromissos sérios. Quando acabava o relacionamento, a moça que não queria *ficar* “encalhada” precisava arrumar outro pretendente. Instaurava-se o dilema: se levasse o namorado para casa, e, se não desse certo o namoro, levasse mais outro e outro, oficializando cada namoro, a moça não ficaria bem vista nem em casa e nem na sociedade. Para os rapazes, este fato nunca se configurou como um problema, uma vez que não eram atingidos moralmente, contando com o aval da cultura patriarcal, para a qual seduzir várias mulheres era sinal de virilidade (Freyre, 1977; 2005).

Segundo Azevedo (1986), do rapaz pretendente, a família da moça exigia um mínimo padrão social e moral: que tivesse posses, boa procedência e fosse

respeitável, além do que, era submetido a longas entrevistas com os familiares e sujeito a investigações sobre a veracidade de sua procedência. Na maioria dos casos, os rapazes, dependendo de suas intenções, se esquivavam do inquisitório familiar, por achá-lo desnecessário ou para evitar posteriores cobranças em relação à palavra firmada com a família da moça. Não era de bom tom para a reputação da moça que o rapaz “esquentasse o banco”, ou seja, que demorasse a consumir o casório, pois a moça ficaria “falada” e estigmatizada socialmente. Neste padrão social e moral - o patriarcado -, ou a moça ficava “encalhada” ou desafiava o instituído, namorando escondido. Vitiello (199?), destaca que, em relação às figuras de poder, todo comportamento proibido se torna mais prazeroso e saboroso. Algo que ocorre extra-oficialmente é como se não existisse. Então, no namoro escondido, também não haveria com o que se comprometer, uma vez que não havia testemunhas oculares do ocorrido. Poderia se passar de um parceiro ao outro sem que fosse preciso oficializar a relação junto à família e à sociedade. A moça, com a ilusão de não ficar falada e o rapaz por pura comodidade de exercer seus dotes masculinos sem firmar compromisso. Além disso, de acordo com DaMatta (1990; 2001), na cultura brasileira, historicamente, sempre se arranjou um “jeitinho” para burlar o instituído e buscar novas formas criativas de se expressar. Assim acredito que o *ficar* tenha encontrado no namoro escondido um dos seus primeiros fundamentos para sua expressão em nossa cultura.

Minha pesquisa anterior (Diógenes, 2001), demonstrou que Vitiello (199?), apresenta uma das primeiras considerações sobre o *ficar*, no qual poderia se constituir apenas por uma conversa, mas, geralmente incluindo trocas de carícias e, eventualmente, relações sexuais. Constatei em minha investigação, que o *ficar* começou a se caracterizar definitivamente, pelo uso efetivo que os adolescentes

fazem das carícias, dos beijos e, também do contato sexual. Se, para Vitiello (199?), a chegada ao ato sexual através do *ficar* era uma exceção, a minha pesquisa demonstrou que hoje não é mais. O *ficar*, atualmente é o veículo próprio da iniciação sexual na adolescência. Entre os adolescentes entrevistados, já não há mais *ficar* apenas com conversa entre os *ficantes*. O beijo é o mínimo que pode haver para selar o ato de *ficar*. Isto não quer dizer, no entanto, que obrigatoriamente tenha que culminar no ato sexual. A conversa (quando ocorre) é prelúdio para o *ficar*, mas em Diógenes (2001), constatamos que ela é absolutamente desnecessária. O olhar é usado como veículo de escolha e de aproximação, estando a conversa em segundo ou em último plano, uma vez que o *ficante*, muitas vezes, não chega nem a saber o nome de seu par.

O *ficar*, também apresenta multiplicidade de expressões muito interessantes, uma vez que existem variações nas formas de *ficar*: *ficar* com vários parceiros numa mesma noite; *ficar* só por uma noite (ou ocasião); *ficar* com o mesmo parceiro sempre que se encontram, durante semanas ou meses a fio, porém sem qualquer compromisso de telefonar ou de dar-lhe continuidade, mas apenas de encontrar-se e de *ficar*, sem se preocupar com o depois; *ficar* por *ficar*, apenas porque se interessou por algum aspecto do *ficante*, ou somente para não *ficar* só numa festa, ou, ainda para mostrar que é capaz de *ficar* com quem e com quanto(a)s quis ou se determinou a *ficar* naquela ocasião; *ficar* porque pode estar apaixonado pelo(a) *ficante* (não implicando, necessariamente, que o outro corresponda ao mesmo sentimento); *ficar* porque já estava “de olho” no(a) *ficante* há algum tempo; e *ficar* sem jamais ter visto o(a) *ficante* antes, e assim por diante. O *ficar*, portanto, carrega consigo características de efemeridade, de momentaneidade,

de experimentação, de aprendizagem afetivo-sexual, de multiplicidade de expressões e de falta de compromisso de namoro (Diógenes, 2002).

1.2.1 O *ficar*: exclusividade adolescente ou adulto também fica?

Para Vitiello (199?) e Ferreira (1995), o *ficar* se constituía como um fenômeno próprio da adolescência. Entretanto, na busca de sujeitos colaboradores para a minha pesquisa anterior constatei que o *ficar* não era exclusivo daquele universo, pois naquela ocasião, muitos adultos se interessaram em me falar sobre as suas experiências de *ficar* (Diógenes, 2002). Este fato atiçou meu interesse em dar continuidade aos meus estudos sobre este tema, pois percebi que o *ficar* se configura cada vez mais como um fenômeno múltiplo, ou seja, que não se restringe a uma única faixa etária. Não encontrei qualquer literatura específica que respondesse os incessantes questionamentos que me assaltavam em relação ao *ficar* em adultos: qual o significado da experiência vivida do *ficar* entre adultos de ambos os gêneros? Quais são as suas especificidades, semelhanças e diferenças em relação ao *ficar* entre adolescentes? Quais seus paradigmas em relação à sua tessitura com o contexto sócio-histórico e cultural brasileiro? Qual sua relação com o ideal de amor romântico? Como ocorre o *ficar* entre adultos? Portanto adotei estas perguntas de partida, visando investigar o significado da experiência vivida do *ficar* entre adultos, assim eu estaria me aproximando mais profundamente através da descrição fenomenológica deste fenômeno pelos próprios *ficantes*.

1.2.2 A família patriarcal e a tessitura das relações de gênero no Brasil

De acordo com Freyre (2005), a miscigenação das três raças que compuseram o povo brasileiro (o índio, o negro e o europeu) gerou uma hibridação que é caracterizada por uma sensualidade e por uma criatividade que lhe é própria. Ao longo da história, sempre existiram relacionamentos efêmeros, fugazes e fortuitos, sem compromisso, os quais, hoje, são denominados de *ficar*. Tratava-se de relacionamentos que fugiam às regras da união e da coabitação para a perpetuação da espécie, como era o caso dos antigos habitantes da terra *brasilis*. Ou de preservação do patrimônio, com a chegada da família patriarcal, com os primeiros colonos portugueses. A vinda do europeu para o Brasil, trouxe, inequivocamente, em sua bagagem, fundamentos de uma cultura patriarcal, bem como o ideal de amor romântico que passou a pautar os relacionamentos, embora um e outro, hoje, sejam dissonantes em seus propósitos. Pois se o primeiro tem como propósito a posse e a permanência através do poder, o outro é refratário às regras sociais, arrancando o sujeito das suas obrigações cotidianas, pelo arrebatamento amoroso que lhes é próprio. Não existem registros de que o esses tipos fugazes de relacionamentos, tenham se originado exatamente na adolescência. Segundo Freyre (2005), desde a época colonial as meninas eram dadas em casamento ainda muito cedo, assim que apresentavam a menarca e muitas vezes até morriam logo ao darem a luz, pois o corpinho frágil não tinha estrutura para suportar uma gravidez. O que ocorria é que os viúvos tomavam uma irmã da esposa morta para ser sua nova esposa e cuidar do filho que eventualmente tivesse vingado. O fato é que as meninas se casavam muito jovens e as que não conseguiam casar ficavam no caritó ou para “titia” (pois tinham

que cuidar dos sobrinhos). Os casamentos eram arranjados com a finalidade de dar continuidade ao patrimônio familiar. Os meninos, criados para serem garanhões, se iniciavam sexualmente muito cedo através das brincadeiras com os animais e com as negrinhas, que se tornavam os ventres geradores da casa grande. Os rapazes do sertão se iniciavam sexualmente um pouco mais tarde do que os do litoral, mas logo se observou que era cada vez mais raro se encontrar rapazes donzelos no sertão e que cedo eles adoeciam de sífilis como os rapazes do brejo e do litoral (p. 462). Para Freyre (2005), a conduta sexual do brasileiro, sofreu “vícios na educação” e excessos de mimos em relação à permissividade aos meninos, inseparáveis do que ele considera preponderância das causas econômicas e sociais – técnica escravocrata de produção e o tipo patriarcal de família – sobre as influências de raça ou clima. Freyre também relata que os homens não gostavam de casar para toda a vida e que tinham tendências a ligações efêmeras. Antônio Cândido (1951) faz um excelente relato da família patriarcal brasileira, onde os contratos legais do casamento não incluíam nem a satisfação emocional, muito menos a sexual, incluía somente a preservação do patrimônio e da continuidade do nome da família. E por isto mesmo os homens iam buscar fora do âmbito do casamento a satisfação de seus desejos sexuais. Quanto às mulheres, viviam uma vida de clausura. As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, viviam sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela dos maridos (Freyre, 2005, p. 510-514), cercadas de olhos indiscretos, as mais afoitas namoravam em segredo. Para elas era mais difícil se arvorar em aventuras de amor e quando isto acontecia geralmente uma tragédia se sucedia quando da descoberta. Se casada o marido era obrigado a lavar sua honra com sangue, inclusive o da mulher. Se solteira era possível que fosse mandada para algum convento, jogada na rua ou iam parar em bordéis. Eram

chamadas mulheres perdidas, devassas, porque ousavam querer dar voz às suas emoções e a sua sexualidade. Transgrediam ao instituído pela sociedade patriarcalista. Proscritas eram discriminadas. As que sucumbiam aos ditames das regras patriarcais transformadas em tabus se obrigavam a mutilação da sua sexualidade, não dando voz aos seus desejos, submetendo-a as vontades de seus homens.

É certo que as mudanças no contexto sócio-histórico não aconteceram do dia para a noite. Décadas e séculos transcorreram-se arraigando os costumes da cultura patriarcal onde o amor e a satisfação sexual eram dissociados do contrato do casamento. Se alguém quisesse ter os seus desejos emocionais e sexuais satisfeitos eram levados a transgredir, porém sem correr o risco de desestruturar a célula *mater* da sociedade, que era a família patriarcal. Não só aqui no Brasil, mas como nos aponta Holanda (1984), Gilligan (2003) e Freyre (2005), no sul dos Estados Unidos a formação patriarcal e escravocrata também teceu seus matizes naquela cultura. Se em algumas obras observamos que há uma certa indução a dizer que o brasileiro importa costumes alheios, por ter o caráter poroso, ele também é, paradoxalmente, refratário a essas mudanças (Almeida, 1996). A cultura americana, por ser mais democrática e impessoal, onde os direitos humanos são mais eficazmente observados do que tradicionalmente aqui no Brasil, possibilitou um cenário de mudanças em relação aos direitos de expressão das mulheres, mais rapidamente do que aqui no Brasil, que foi se delineando de forma bastante tímida.

De acordo com Muraro e Puppini (2001), as mulheres emergem como sujeitos sociais, históricos e econômicos nas duas últimas décadas do século XX. Em menos de trinta anos se tornam a metade da população economicamente ativa mundial, na medida em que a sociedade de consumo criou mais máquinas do que

“machos”. As mulheres, assim como os oprimidos, depois de oito mil anos de invisibilidade começaram também a exercer um papel cada vez mais determinante nas estruturas políticas, sociais e econômicas. Observa-se ao longo do processo histórico, nas sociedades ocidentais, várias mudanças sociais, econômicas e ideológicas, que têm afetado todas as áreas em que se pode notar alguma forma de relacionamento humano, culminando irremediavelmente em transformações na forma de comportar, de ser e estar no mundo. Temos sido testemunhas e protagonistas nas últimas décadas desse cenário de mudanças, principalmente no que concerne às relações de gênero. O grande *boom* da chamada revolução sexual, o direito ao divórcio, o advento da pílula anticoncepcional, o sexo livre, o direito a escolha do(s) par(es) amoroso(s), que foram ganhando espaço nas quatro últimas décadas do século XX, teve uma grande importância no cenário que foi se configurando para o surgimento do *ficar* como forma de se relacionar afetivamente.

Penso que o *ficar* foi encontrando na cultura patriarcal brasileira, os vários fios contextuais que foram propiciando a sua tessitura e matizando as suas estampas. O *ficar* se insinuou como forma de transgredir as regras do namoro instituídas pela família patriarcal. Com o passar das décadas e com as transformações nas relações de gênero, principalmente durante o século XX, mais precisamente na sua segunda metade, as mulheres foram conquistando espaço de expressão, saíram da exclusividade do âmbito privado da casa e passaram a exercer competências e habilidades no espaço público que antes era território masculino (Perrot, 2005). Fez-se ouvir seu desejo e sua voz (Kehl, 1996), e as regras de convivência sociais precisaram ser mudadas. Adentramos em um novo território de transformações, o que gerou concomitantemente mudanças nas

relações de gênero⁷ (Giddens, 1993; Muraro e Puppini, 2001; Boris, 2002; Rolnik, 1998). Penso que, diante de uma ideologia patriarcal extremamente arraigada durante séculos, essas transformações não vieram isentas de conflitos.

De acordo com Boris (2002; 2003), a construção das relações de gênero é um processo extremamente complexo, tecido não apenas com o que nos identificamos, mas também com o que nos diferencia dos outros. Badinter (1993) considera, ainda, que a construção da subjetividade masculina é negativa (*não ser mulher, não ser “gay”, não ser dependente, não chorar, não ter medo, etc.*) e que os homens são pressionados e submetidos à violência. As mulheres, por séculos submissas ao poder masculino, os acusam, ainda hoje, de atos machistas e de abuso de poder. Porém, Boris (2003) indaga: que poder masculino é este a que as mulheres se dizem submetida se são elas mesmas as responsáveis iniciais pela construção dos pequenos “machos”? É, sem dúvida, uma relação de poder paradoxal que acabou sedimentando o patriarcado e sua ideologia, que, por sua vez, vêm sofrendo uma série de fortes transformações nas últimas décadas e têm reconfigurado as relações de gênero (Giddens, 1993; Bourdieu, 1998, Muraro e Puppini, 2001).

Atualmente, é certo que, por um lado, a cultura (mais notadamente a do Nordeste do Brasil, segundo Boris (2002; 2003), instiga ou reforça, desde bem cedo, por meio do processo educativo, as meninas a expressar seus sentimentos, suas dores e suas emoções; por outro lado, aos meninos, ainda são vedados estes direitos: desde tenra idade, costumam ouvir o imperativo machista de que “homem não chora”. Expressar ou não expressar suas emoções torna-se conflitante no seu

⁷ De acordo com Muraro & Puppini (2001), as mulheres intelectuais criam a categoria gênero no início dos anos de 1980 – pois nos anos 70 ainda não havia instrumento metodológico para dar conta dessa entrada das mulheres no domínio público. Quase que imediatamente, iniciou-se no mundo inteiro um trabalho meticuloso, pontual, de crítica de todas as estruturas do patriarcado e da sociedade de classes – seja do ponto de vista prático, vivencial, como da perspectiva teórica.

processo de constituição subjetiva, tecido social, cultural e ideologicamente (Boris, 2002), no qual os meninos, desde os 4 ou 5 anos, acabam dissociando suas verdadeiras emoções de suas ações, caracterizando o silêncio dos homens, o tabu contra a ternura e a resistência dos meninos às perdas associadas à masculinidade (Gilligan, 2003 p. 26-27). A partir daí, os contornos da cultura vão imprimir seus matizes mais fortes no que diz respeito às questões de gênero; nos meninos são impressas características consideradas masculinas (no modo de vestir, de andar, de falar, de sentir, de brincar e de agir), e, nas meninas, as estampas da feminilidade, mas acrescentando-lhes a possibilidade de expressar seus sentimentos de forma mais franca, aberta e criativa. A mulher poder chorar e mostrar sua feminilidade, sendo estimulada a expressar suas experiências vividas. O homem ainda não tem se sentido inteiramente a vontade para tanto, embora já tenha adentrado neste campo de vivências emocionais. Os homens da contemporaneidade, ainda tem se sentido confusos em relação ao manejo e a administração da expressão de suas emoções. Parece ainda permanecer o ranço de que “isso não é coisa de macho”. Porém é “coisa” de humano. Não vivemos mais nas cavernas, nos quais os homens, por seu porte físico mais forte, resistente e vigoroso, tinham que desenvolver habilidades próprias para se adaptar ao meio e para sobreviver. As mulheres, mais frágeis fisicamente, estavam restritas às tarefas domésticas e aos cuidados da prole. Os tempos mudaram, as mulheres conquistaram espaço no âmbito público, embora em sua grande maioria, ainda administrem o privado, o lar. Os homens não precisaram mais usar suas habilidades de trogloditas para conquistar, se adaptar e sobreviver no mundo moderno, muito menos para conquistar o seu par amoroso. Ao contrário, destes mesmos homens, está sendo exigido o desenvolvimento de novas habilidades no campo emocional, pois as mulheres têm se tornado mais exigentes

em relação à satisfação dos seus desejos, principalmente os eróticos. O que se observa é que isto tem se tornado conflitante, pois estes desejos não vêm totalmente isentos do ideal de amor romântico que foi disseminado e incutido no imaginário ocidental como forma de se relacionar afetivamente. Inicia-se uma imensa contradição: buscar satisfação emocional e sexual ao mesmo tempo em que se busca companheirismo, lealdade, dedicação, fidelidade, compromisso, segurança e amor eterno. Historicamente, para a família patriarcal brasileira, por vários séculos, era impossível se associar satisfação emocional e sexual com o contrato de casamento que garantia a perpetuação do nome e dos bens. Porém para Foucault (1988; 1999), Giddens (1993) e Costa (1998), a família burguesa, conseguiu a proeza de unir ao contrato do casamento a realização pessoal e satisfação emocional e sexual uma vez que já se começava a ensaiar o casamento por escolha dos próprios parceiros e por afinidades emocionais e amorosas e não somente para manter ou aumentar o patrimônio.

1.2.3 O ficar como forma de se relacionar na contemporaneidade

Alguns séculos se passaram para que as constantes transformações nos contextos das relações sociais, econômicas e ideológicas fossem possibilitando a construção de gênero, e a subjetividade contemporânea. Muitos paradigmas tiveram que ser quebrados como vimos acima, gerando mudanças significativas nas formas de se relacionar afetivamente.

Do namoro escondido ao “*ficar*”, muitas nuances sociais, afetivas e ideológicas se desenrolaram. A conquista do espaço público pela mulher, a luta por direitos iguais, inclusive no de satisfação sexual, foi afrouxando os grilhões do patriarcado que enterrava o prazer (Gilligan, 2003), e aprisionava a mulher a um relacionamento de conveniências. O amor, ao longo desse processo histórico também sofreu transformações, em sua forma de expressão. Cada época, segundo Costa (1998), matizou o amor de acordo com a ideologia vigente. No Ocidente tem-se a marca indelével do amor romântico que serviu de modelo para pautar os relacionamentos amorosos. Porém este ideal não surgiu do nada, mas também não tem uma história definida e demarcada linearmente. Muito pelo contrário, ela é cheia de percalços, rupturas, sacrifícios, sofrimentos e tragédias, muito mais do que satisfação e regozijo. Por isto foi criado ao longo do tempo mitos e romances que dessem conta da impossibilidade da concretização efetiva e duradoura do amor. Muitas transformações ocorreram no âmbito dos relacionamentos até chegar ao *ficar*.

O *ficar* foi se insinuando como forma alternativa de se relacionar no Brasil contemporâneo. Transgressor das normas de conduta do relacionamento amoroso vigente até então, e fortemente matizado pela ética do consumo, o *ficar* começou a ser instituído, definitivamente, pelos adolescentes brasileiros como forma iniciação nos relacionamentos amorosos (Diógenes, 2002). Porém o *ficar* como alternativa para se relacionar afetivo-sexualmente, atravessou as fronteiras da adolescência e parece ter adentrado no mundo adulto. Portanto, meu principal interesse, é compreender o significado da experiência do *ficar* para o universo adulto, em ambos os sexos. Um dos problemas que me proponho a investigar, é sob quais influências esta nova forma de se relacionar vem se construindo no campo social, porque suas

características de momentaneidade, de efemeridade e de falta de compromisso parecem quebrar com os velhos cânones do amor romântico, que duraria para sempre e que pressupõe respeito e fidelidade mútua. Questiono-me sobre como as transformações nas formas de socialização, nas relações de gênero e o controle social exercido ao longo do processo histórico, estariam influenciando na formação dos diferentes vínculos afetivos, principalmente no que diz respeito ao nosso contexto cultural brasileiro, com suas ambigüidades, malandragens e “jeitinhos”. O meu interesse investigativo tentará buscar o sentido da experiência do *ficar* a partir da própria experiência de sujeitos adultos *ficantes* que serão pesquisados.

CAPÍTULO 2

PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

Compreender a experiência vivida do “*ficar*” requer uma investigação que pressupõe um mergulho em vivências de caráter íntimo, e, por esta razão, optei por uma pesquisa pautada nos procedimentos do método fenomenológico, que me parecem ser os mais adequados para a realização dos objetivos a que esta investigação se propôs, pois me permitiu descrever, através dos relatos dos sujeitos colaboradores, como experienciam o fenômeno do “*ficar*”. Para Boris (2002, p. 98), a metodologia fenomenológica repousa em métodos de análise do discurso cotidiano, pois é em grande parte inspirada na etnografia e em temas socioculturais, embora adote características próprias. Ele também nos alerta para o cuidado e o rigor com as escolhas dos aliados teóricos, no que apresentam de divergências e semelhanças quanto à abordagem e utilização deste método.

Conforme Creswell (1998), os principais procedimentos ao utilizar uma fenomenologia são:

- a) O pesquisador precisa entender as perspectivas filosóficas por trás de cada abordagem, especialmente a concepção que visa estudar como as pessoas experienciam um fenômeno. O conceito de *epoché* (redução) é central, pois o pesquisador “põe entre parênteses” suas idéias preconcebidas sobre o fenômeno para entendê-lo através das descrições dos informantes;
- b) O investigador elabora perguntas de pesquisa que exploram o significado desta experiência para os indivíduos e solicita que estes sujeitos descrevam as suas experiências vividas;
- c) O pesquisador, então, coleta dados dos indivíduos que têm experienciado o fenômeno sob investigação. Tipicamente, esta informação é coletada através de longas entrevistas, acrescidas com auto-reflexão e as descrições

- posteriormente desenvolvidas pelo investigador, com informantes variando em número de 5 a 25;
- d) Os passos da análise fenomenológica dos dados são geralmente similares para todos os pesquisadores que discutem este tipo de método. De acordo com Moustakas (1994) e Polkingorne (1989), todos os fenomenólogos empregam uma série de passos. Os protocolos originais são divididos em afirmações ou *horizontalizações*. Então, as unidades são transformadas em grupos de significados expressos em conceitos fenomenológicos;
- e) Essas transformações são vinculadas juntas para fazer uma descrição geral da experiência, a descrição textual do que foi experienciado e a descrição estrutural de como foi experienciado. Alguns fenomenólogos variam esta abordagem, incorporando o significado pessoal da experiência (Moustakas, 1994), usando a análise de um único sujeito antes da análise intersubjetiva ou discutindo o papel sociocultural do contexto no processo (Giorgi, 1978);
- f) O relato fenomenológico se encerra com o leitor entendendo melhor a estrutura essencial, invariante (ou essência) da experiência, reconhecendo que existe um significado unificador da experiência. Desta forma, isto significa que todas as experiências têm uma “estrutura” invariante. O leitor do relato deve sair com o sentimento de que “eu entendo melhor como é para alguém experienciar isso” (Polkingorne, 1989, p. 46).

De acordo com Creswel (1998), uma pesquisa fenomenológica pode ser difícil e desafiante devido às seguintes razões:

- O investigador deve ter um sólido fundamento nos preceitos filosóficos da fenomenologia;

- Os participantes da pesquisa devem ser cuidadosamente selecionados por serem pessoas que tenham experienciado o fenômeno;
- A “colocação entre parênteses” das experiências pessoais pelo investigador pode ser difícil;
- O investigador deve decidir como suas próprias experiências pessoais serão introduzidas e expostas na pesquisa.

Giorgi (1980) descreve sua proposta para análise de dados da seguinte forma:

primeiro, lê-se através do protocolo para captar o sentido das totalidades. O primeiro passo da análise em si mesma é tentar determinar as “unidades de significado” naturais como expressas pelo sujeito. A atitude com a qual isto é feito é a de máxima abertura e a meta específica do estudo não é ainda levada em conta. Após as unidades naturais terem sido delineadas, tenta-se afirmar tão simplesmente quanto possível o tema que domina a unidade natural na mesma atitude que definiu as unidades (p. 87).

De acordo com Boris (2002), o passo seguinte é indagar estes temas dominantes das unidades naturais quanto aos objetivos específicos da pesquisa. Se uma investigação tem várias perguntas, estas indagações devem ser associadas aos dados consecutivamente, não devendo ser misturadas. Na medida em que os temas essenciais e não redundantes tenham sido devidamente definidos, o pesquisador deve tentar ligá-los a uma afirmativa descritiva. Há várias maneiras de se fazer isto, mas pelo menos duas formas são reconhecidas como as mais válidas para a comunicação geral. A primeira forma é descrever o que podemos denominar de nível situado. Significa que aquela descrição que inclui a concretude e as especificidades da situação real de pesquisa empregada. A segunda maneira é uma descrição geral, cujas afirmativas deixam de lado particularidades da situação

específica e se centram naqueles aspectos que emergiram e que, embora não sejam necessariamente universais, são pelo menos transituacionais.

Giorgi (1986) descreve os quatro passos do método fenomenológico:

1. Lê-se a descrição inteira com o fim de conseguir o significado geral da afirmação total.
2. Uma vez que o significado da totalidade tenha sido captado, o pesquisador volta ao início e lê através do texto uma vez mais com a meta específica de discriminar “unidades de significado” a partir de uma perspectiva psicológica e com o foco no fenômeno que está sendo pesquisado.
3. Uma vez que as “unidades de significado” tenham sido delineadas, o pesquisador então examina todas as unidades de significado mais reveladoras do fenômeno sob consideração.
4. Finalmente, o pesquisador sintetiza todas as unidades de significado transformadas numa afirmação consistente considerando a experiência do sujeito. Isto é usualmente referido como a estrutura da experiência e pode ser expressada numa série de níveis (p. 10).

Como vimos, existem vários autores que trabalham o método fenomenológico de acordo com a sua orientação filosófica de origem. Por isto mesmo, Moreira (2004) diz ser um grave engano referir-se à fenomenologia no singular e aponta sua pluralidade quando levanta uma pertinente discussão ao costume de se falar do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia, sem que se leve em conta características e nuances específicas da fenomenologia de cada um dos grandes nomes deste movimento. Diz que se faz necessário especificar de que fenomenologia está se falando: da de Husserl (1996), o fundador da fenomenologia em seu idealismo transcendental? Da de Heidegger (1989), com sua ontologia do ser-no-mundo? Da de Merleau-Ponty (1945), com sua fenomenologia existencial mundana de cunho antropológico?

Para esta pesquisa, optei pela fenomenologia merleau-pontyana, porque traz consigo a proposta de enraizamento do homem, do seu atolamento congênito no mundo, pois trata da facticidade e dos paradoxos da existência, ou seja, “recoloca a essência na existência” (Merleau-Ponty, 1999, p. I), e porque não tenho a intenção de buscar a essência mesma do fenômeno do *ficar*, de uma forma idealista e tradicional, como faria a fenomenologia husserliana. Concordando com Moreira (2004), escolhi usar a fenomenologia antropológica de Merleau-Ponty (1999), por compreender o mundo como ambíguo e poroso, no qual o tecemos e somos por ele tecidos, e por entender a experiência vivida do ser humano imbricado e atolado neste mundo, no qual não se manifesta de forma definida e com um único contorno, mas com múltiplos contornos, nuances e matizes. Optei por este método, também, por acreditar que as suas ferramentas mais facilmente me poriam em contato com as questões íntimas vividas pelos sujeitos me fornecendo um instrumento que prioriza a experiência. Para Moreira (2004), o instrumento é o artifício utilizado para colher dados sobre o fenômeno que se pretende compreender. Escolhi a entrevista semi-estruturada, como instrumento, pois visa, essencialmente, a compreender o significado da experiência vivida do *ficar*, através da descrição desta vivência. De acordo com Boris (2002), a entrevista fenomenológica pressupõe uma descrição que poderia facilmente se prestar a uma análise sociológica ou antropológica. Tal eleição se pautou, também, em minha maior familiaridade com estes procedimentos no Núcleo de Estudos em Gênero (NUGEN) do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, já que o meu percurso acadêmico e a minha experiência profissional com o enfoque fenomenológico-existencial me permitiram um bom embasamento neles.

A análise fenomenológica mundana, que é apresentada por Moreira (2004), não deve ser a mesma para todas as pesquisas. Ao contrário, na medida em que se pesquisa um fenômeno que é mundano, não se pode esquecer da própria mundaneidade como pesquisadora que vivencia uma subjetividade própria, com características tanto universais quanto singulares. Ela afirma que cada pesquisador deve construir suas etapas de análise, segundo as peculiaridades de cada pesquisa. Para criar a análise fenomenológica mundana, ela segue algumas das indicações dos passos de Giorgi (1986), porém com algumas modificações específicas. Ela sugere os seguintes passos:

- a) Divisão do texto nativo (transcrição literal da entrevista) em movimentos, segundo o *tom* da entrevista;
- b) Análise descritiva do significado emergente do movimento;
- c) “Sair dos parênteses”. Aqui o pesquisador, como ser mundano, assume um diálogo com os resultados da pesquisa posicionando-se frente a estes resultados.

Segundo a visão antropológica crítica de Kleinman (1995), para compreender a experiência vivida, não basta levar em consideração os aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos, ideológicos e culturais, se não enxergarmos a tessitura particular que cada sujeito faz em sua experiência vivida singular, a partir de cada um destes contornos e na multiplicidade de seus matizes. Ou seja, é o próprio sujeito quem irá dar a estampa e a tessitura do seu vivido, embora esteja no mesmo tempo histórico, no mesmo contexto cultural e sujeito às mesmas regras sociais que os demais sujeitos que são seus contemporâneos. Kleinman nos presenteia com sua brilhante sensibilidade, apresentando-nos o que temos de paradoxalmente universal como seres históricos e culturais: a nossa

singularidade no “jogo do vivido” na cultura. A forma de experimentar o mesmo fenômeno de maneira diferente, a partir de como nos relacionamos, o significamos, o tecemos e somos por ele tecidos. Será, então, cada sujeito investigado que dará a sua estampa singular sobre o *ficar*, para tecermos com estes matizes de multiplicidades o significado da experiência vivida do *ficar* para os adultos de ambos os gêneros da cidade de Fortaleza.

Para isto, escolhi como sujeitos-colaboradores 20 adultos de ambos os gêneros, heterossexualmente orientados⁸, maiores de 21 anos, que vivenciam a experiência de *ficar* como forma de se relacionar. Depois de selecionados os sujeitos pela faixa etária, orientação sexual e que estivessem somente *ficando*, sem compromisso, nos últimos seis meses, entrei em contato via telefone, me apresentando e dizendo por quem fui indicada para o contato com eles(as). No momento do contato, falei somente, que era uma pesquisa de mestrado sobre as novas formas de relacionamento na contemporaneidade, para não fomentar nenhum tipo de elaboração prévia do que iria ser relatado. Eles(as) aceitaram o meu convite para colaborar na pesquisa a partir da indicação da minha rede de amizades e da rede de amizades deles próprios que iam indicando. A partir de então, outros amigos ou conhecidos *ficantes*, ou seja, entre aqueles que se mostraram disponíveis, facilitando o acesso e evitando a resistência em expressar conteúdos de caráter íntimo sobre suas experiências vividas de *ficar*. A pesquisa foi realizada na cidade de Fortaleza⁹, não só pela facilidade de contato com os sujeitos para a execução das entrevistas, como também por suas características socioculturais e vida noturna

⁸ A escolha por sujeitos heterossexuais se deu para que ficasse melhor definido o meu universo de pesquisa, pois tem-se notícias de que o *ficar* também ocorre no universo homossexual e como pesquisadora sei que cada universo tem suas especificidades.

⁹ Fortaleza é hoje, de acordo com o IPEA a quarta maior cidade do Brasil em crescimento econômico. De acordo com os dados do IBGE de abril de 2007, Fortaleza conta com mais de 2.430.000 habitantes.

bastante diversificada e abrangente. Dezoito das vinte entrevistas marcadas foram realizadas em uma das salas de atendimento terapêutico da clínica na qual trabalho para manter o caráter profissional e investigativo da pesquisa, sendo um ambiente favorável à utilização do método fenomenológico pelo silêncio e adequação do local, permitindo ao sujeito-colaborador expressar suas experiências vividas com o *ficar*. Uma das entrevistas foi marcada duas vezes. O sujeito colaborador não compareceu, ficando assim dezenove entrevistas realizadas. Dez com mulheres e nove com homens. Somente uma das entrevistas, com um sujeito colaborador masculino, aconteceu fora da clínica, no Campus da Universidade Federal do Ceará, em uma sala de aula vazia e adequada às gravações dos relatos do entrevistado.

Seguindo a proposta de Moreira (2004), todas as entrevistas foram gravadas em fitas K7 e, logo em seguida a cada entrevista realizada os conteúdos das gravações foram transcritos em sua totalidade para compor o texto nativo sobre o *ficar*, para o qual foi levado em conta não apenas a expressão verbal, como também as várias expressões não verbais, tais como o silêncio, o tom de voz, a(s) risada(s), as interrupções etc. Cada entrevista durou em torno de uma hora à uma hora e meia. Para Moreira, a entrevista não é entendida como um simples diálogo entre sujeito-colaborador e o pesquisador. Parte do pressuposto de que o sujeito-colaborador está se propondo a colaborar com o pesquisador, contribuindo para que este possa compreender um pouco melhor o fenômeno a ser estudado.

Realizei primeiro todo um bloco de entrevista com as mulheres, por ter sido mais fácil o contato, através da minha rede de amizades, enquanto mantinha contato com os homens indicados também por amigos. Logo em seguida realizei todas as entrevistas com os homens. A cada entrevista realizada eu ia transcrevendo os dados coletados para logo em seguida digitá-los. A escolha por

operacionalizar o trabalho desta forma facilitou-me o manejo com as transcrições dos relatos para a posterior análise e discussão, ficando os dados fresquinhos enquanto trabalhava com eles e não misturando relatos de mulheres com relatos de homens. Desta forma, mergulhava nas descrições de cada sujeito triplamente, antes de partir para a análise quando li cada texto integralmente para em seguida buscar os significados emergentes do movimento das descrições. Acredito que este procedimento também tenha facilitado o processo de discussão e de comparação das especificidades das vivências do *ficar*, para cada gênero que pesquisei. Desde o momento da entrevista/coleta de dados, procurei colocar entre parênteses meus pressupostos sobre o fenômeno do *ficar*, uma vez que já havia trabalhado com este tema há alguns anos. Confesso que não foi fácil por meu atolamento nos estudos sobre o tema. Porém, o fato de ter escolhido a clínica como local prioritário para a realização da pesquisa, também me favoreceu na postura da redução fenomenológica, pois, além de ser o local onde pratico este exercício todos os dias com os meus pacientes, com a atitude de não julgamento e aceitação incondicional como Gestal-terapeuta que sou, mantive a postura de escuta e aprofundamento no vivido do fenômeno a partir do movimento de cada descrição.

Por ser uma pesquisa com seres humanos, os aspectos éticos desta investigação se pautaram na Resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde, na qual, mediante carta de informação ao sujeito colaborador e o termo de consentimento, deixei claros os objetivos da pesquisa, dando liberdade ao sujeito para desistir ou parar de colaborar em qualquer momento da pesquisa, garantindo sigilo total e irrestrito quanto à não identificação dos sujeitos colaboradores, como também assegura o artigo 21 do Código de Ética dos Profissionais Psicólogos; assegurando que o sujeito não sofrerá nenhum prejuízo moral, espiritual ou

psíquico, e me comprometi a usar os conteúdos das entrevistas somente para os fins acadêmicos desta investigação.

Definidos os sujeitos e esclarecidos os aspectos éticos da pesquisa, organizei o percurso investigativo, de forma que a coleta e a análise dos dados possibilitassem descrever o significado da experiência vivida do *ficar* por adultos da cidade de Fortaleza; o que os motivaram a escolher o *ficar* como forma de se relacionar; o que os adultos experimentam no *ficar*, com que frequência os adultos *ficam*; como se dá a escolha do parceiro *ficante*; quais os lugares escolhidos pelos adultos para *ficar*, como é o “depois” para os adultos que *ficam*; quais as expectativas dos ‘*ficantes*’ quanto aos seus parceiros e ao próprio *ficar* e quais são as suas especificidades quanto ao gênero. A riqueza do material coletado, através das entrevistas, trouxe-me uma gama enorme de conteúdos descritos por cada sujeito colaborador entrevistado que me ofereceu algumas possibilidades de trabalhar este material de formas diferentes. Cada entrevista realizada, dada a riqueza e a densidade de suas descrições, já poderia se constituir em material suficiente para uma análise fenomenológica. Entretanto, inspirada pela fenomenologia antropológica mundana de Merleau-Ponty (1945), tentei seguir as orientações que Moreira (2004; 2007) propõe. Decidi, então, usar os conteúdos das dezenove entrevistas realizadas, não no sentido de trazer generalizações sobre a experiência e o significado do *ficar*, mas para fazer emergir as suas singularidades.

Lembrando mais uma vez que, para Moreira (2004), a análise fenomenológica mundana não deve ser necessariamente a mesma para todas as pesquisas, ela sugere que cada pesquisador construa suas etapas de análise, segundo as peculiaridades de cada situação de pesquisa, pois o pesquisador não pode esquecer sua mundaneidade e que vivencia uma subjetividade própria, com

características tanto universais quanto singulares (p. 454). Construí as etapas da análise desta pesquisa de acordo com o movimento das entrevistas e das unidades de sentido que foram aparecendo nos relatos. De acordo com Moreira, esta proposta de análise fenomenológica difere de uma metodologia fenomenológica transcendental no que se refere a dois aspectos básicos. O primeiro é que o pesquisador mundano nunca está buscando uma “síntese”, pois defende que a fenomenologia mundana é um pensamento e um método que está sempre em movimento. Trata-se do que Merleau-Ponty (1984) entendia como uma dialética cíclica, aberta ou a “boa dialética”. Seguindo a mesma linha de pensamento, o pesquisador mundano, busca, tampouco, a essência do fenômeno, uma vez que, para Merleau-Ponty (1945), “a essência está na existência” e que não existe uma verdade absoluta e que não faz nenhum sentido a busca de uma essência, postura que por sua vez tem fortes conotações políticas. Neste sentido, inspirada em Moreira (2004), em vez de estar buscando a essência do fenômeno de maneira abstrata, como pesquisadora estarei buscando sempre o significado da experiência vivida, pois

a busca do significado é a tarefa fundamental para o pesquisador fenomenólogo que conta com um método que se presta a alcançar uma compreensão dos múltiplos significados da experiência vivida, que tem, por sua vez, múltiplos contornos. A busca de um significado mundano da experiência vivida inclui uma visão de ser humano em mútua constituição com o mundo, com a história e com a cultura (p.455).

De acordo com Moreira (1987; 2002), um segundo aspecto importante de uma análise fenomenológica mundana se refere à atitude fenomenológica do pesquisador, ao exercer a redução fenomenológica. Deve-se estar sempre atento a todos os fenômenos emergentes. O pesquisador deverá então praticar a redução

fenomenológica, tentando pôr de lado os seus próprios pensamentos e interesses, estando aberto a qualquer tipo de conteúdo ou tema que venha a emergir em sua pesquisa. Para Moreira (2004), uma das fortalezas da pesquisa fenomenológica é estar aberta ao novo e às possibilidades criativas de compreensão do objeto de estudo, que por sua vez também caracteriza seu caráter crítico exatamente porque ela pode trazer resultados novos e inesperados, totalmente imprevisíveis a partir do que venha a surgir (p. 455). Porém, como afirma Merleau-Ponty (1945), a redução fenomenológica nunca se completa. O pesquisador, por ser mundano, está sempre tentando, mas nunca conseguindo, em definitivo, deixar de lado seus pressupostos para estar completamente aberto ao fenômeno emergente. Na última etapa da análise dos dados, a que Moreira (2004) denomina como “saindo dos parênteses”, eu, como pesquisadora, deixei de praticar a redução fenomenológica, na qual estava colocando minhas idéias preconcebidas e suspeitas relacionadas ao meu “ancoramento congênito”, como pesquisadora mergulhada no tema, bem como sujeito mundano. Aqui eu me assumo como pesquisadora mundana dialogando com os resultados da pesquisa e, principalmente, me posicionando frente a estes resultados, evitando o pensamento de sobrevôo na forma de neutralidade científica (Moreira, 2002). Para Moreira (2004), configura-se aqui todo o potencial crítico do método fenomenológico com base no pensamento de Merleau-Ponty, na medida em que este movimento da pesquisa, provavelmente mais do que em qualquer outro, os vários significados emergentes, bem como a minha atitude subjetiva como pesquisadora, terão múltiplos contornos, que incluem contornos políticos e ideológicos, além dos sociais e culturais. Neste sentido, a partir do que foi se apresentando através dos movimentos dos relatos, discuti alguns contornos

ideológicos, sociais e culturais das vivências dos sujeitos que *ficam* desde suas primeiras experiências com o *ficar*, ainda na adolescência.

Embora seja uma pesquisadora ancorada no mundo e tenha algumas suspeitas sobre o tema pesquisado, não adotei a formulação de hipóteses para este trabalho, por me ser mais familiar e conveniente trabalhar com descrições tanto fenomenológicas quanto antropológicas sem nunca adotar hipóteses, apesar de encontrar em Moreira (2004) respaldo para isto. Penso que, com esta escolha, não me eximo de meu posicionamento mundano, uma vez que me posiciono dialogando, “saindo dos parênteses”, discuto os dados e apresento os resultados da pesquisa.

Vejamos, então, no **Capítulo** seguinte, a análise fenomenológica da experiência vivida do *ficar* e seu significado para mulheres e homens adultos na cidade de Fortaleza.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICAS DAS VIVÊNCIAS DO *FICAR* ENTRE ADULTOS DE FORTALEZA

Descrevo a análise fenomenológica das entrevistas feitas com mulheres e homens que se relacionam através do *ficar*, na cidade de Fortaleza, em duas etapas:

1. Análise e discussão fenomenológicas do significado das vivências do *ficar* entre mulheres de Fortaleza;
2. Análise e discussão fenomenológicas do significado das vivências do *ficar* entre homens de Fortaleza;

A análise comparativa e discussão sobre a experimentação e o significado do *ficar* para ambos os sexos analisados foi feita, concomitantemente, à exposição de cada análise e discussão do significado das vivências dos homens que *ficam*, para aproveitar o percurso da discussão e não ser redundante, tendo que levantar ou lembrar o que ambos disseram sobre cada experiência analisada e discutida.

A discussão foi organizada de forma a evidenciar, segundo sugere Moreira (2004; 2007), o tom e o movimento global dos depoimentos das vivências de *ficar* para ambos os sexos, na cidade de Fortaleza. Concomitante a isto, ilustro os movimentos captados com as falas dos entrevistados, para, logo após, “sair dos parênteses”, possibilitando um diálogo mundano tecido entre o que foi expresso como experiência vivida dos sujeitos colaboradores desta pesquisa, e a minha compreensão como pesquisadora, bem como a dos meus aliados teóricos.

Apresento os meus sujeitos colaboradores através de nomes fictícios escolhidos, aleatoriamente, entre alguns nomes da mitologia greco-romana. Devo ressaltar que não há, em hipótese alguma, nenhuma semelhança caracteriológica

entre os sujeitos colaboradores e os nomes mitológicos escolhidos. Ressalto, ainda, que a razão pela qual escolhi nomes míticos e não nomes comuns cearenses devem-se ao fato de que a pesquisa teve um número de colaboradores considerável para uma pesquisa fenomenológica e, por esta razão, alguns nomes são bastante comuns e seriam relativamente fáceis de ser identificados quando associados aos dados de gênero, de ocupação e de idade. Os nomes míticos, assim, resguardam e asseguram o sigilo oferecido quando da proposta de colaboração dos sujeitos para esta pesquisa. Estarei me utilizando dos recortes das falas dos meus sujeitos colaboradores para ilustrar e fundamentar a análise e a discussão das descrições das vivências. Apresento, a seguir, as mulheres que vivem na cidade de Fortaleza e experimentam o *ficar* como forma de se relacionar afetivamente. Identificá-las-ei pelo nome fictício, pela idade e pela ocupação.

3.1 Análise e discussão fenomenológicas das vivências do *ficar* entre mulheres de Fortaleza

As dez mulheres entrevistadas, com idades variando entre 29 e 43 anos, estão solteiras atualmente e somente se relacionam através do *ficar*. São mulheres que abrangem diferentes classes sociais e formação intelectual. Todas trabalham e são responsáveis pelo sustento de suas casas. Seis delas já foram casadas e quatro nunca casaram formal ou informalmente. Todas as mulheres já namoraram sério, pelo menos uma vez em suas vidas. Nove das dez mulheres, com exceção de uma que casou ainda adolescente com o primeiro namorado, experimentaram o primeiro

contato com o *ficar* ainda na adolescência. Quatro das dez mulheres estavam *ficando* no período em que foi realizada a entrevista. Todas com mais de um parceiro.

3.1.1 Quem são as mulheres que ficam em Fortaleza?

1. **Cibele, 38 anos – Costureira.** Relacionou-se através do *ficar* quando adolescente, mas só de beijinhos. No primeiro namoro sério, engravidou aos 16 anos e casou-se por imposição dos pais. Depois de algum tempo casada, separou-se e namorou sério por mais quatro anos com um parceiro controlador e violento. Rompeu e decidiu não querer mais responsabilidade com qualquer homem: apenas quer *ficar*.
2. **Cassandra, 36 anos – Auxiliar de Enfermagem.** Foi casada, tem um filho. Depois da separação, passou algum tempo em casa, dedicando-se à maternidade e à vida doméstica. Depois, por influência das amigas, decidiu “não perder mais tempo” e “acompanhar as tendências atuais” e *ficar*.
3. **Minerva, 33 anos – Psicóloga.** Nunca casou, já ficou quando adolescente. Descreve-o como um *ficar* ingênuo, ainda sem muita conotação ligada à sensualidade e à sexualidade. Já namorou sério várias vezes e diz não ter se acostumado ainda com o *ficar*.

4. **Perséfone, 29 anos – Auxiliar de Produção.** Nunca casou, ficou quando adolescente, já namorou sério e chegou a noivar, mas decidiu por não casar-se.
5. **Helena, 43 anos – Funcionária Pública.** Foi casada por mais de 19 anos, tem três filhos e nunca ficou quando adolescente. Namorou sério depois da separação, mas decidiu que não queria assumir compromisso com nenhum relacionamento, a não ser que seja cada um em sua casa.
6. **Mélia, 38 anos – Artesã.** Foi casada, tem dois filhos. *Ficou* quando adolescente, namorou sério e diz não aprovar o *ficar* como forma de se relacionar.
7. **Sibila, 39 anos – Free-Lance.** Foi casada, tem dois filhos. Ficou quando adolescente, mas era um *ficar* pra mostrar quem podia *ficar* mais com quem, de competir, sem compromisso e sem responsabilidade. Depois da separação, decidiu *ficar* porque é mais cômodo.
8. **Artemís, 43 anos – Enfermeira.** Nunca foi casada e descreve o *ficar* adolescente como algo puro e ingênuo e que sempre *ficava* nas férias por morar em cidades de veraneio. Namorou bastante. Alguns namoros sérios, mas nunca quis casar.

9. **Antígona, 41 anos – Fisioterapeuta.** Já foi casada, tem dois filhos. *Ficou* quando adolescente. *Fica* por opção, porque lhe dá liberdade de expressar quem é.

10. **Nixes, 29 anos – Pedagoga.** Nunca foi casada. *Ficou* quando adolescente por influência das amigas. *Fica* porque acha difícil encontrar um namoro sério hoje em dia.

3.1.2 Do inocente e despreocupado ficar adolescente à responsabilidade do ficar adulto para as mulheres que ficam em Fortaleza

Constato que as mulheres colaboradoras desta pesquisa alcançaram as primeiras décadas do *ficar*, experimentando-o ainda na adolescência. Elas o descrevem no início de suas experiências afetivas como algo inicialmente ingênuo, romântico, não ligado ainda à sensualidade e à sexualidade, mas um *ficar* que era selado com um beijo – e que podia se encerrar, muitas vezes, somente, naquele beijo. Relatam que naquela época não aconteciam intimidades maiores ligadas à sexualidade que pudessem evoluir para o ato sexual em si apenas num *ficar*.

Na minha época o ficar, que seria aquele primeiro beijo. Não necessariamente teria aquele impulso mais ligado a coisa sexual não. Aquela coisinha, mãozinha boba e tal, comigo era só mesmo beijo. Contato físico só mesmo através do beijo. E aí, atualmente já é um pouco mais... Embora eu saiba que o pessoal jovem hoje, já tá dentro dessa coisa de uma intimidade maior, mais sexual inclusive (Minerva).

Antes quando eu ficava era só um beijinho, e coisa e tal. Hoje em dia não, é diferente. Eu continuo ficando, mas é um ficar diferente, que a gente vai, conversa um pouquinho e depois já acontecem coisas melhores, então é totalmente diferente. E também é mais responsabilidade... mais porque está sabendo o que está fazendo... (risos) (Nixes).

Geralmente o ficar do adulto já quer partir logo para o sexo. Geralmente quando é adolescente o ficar era dar uns beijinhos, não sei o quê... Geralmente era aquela coisa bem inocente, pelo menos na minha época de adolescência até namorar sério, até o sexo era aquela coisa assim muito né... Então o ficar era o quê, era um beijinho, era uma coisa assim, não tinha aquela intimidade maior. E hoje não... Hoje é ficar e já vai direto pro sexo (Ártemis).

Algumas das mulheres, nos primórdios do *ficar*, pensavam que já era namoro e acabavam descobrindo com muita frustração que era só um *ficar* momentâneo, sem compromisso e que raramente tinha continuidade para chegar a ser um namoro.

Quando a gente é mais adulta... não tem nenhum tipo de expectativa. Diferente no adolescente que tem aquela fase de romantismo, que você acha que fica e do ficar pode vir a ser um namoro. E você, na verdade, você não tem a noção que aquilo ali é ficar. Você já acha, que já é a primeira fase do namoro. Mas quando adulto não (Antígona).

Era este, possivelmente, há duas décadas e meia, o momento em que o *ficar* estava se instituindo e ganhando o nome de *ficar*, como é constatado em Vitiello (199?). Notamos aí o forte matiz do ideal de amor romântico, com o desejo de continuidade e idealização do relacionamento, permeando a construção subjetiva destas mulheres desde a adolescência. Havia também o medo de decepcionar os pais ou de perder a virgindade e de ficar falada, resquícios da sociedade e da família patriarcal (Freyre (2005), que não permitia a mulher o livre usufruto de sua sexualidade).

Quando eu era adolescente, a gente ficava assim, só aquele beijo na boca, aqueles abraços, aquela coisa bem gostosa, ir além nem podia, porque tem aquele lance, ah! Porque você é virgem e tal, minha mãe não sabe de nada e eu sempre fui assim uma pessoa que sempre fiz de tudo pra não decepcionar minha mãe, sabe? Nunca me envolvi, assim com pessoas que não devia, assim, pra não dá certa decepção pra ela, pro meu pai, pros meus irmãos. É claro que a gente faz as maluquices da gente né, mas aí hoje em dia a gente fica com um cara e é interessante a gente vai mais além... Fica assim um ficar mais aprofundado né? Acontece, assim, a gente fica uma vez, duas, três, o que der certo. As vezes que é possível e na adolescência não, é aquele namoradinho assim pacato, é aquela cozinha assim restrita (Perséfone).

O *ficar* na adolescência também é descrito com o algo inconseqüente e sem preocupações com a responsabilidade e com as conseqüências de que um envolvimento por mais momentâneo que seja possa trazer.

O ficar do adolescente é uma coisa inconseqüente sabe? Eu fico com o Paulo, amanhã eu fico com o João, manhã eu fico com o Pedro, vai ficando. Já o ficar, trazendo mais pro lado adulto, não! (Cassandra).

As mulheres que nasceram entre a segunda metade da década de 1960 e 1970 experimentaram um importante momento de transição nas formas de se relacionarem e de conquista quanto à liberdade de poder escolher trabalhar, casar-se ou não, separar-se e de planejar se queriam ou não ter filhos, embora algumas tenham casado bastante jovens, ainda na adolescência, por pressão social da família, conseqüência de uma gravidez. Notei nos relatos destas mulheres o processo gradual da construção de suas subjetividades, suas experimentações quanto às vivências no campo afetivo-sexual, desde a adolescência, a dependência aos preceitos patriarcais, bem como rupturas a estes preceitos que fazem parte do importante processo de construção de gênero (Muraro e Puppin, 2001).

3.1.3 O ficar experimentado como exercício da liberdade afetivo-sexual para as mulheres de Fortaleza

O *ficar* tem sido experimentado de múltiplas formas pelas mulheres adultas na cidade de Fortaleza. Minhas entrevistadas experimentam o *ficar* adulto como algo mais maduro e mais seguras do que quer. Enfatizam que às vezes é complicado, porque há uma responsabilidade maior com a seleção dos parceiros e com a prevenção de doenças.

O meu ficado hoje é assim... que eu não sei nem se diz que é ficada. Hoje eu tenho muito mais... Principalmente pela área que eu trabalho. Já trabalhei muito ligada a prevenção de DST's - Aids. Então o ficar pra mim é complicado... atualmente, porque pra ficar eu seleciono. Por isso que eu digo assim, que pra ficar, tem que primeiro ter uma seleção... eu acabo selecionado, apesar de não...não...É aquela história de quem vê cara não vê né ? ...mas eu acabo pelo menos fazendo uma pré-seleção entendeu? (Ártemis).

No *ficar* adulto, já se vai certa de que está valendo o momento e que tentam não criar expectativas de continuidade, embora, em alguns casos, elas relatem ser inevitável. O *ficar* adulto, para estas mulheres, também se caracteriza por ter como culminância o ato sexual.

Quando a gente é mais adulta... não tem nenhum tipo de expectativa, assim, você fica realmente. Você tá bem consciente que ali tá valendo aquele momento, não é uma coisa que você está se programando pra dali surgir um namoro. Diferente no adolescente que tem aquela fase de romantismo, que você acha que fica e do ficar pode vir a ser um namoro. E você, na verdade, você não tem a noção que aquilo ali é ficar. Você já acha, que já é a primeira fase do namoro. Mas quando adulto não, você fica por que você... Assim... Num tem expectativa. Eu não tô ficando ali por que eu tô achando que aquilo vai evoluir para uma coisa mais séria, não. Tô ficando por que tô curtindo, tô gostando e vou ficar (Antígona).

Geralmente o ficar do adulto parte logo para o sexo. Hoje é ficar e já vai direto pro sexo (Ártemis).

Mais exigentes, sabem o que querem do *ficar* e que, apesar de ser um relacionamento momentâneo, para algumas, não tem a intenção de ser descartável. Vivem o momento do *ficar* com intensidade e busca-se o respeito mútuo, mas sem criar expectativas de compromisso.

O que tô vivendo hoje é muito bom porque eu tô ficando, realmente, com uma pessoa que eu gosto de ficar com ele e cada momento que a gente passa junto é prazeroso pra mim e são momentos que eu queira que durasse por muito tempo, só que eu sei que não vai durar. Então eu aproveito todo aquele momento que tá ali. Desde o momento que a gente se encontra e olha no olho, até a gente dar tchau (Nixes).

O adulto ele já quer uma coisa mais séria, uma coisa mais segura, ele já quer ser reconhecido como ser humano, porque suas qualidades, você cresceu, você trabalhou muito, você tem maturidade, então chegou num nível que você quer ser reconhecido, assim por sentimento pela pessoa que você é (Melia).

Para algumas, o *ficar* é algo novo que traz muitas possibilidades de conhecimento, de experimentar, de se deliciar com diferentes parceiros e aprender coisas diversas com o outro. É experimentado como fonte de revitalização, de vivacidade que aumenta a auto-estima, as faz sentirem-se vivas e operantes. Já para outras o *ficar* não é tão satisfatório, chega a ser até decepcionante, mas traz algum tipo de aprendizado.

A experiência do ficar... (risos) é bom demais... Você rejuvenesce sabe, você... sei lá... É sentir a liberdade de ser, de escolha, de poder escolher a pessoa que... Não ter que estar apaixonada, não ter que tá sofrendo, eu acho assim, eu acho bom (Helena).

Ah! Muito bom! Tudo de bom, algo assim de novo. É assim, é uma coisa nova, geralmente, por mais que você ache que saiba de tudo, sempre alguém tem algo novo a lhe ensinar, por mais simples que seja, e numa experiência dessas de ficar você descobre coisas que você já achava que sabia tudo e nem sempre sabia. Ou até coisas

que você já sabia e vê que vem com uma roupagem nova, vem diferente. Eu sempre procuro o lado bom da coisa, e mesmo que venha uma decepçãozinha, ah! Nem era aquilo que eu pensava. Mas analisando a coisa, tem sempre algo a lhe ensinar, um aprendizado é a palavra certa (Cassandra).

Outras, ainda, relatam não ter se acostumado com o *ficar*, mesmo *ficando* há vários anos, sempre experimentam a revivência de uma sensação de estranhamento, daí necessitarem do auxílio de uma bebida para relaxar e estar mais à vontade para *ficar*. E dizem só *ficar*, ou porque não tem outro jeito para iniciar um relacionamento ou por carência, necessidade de contato e de afeto.

Na realidade eu nunca me acostumei com esse ficar (risos). É... Eu sempre fiquei muito pouco até hoje, e isso exatamente por que eu tenho uma dificuldade muito grande com essa questão do ficar que tem alguma coisa a ver com algum tipo de intimidade, que é a minha dificuldade. Então necessariamente o ficar tá dentro dessa dificuldade e... Ai, como eu também sou muito tímida... É uma barreira muito grande poder se aproximar pra poder pelo menos ficar. É muito tenso pra mim, fico muito pouco a vontade. Mesmo já com tantos anos e já ficando algumas vezes esses anos todos, é sempre a mesma sensação. A mesma de antes, eu sempre revivo a mesma sensação. Essa sensação de estranhamento mesmo. Ai quando acontece, se eu não tiver bebendo, eu não relaxo, nem no primeiro beijo, nem no segundo beijo da noite assim, eu realmente não lido muito bem com essa coisa de ficar. A minha vontade sempre foi assim: de ter o primeiro namorado e ter ficado nele mesmo até hoje, não deu certo né? E aí, assim, acabo ficando por que é o jeito né? Mas não é tão natural pra mim não. É o jeito... Tá mais dentro dessa questão da necessidade desse contato, desse beijo, de sentir falta desse beijo, mas é muito difícil eu ficar a vontade (Minerva).

Mesmo estando inserida num contexto sociocultural que já atravessou uma série de mudanças em relação à conquista do espaço público pela mulher, ao direito ao livre uso de sua sexualidade (Kehl, 1996; Rolnik, 1998b; Perot, 2005), está claro no discurso de algumas mulheres o desejo de continuidade, de permanência do relacionamento, bem característico do ideal de amor romântico (Giddens, 1993), gerando uma dificuldade em lidar com as vivências de *ficar*, experimentando sempre

um estranhamento, porque sabem que, muito provavelmente, não vai ter continuidade. A ruptura instantânea não deixa de ser uma perda e toda perda requer a elaboração de um luto ou de micro lutos para que seja possível seguir a vida psicologicamente saudável, “pois quando o trabalho de luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido” para novas tentativas de busca de outros objetos de amor (Freud 1915-1917/1974b, p. 277).

O *ficar* também pode ser experienciado de forma ambígua: intensa ou superficial sem profundidade, sem levar em conta o interior do outro, os valores, a afinidade, um consumo de relações, do corpo do outro (Baudrillard s/d; 1973). É experienciado como uma guloseima a partir do desejo do momento. *Fica-se* com o que se vê na “vitrine”, algumas vezes usando o beijo como termômetro de experimentação do outro para seguir em frente ou não.

Olha, oscila muito. Tem dias que a Sibila está carente, mas a Sibila não quer compromisso, porque a Sibila já teve um compromisso de longo tempo. Então a Sibila quer só carinho. Então, como sou eu que quero aquilo dali, então eu não vou me sentir usada não, porque sou eu que quero. Então vou, saio, brinco, fico e pronto. Mas as vezes é aquela coisa só por cima, ela não tem nada de dentro, é só por fora. Você fica e pronto. Você não tem, não tem nada a ver, não tem afinidade nenhuma. Você fica com a pessoa sem enxergar dentro dela, no interior dela, o que ela tem pra te oferecer, a essência dela. Você fica com o que você visualizou (Sibila).

É como eu chegar num local e ter vontade de comer um prato delicioso, gostoso, bonito, um sanduíche, uma fruta, e aí a gente tem vontade, tem sede naquilo e enquanto não consegue, não sossega. Cada pessoa, cada homem que eu conheço eu quero descobrir uma coisa diferente, nem um é igual, todos são diferentes, cada um tem uma coisa pra lhe ensinar até. E as vezes a gente até ensina também, não é? (Cibele).

Assim, o ficar, depende muito da pessoa que a gente fica... o beijo, quando provo se é aquele beijo que eu gosto, que me agrada eu vou em frente, mas se não for, eu saio de fininho, eu sou assim (Perséfone).

O *ficar* é experienciado com espontaneidade, pois como não há expectativa de continuidade, não há a preocupação de estar agradando ninguém, “fazendo tipo” para a conquista, demonstrando o que não é. No *ficar*, a mulher pode ser ela mesma, sem timidez e sem preocupação do que o parceiro vai achar. Ela pode experimentar sua liberdade de ser despindo as máscaras no exercício do prazer (Gilligan, 2003).

Você fica com aquela pessoa, você curte tal e tal... É bom, é gostoso, é intenso, é intenso, é muito bom, até por que por essa questão de você não ter nenhuma expectativa, como é uma coisa livre, é assim como se fosse um momento que você está em entrega total e você pode ser você mesma, por que você não tem que estar fazendo tipo pra... Pra... Não, esse aqui eu quero por que esse aqui eu vou agir bem direitinho por que eu vou... É alguém que eu quero me relacionar. Não, não tem esse negócio não. Você fica e ali você tá como você é. Não tá nem aí, tá bem espontânea, bem a vontade... Eu acho muito bom (Antígona).

Depois de experimentar, aprender *ficando* com o outro, se deliciando com as guloseimas do *ficar*, há quem decida também por *ficar* para manter sua liberdade e escapar do machismo, como uma forma de vivenciar sua liberdade.

O homem é muito flexível na maioria das vezes, principalmente na primeira vez que fica. Agora, se começar a ficar mais outras vezes, aí eles já querem te segurar, te mandar, te governar. Aí é onde estraga. No começo ele cede a todos os caprichos, aí depois vem o machismo e é onde chega o lado de eu não querer e querer só ficar, porque eu não gosto de ninguém que mande em mim. Todos eles são assim: do pobre ao rico, do gordo ao magro, do velho ao novo, todos eles são assim (Cibele).

O que me motiva a ficar é o fato de eu estar só, separada, é um dos principais pontos. Tá sem namorado e vamos acompanhar o momento... Acompanhando a galera, foi acompanhando as minhas amigas... Aí eu disse: menina é melhor eu ficar, do que eu arranjar uma coisa... Porque eu particularmente acho bem difícil você começar tudo de novo, do zero. Começar a se relacionar com a pessoa pra formar um namoro fixo, pra talvez futuramente rolar alguma coisa a mais... Eu não me vejo mais assim (Cassandra).

3.1.4 Sexo no primeiro encontro = “crise de consciência” para as mulheres?

De acordo com as descrições das mulheres, “rola” de tudo no *ficar* adulto, desde a conversa como prelúdio para a conquista, abraços, beijos, afagos, carícias, até evoluir para o ato sexual em si. Acontece de “rolar” sexo tanto no primeiro encontro ou pode ocorrer de desenrolar o *ficar* com beijos, abraços e afagos e somente em encontros posteriores culminar no ato sexual. Porém não existe um padrão predefinido de como vai se desenvolver o que acontece no *ficar*. As mulheres relatam que depende da pessoa com quem vai estar *ficando*, do local e do clima que rola na relação do momento.

Rola sexo mesmo, transa, beijo, tudo... Rola isso. Mas só que é assim as vezes eu vou pra uma festa e beijo, beijo, beijo e vou embora tá entendendo? Não é toda vida que eu beijo alguém que vai ter que ter sexo não. Porque nem sempre você sente vontade com aquela pessoa, ou fica com um certo receio, né? (Helena).

Algumas mulheres relatam que há uma comunicação através do olhar, como início para o *ficar*, porém gostam que o homem tome a iniciativa de vir cortejar. O ideal de amor romântico aparece aqui na ação comunicativa, através do olhar, numa atração instantânea (Giddens, 1993) e do desejo de ser cortejada pelo cavalheiro.

Quando o rapaz me interessa... Então você olha pra aquele rapaz, se ele me interessa, se ele olhar pra mim eu normalmente tiro a vista, depois eu volto, retorno a olhar, ele tá olhando, então quer dizer que ele se interessou. Aí fica olho no olho. Ele vai ter sempre que vir até a mim porque eu nunca vou, eu sempre fico quieta. Então ele vem e a gente começa a conversar. A primeira coisa é o nome, esse tipo de coisa. Se ele começa a conversar, se o papo me interessa, a gente vê as afinidades e tudo entendeu? Tem uns que já são meio atirados, já vão dando beijinho. E tem outros que já são mais atirados ainda, vai chamando de gostosa e perguntam se não quer ir pra um canto mais calmo - isso não perguntou nem teu nome ainda - que quer conhecer melhor. E esse canto mais calmo significa ou o apartamento dele, ou o meu ou um motel (Sibila).

Outras mulheres gostam que se inicie o *ficar* com bastante conversa, antes dos beijos abraços e carícias, provavelmente para dar a sensação de que se estar conhecendo um pouco mais da outra pessoa.

Depois de muita, muita conversa, daí se eu já tiver bebido algumas cervejas eu vou ficar, artificialmente, um pouco mais a vontade... E aí vai depender do momento e do homem né? Alguns são mais rapidinhos, já pegam e já beijam, depois que vê em que eu tô enrolada, o cara chega e... homens com atitude. Aí outros, tem aquela coisa de ficar pegando nos dedos, pegando na mão, pegando no cabelo, outros começam a elogiar demais. Esse elogio demais, geralmente me irrita. E daí, um beijo, dependendo do local e dependendo do homem as vezes aquela coisa de ficar passando a mão no corpo. Geralmente tem um apelo social, um apelo sexual da parte dele de querer colocar a mão dentro da blusa, dentro da calça, aí se eu já não tava a vontade naquele momento de novo volto a não ficar mais a vontade. Se for numa boate, que é raro ter uma boate com musica lenta, mas quando tem as lentinhas, ai tem uma dança, ai com um abraço forte, aquele contato mais forte que dá pra sentir mesmo a pulsação do coração do outro, isso pra mi é mais envolvente e aí quando é noite de festa geralmente é essa coisa do ficar mesmo, do abraço, de conversar e depois disso se chegar a rolar sexo depois disso... algumas vezes ocorreu a coisa na primeira (Minerva).

Todas as mulheres já experimentaram em alguma ocasião o sexo na primeira *ficada*. Mas relatam que não é um padrão e que também vai depender do momento e se o parceiro agrada.

(Risos) Muitas vezes acontece só o beijo, o abraço. Eu não sei se com você já aconteceu isso assim de você conhecer um homem e na primeira vez você transar com ele. Não sei se já. Comigo já aconteceu isso sabe, eu fiquei muito envolvida por ele. Dessa vez aconteceu, mas não é sempre. Eu não acho muito inviável na primeira vez. Não é querendo ser pura, não. Não é, mas é por que eu não acho legal, você fica uma vez, fica duas... Quem sabe da terceira vez em diante né? Porque o ficar assim... Às vezes fica com uma pessoa só aquela noite e às vezes, como eu tô te falando... Tem aquele agrado de ambas as partes e vai ficando uma vez, vai ficando duas, tá entendendo... Aí... Acaba acontecendo (risos) (Perséfone).

Algumas, ao relatarem que rolou sexo na primeira vez em que *ficaram*, disseram sentir uma certa crise de consciência, porque quebrou o romantismo do prelúdio do *ficar* com beijos e abraços, algo mais “light”.

Aí, aí depende... Já rolou só ficar mesmo, de ficar, namorando ali a noite, beijinho, abraço, agarro, até às vezes uns carinhos mais ousados. Geralmente é assim, e já rolou também de evoluir pra ir pra um local pra ficar mais a vontade e tal, só que pra mim, a minha experiência, eu acho o seguinte: ficar só quando você está beijando, abraçando, aquela coisa mais “light”, vamos dizer assim, eu achei que fosse melhor.as vezes do que evoluir pra sexo. Eu depois fiquei assim, com aquela crise de consciência sabe, assim, ah! Eu não achei que fosse legal. Eu acho que quebrou até o que tinha rolado antes. Então eu acho que depois pode até evoluir, mas isso eu tô falando do ficar de uma noite. Mas se é uma pessoa que você fica constantemente assim, você sai, fica, na outra semana fica de novo, depois fica e até que evolui pra isso, e aí é muito gostoso, é muito bom. Mesmo não tendo compromisso nenhum, cada um pro seu lado, aí é muito bom, mas se for o ficar de uma noite, você conhece e tal, aí é complicado. Mas esse que você vai ficando com a pessoal, aí uma vez ou outra reencontra, fica de novo, aí acaba evoluindo pra o sexo, aí é muito bom (Antígona).

Noto que o matiz do ideal de amor romântico que perpassou a construção subjetiva ocidental (Johnson, 1987 e 1993; Giddens, 1993; Costa 1998), se apresenta neste relato no que concerne ao desejo de perpetuação ou continuidade do *ficar* para somente depois evoluir para o ato sexual como coroamento da relação. Porém, quando o ato sexual acontece no calor do momento, na primeira vez em que se *fica*, é relatada a “crise de consciência”, como se a mulher estivesse fazendo algo errado ou inadequado. Talvez, neste caso, a “crise” não seja ocasionada somente pela quebra do ideal de amor romântico, mas também dos fortes valores patriarcais arraigados em nossa cultura que desde sempre autorizou o homem a exercer sua sexualidade e se firmar como macho. Contudo à mulher era negada essa prerrogativa, ao contrário, ela teria que demonstrar recato e discrição para ter valor e ser respeitada socialmente, se eximindo do exercício de sua sexualidade ou represando-a (Freyre, 1977, 2005; Chauí, 1994; Gilligan, 2003).

3.1.5 Liberdade de escolha e do exercício da sexualidade conquistada através do ficar para as mulheres de Fortaleza

Para as dez mulheres entrevistadas, o significado do *ficar* foi delineado de forma múltipla, plural. Não foi apontado um sentido único, universal. Cada uma descreveu o significado do *ficar* a partir da tessitura de suas vivências mundanas. Porém todas são unânimes em significar o *ficar* como uma importante forma de se autorizar a exercer a sua liberdade sexual com espontaneidade, de escolher a variedade dos parceiros, de se relacionar sem compromisso, sem as fronteiras e sem as amarras do patriarcado, não se preocupando com timidez ou com tabus.

... é muito gostoso, você não ter... Você não ter timidez, porque quando você passa a gostar, existe aquele sentimento, existe aquela timidez e quando a gente só fica, porque geralmente quando fica é um momento que você tá na brincadeira e você não tá nem aí pra o que o outro vai pensar... você é você e pronto, é naquele momento que existe aquela carência mesmo de querer um homem do lado. Existe um momento em que a mulher quer o macho né? E é exatamente isso: aquele momento, mas passou dali pronto, não quero mais, quero ficar só eu mesma (Cibele).

Algumas mulheres descrevem através dos seus discursos uma “liberdade conquistada com muito esforço” de se relacionar, sem ter obrigações domésticas com o parceiro. O *ficar* também pode significar o primeiro passo para uma aproximação, para uma possível intimidade com o outro *ficante*.

Eu acho que é a primeira etapa de uma aproximação pra uma possibilidade de uma intimidade entre duas pessoas e essa intimidade não tem a ver com amizade, já é uma intimidade de uma esfera um pouco ligada á sensualidade, a sexualidade... Tô aqui, ele tá interessado, eu tô só, tem alguma coisa de interessante ai, vamos ver se tem alguma coisa interessante, vamos ver se vale a pena beijar, abraçar (Minerva).

Ele significa rejuvenescimento, renascimento, elevação da auto-estima, e as faz sentirem-se na ativa, acompanhando as tendências dos novos tempos.

O ficar pra mim significa juventude, é renascer. Isso me dá juventude... Ver que eu tô na ativa mesmo, que eu tô acompanhando a juventude, que eu tô acompanhando até mesmo meus filhos. Meus filhos não namoram com ninguém, só fazem ficar mesmo (risos). Eu tô acompanhando a evolução do tempo, eu gosto, eu gosto disso aí, porque eu não quero estar dividindo o meu apartamento com ninguém, eu gosto dessa liberdade. A liberdade conquistada com muito esforço sabe, depois de muito sofrimento (Helena).

O ficar pra mim significa assim... A gente tá num lugar e muitas vezes a gente tá assim tão pra baixo... Alguém tá te percebendo, Tô viva! Tá entendendo?(risos). Pois é, isso aí (Perséfone).

O *ficar* pode significar, além de uma forma de se elevar a auto-estima, uma maneira de suprir uma carência afetiva momentânea, sem precisar assumir qualquer compromisso com o outro.

Muitas vezes eu tô com a minha auto-estima baixa e as vezes eu sinto necessidade de... É tão engraçado que eu não sei se isso só acontece comigo... Mas eu sinto necessidade, não sei se por carência, não sei... De ficar com alguém, de quando eu fico com alguém... Tem aquela pessoa que não te conhece, que não sabe quem você é, nada... Mas ele te olha, diz que tu é bonita, cheirosa, entendeu? Te dá um abraço, pega no teu cabelo, então, muitas vezes pra mim é gostoso. Isso depende da forma que cada pessoa encara o ficar. Pra mim o ficar muitas vezes é bom (Sibila).

O significado do *ficar*, para as mulheres, denota a ruptura com os preceitos patriarcais sob os quais a mulher estava submissa à hierarquia do macho, seu antigo protetor e mantenedor, a quem ela devia obediência e a obrigação de cuidar (Chauf, 1994; Almeida,1996; Rolnik,1998b; Gilligan 2003). Hoje, elas evidenciam através de seus relatos, que encontram no *ficar* uma possibilidade de exercer sua liberdade, não só no âmbito da sexualidade, mas de decidir como quer

compartilhar seu espaço ou não; de dar voz ao seu desejo e ser protagonista nas transformações das relações de gênero (Kehl, 1996; Rolnik, 1998a; Perrot, 2005).

Para algumas mulheres, o *ficar* também pode significar uma falta, por conta da individualidade, do corre-corre dos dias atuais, da falta de tempo. O *ficar* é buscado na tentativa de não se estar só, de suprir uma carência física e emocional, mas o *ficar* somente consegue suprir a carência física. *Fica-se* por falta de opção, ou porque não se tem outra forma de iniciar um relacionamento, o *ficar* significa aqui uma ferramenta com característica de busca. É claro neste relato o forte matiz do ideal de amor romântico (Giddens, 1993; Costa, 1998) a permear o desejo por um relacionamento que não seja efêmero e sim que dure para sempre.

O ficar pra mim significa apenas uma opção, uma falta de opção, pronto! Porque você sai pras baladas e se você não tem um namorado, você sabe que o ser humano é carente, né? As vezes você vai pra uma balada, não tem nada pra fazer, começa a brincadeira, você dança juntinho e aquilo desperta você. Acaba rolando outras coisas, um beijo, uma carícia maior e outras coisas assim. Mas o meu objetivo não é o ficar, não gosto. Meu objetivo seria achar uma pessoa pra eu ficar para sempre entendeu, e não ficar por um dia, por uma semana não é! (Mélia).

Porém ao mesmo tempo em que o *ficar* é descrito por algumas das mulheres como bom e cômodo, porque elas podem *ficar* com quem e quantos quiserem, no momento que quiserem, sem terem compromisso, a quantidade de relacionamentos não supre em qualidade no que diz respeito a estar com o parceiro para compartilhar o vivido, caminhar juntos para sempre como a influência do ideal de amor romântico no ocidente faz acreditar (Giddens, 1993; Costa, 1998). O *ficar* gera assim, por sua falta de compromisso com o outro, uma espécie de vazio, de “algo solto no ar”, sem ligame, um vínculo frouxo, fácil de desconectar (Diógenes, 2002; Bauman, 2004). E cada um, no exercício de sua individualidade, busca a

satisfação de seus próprios desejos, o que faz com que os parceiros *ficantes* como sujeitos da sociedade contemporânea, via de regra, caminhem em direção ao amor num paralelo que quase nunca se tangencia ou se cruza. Cada um experimenta uma espécie de “genérico do amor”, ou seja, um pouco do romance forjado na intensidade da experimentação do *ficar*, mas logo em seguida cada um segue o seu caminho.

Eu acho que ao mesmo tempo que é bom, é ótimo e tal, mas eu também acho que cai naquela coisa, na falta de... Eu nem sei dizer... É como se as pessoas não quisessem mais estar ligadas às outras pessoas, assim constantemente. Então o ficar é muito cômodo por que eu fico com você, mas amanhã eu fico com outra pessoa se eu quiser. Eu não tenho compromisso nem com você e nem com a outra pessoa. Então, eu acho assim, que a experiência do ficar é boa, é claro, mas às vezes ela deixa assim um... Alguma coisa solta no ar, no fim você fica, mas não tem uma pessoa que você compartilhe. Falta o compromisso, aquela pessoa que esteja caminhando com você, junto com você. E eu às vezes acho que dá um pouquinho de vazio. É isso, essa sensação de você não ter esse compromisso. É um genérico do amor, da paixão. Hoje é mais difícil de você ver aquela paixão, aquela coisa, aquela história de amor que a gente vê em novela, que vê em filme, você não vivencia mais isso, até por causa do dia-a-dia das pessoas, do corre-corre. E realmente da individualidade. Todo mundo quer ser muito independente, ter sua individualidade, que esses tempos modernos trazem isso. Ficam dois paralelos, mas não se cruzam nunca. Então eu acho que o ficar vivencia um pouco do que seja o romance, do estar com aquela pessoa naquele momento e ela é toda sua você está entregue a ele, vocês estão entregues naquele momento. Aí cada um depois vai pro seu lado. Eu acho que é isso... um genérico do amor, o ficar (Antígona).

Eu acho que ficar, realmente acaba assim: você ficou, você está satisfazendo aquela necessidade ali daquele momento, mas necessidade física, porque emocional... Num dá pra você... Entendeu... É uma coisa assim, que é mais física mesmo. Que as vezes eu acho que você tá naquela carência emocional e acaba que você não vai resolver a sua carência com aquele ficar ali entendeu? (Ártemis).

A mulher que *fica* tem se autorizado a experimentar o seu prazer, sem que para isto esteja casada ou em um relacionamento com compromisso fechado.

De acordo com Cândido (1951) e Almeida (1996), há quatro, cinco décadas, era somente o homem que ainda podia experimentar o prazer fora dos limites do casamento, pois para os moldes da família patriarcal no contrato do casamento não comportava satisfação emocional e sexual, que teria que ser buscada fora do casamento, com as amantes.

A gente se separou vai fazer 3 anos e eu decidi que eu não quero mais um relacionamento, aquele cara dentro de casa, entendeu? Eu quero... Quero namorar, mas não quero mais aquele compromisso. Eu não me vejo mais com um homem dentro de casa, "onde é que você foi?" "O que você estava fazendo?" "por que você chegou agora?" "Vamos pra tal canto não, não tô afim". Não. Não sei como é que eu me acostumei tão rápido porque eu com 3 meses de separada eu já estava uma outra mulher, sabe! Deitar, chegar assim, na minha casa, abrir a porta, na hora que eu quero, deitar na minha cama, só minha a cama! Daí entra o ficar, como é bom, entendeu? Porque não tem ninguém ali, mas já teve. Eu estive com uma pessoa... Olha, em muitos momentos pra mim o ficar é como um amante (Sibila).

Para as mulheres, o *ficar* tem significado um veículo importante de transformação nas relações de gênero, pois permite a livre expressão da busca e satisfação afetivo-sexual sem necessariamente assumir um compromisso com o outro para isto.

3.1.6 O ficar como alternativa de aplacar a solidão sem assumir compromisso

São várias as motivações das mulheres para *ficar*. Há mulheres que *ficam* porque não conseguem o parceiro idealizado e para não estar só ou para continuar

aberta para relacionamentos que possam vir a ser mais duradouros, seguem *ficando*, mas a preferência destas mulheres seria por namorar sério.

(Risos) na verdade eu não me decidi, eu acho que foi a falta de, de achar uma pessoa assim... Eu preferia estar namorando sério, estar com uma pessoa constantemente, com certeza, mas acontece que não deu. Então a gente vai ficando. Ah, eu gostei, fico mesmo! É bom e tal, é gostoso, naquele momento é ótimo. E as vezes por exemplo, agora eu tô ficando com uma pessoa já há mas de duas semanas. A gente se encontra, fica e tal, mas também sem compromisso né? Ele tá na dele e tal, bem... Mas tá bom... vai indo... (Antígona).

É aquela história, porque acaba que não tem aquela pessoa a gente idealiza muito, quer uma pessoa assim, assim, assado e acaba que não encontra a pessoa é tudo aquilo que você quer entendeu? E aí você acaba que fica. Não dá pra ser uma coisa maior. As vezes tem uma pessoa que te satisfaz muito sexualmente, aí você vai porque realmente nessa parte tá te satisfazendo, Então você realmente fica porque é só aquilo ali que resolve. E acho que também é pelo fato de querer continuar, pra ter alguma coisa, tem que tá mais aberta pra querer um relacionamento mais sério, até pra dar continuidade entendeu? Porque a pessoa não é perfeita, mas tem que estar aberta pra aceitar, pra poder continuar. Acho que eu tô começando a ter abertura, hoje eu tô assim (Ártemis).

Algumas mulheres *ficam* porque não conseguem outra opção para iniciar um relacionamento. Dizem “ser o jeito”, e que isto as entristece muito porque não se sentem valorizadas como ser humano quando *ficam*.

Não, é como eu te falei, não tem nenhum motivo, muito pelo contrário, me entristece muito. A questão é a falta de opção. A questão do ficar pra mim tá acabando com a valorização do ser humano pelo outro hoje, tá acabando. E depois com a internet pioro (Mélia).

Hoje é por que é o jeito! Como eu falei, eu nunca me acostumei muito (Minerva).

Outras *ficam* para acompanhar as tendências atuais. *Ficam* por influência de amigas e porque consideram difícil começar um relacionamento do zero para desenvolvê-lo e culminar em um namoro.

Pelo fato de eu estar só, separada, é um dos principais pontos. Tá sem namorado e vamos acompanhar o momento, mas sempre tendo o cuidado de não ser confundida de com Maria vai com as outras. Acompanhando a galera, foi acompanhando as minhas amigas. Foi acompanhando mesmo o momento. Aí eu disse: menina, é melhor eu ficar, do que eu arranjar uma coisa... Porque eu particularmente acho bem difícil você começar tudo de novo, do zero. Começar a se relacionar com a pessoa pra formar um namoro fixo, pra talvez futuramente rolar alguma coisa a mais... Eu não me vejo mais assim. Eu não me vejo mais. Então o ficar é uma coisinha que tá assim nos parâmetros normais da coisa do momento (Cassandra).

O ficar, ficar, ficar? É... Eu não já te disse que o que me motivou a ficar foi acompanhar a evolução do tempo e ver as minhas amigas, ficando, ficando e eu ficando pra trás (Helena).

Algumas mulheres, por terem experimentado outros tipos de relacionamento, como o casamento ou namoros sérios, por exemplo, depois da separação, decidiram que não queriam mais ter obrigações domésticas ou mesmo dar satisfação do que fazem ou terem seu tempo controlado pelo outro. Decidiram ficar para reagir aos relacionamentos machistas controladores, sem liberdade de ação ou expressão.

Eu sou uma pessoa que eu gosto de ser mais eu. Eu não gosto daquela coisa que você tem que ter o horário, que só pode sair se for com aquela pessoa, tá entendendo? Eu sei que esse ficar é uma coisa que quando chega a uma certa idade... É claro que nada é pra sempre, mas eu vou levando até quando der, tá entendendo? Porque minha mãe é quem diz assim: minha filha tem sempre alguém pra alguém, eu disse: mãe eu não estou interessada agora (risos) eu digo, pelo menos agora não. Vamos ver qual o rumo que as coisas vão tomar. Agora eu não quero. Quero me divertir, eu quero trabalhar, quero produzir alguma coisa tá entendendo? Quero fazer coisas boas na minha vida, quero me sentir bem, alegre (Perséfone).

Então eu vou voltar ao meu casamento, tá? Eu fui casa 18 anos, o meu marido sempre foi infiel e eu sempre o amei muito. Casei por amor, ele também dizia que me amava. Tirando as traições dele, a gente era um casal perfeito. Tudo o que eu gostava ele fazia, eu gostava de sair ele gostava. Só saíamos os dois juntos. E eu cansei de ser traída porque quem ama não trai e a partir do momento que você trai você já não tá amando aquela pessoa. Então a gente se separou vai fazer 3 anos e eu decidi que eu não quero mais um

relacionamento, aquele cara dentro de casa, entendeu? Aquela... Posso até colocar uma aliança no dedo mas que seja legal. Eu quero... Quero namorar, não quero mais aquele compromisso. Eu não me vejo mais com um homem dentro de casa, onde é que você foi? O que você estava fazendo?, por que você chegou agora? Vamos pra tal canto não, não tô afim. O ficar hoje pra mim é como eu via as amantes que o meu marido tinha. Só pega o lado bom, não tem compromisso, não tem cobrança (Sibila).

A decisão por *ficar* para as mulheres também tem múltiplas razões. Depende de suas histórias de vida e de como seus relacionamentos anteriores foram construídos para culminar na motivação para *ficar*. Porém nem todas as decisões das mulheres por *ficar* são voluntárias. Parece haver uma certa coação do contexto sociocultural que as impele a *ficar* e para não estarem sozinhas e carentes acabam optando por *ficar*. De acordo com Elias (1993), as nossas vivências são construídas na interação entre o social e os processos individuais. E apesar de o ser humano ser livre para fazer suas próprias escolhas (Sartre, 1938; 1943), o processo civilizador de que nos fala Elias (1993) influencia também em suas decisões, ainda mais no que concerne ao campo das vivências afetivas. Por não ser agradável a idéia de se estar só, opta-se pelo *ficar* como meio de se buscar um relacionamento, aplacar a solidão, manter a liberdade conquistada ou para não se sentir fora de moda.

3.1.7 Elas preferem os charmosos, maduros e bem sucedidos

A maioria das mulheres entrevistadas relata não ter formalidades para a escolha do parceiro *ficante*, dizem não terem preferência ou um perfil definido, que na hora de *ficar* “não dá pra fazer tipo”. *Ficam* com quem está disponível para *ficar*.

Querida, não tenho... Olhe, por que não dá pra fazer tipo pra ficar. Por exemplo, eu gosto de homens morenos, mas as vezes tem um loirinho que tá ali... Ai né... Eu... (Antígona).

Não, eu não tenho essa formalidade não. Eu gosto de ficar com pessoas que me atraem. Eu gosto de pessoas que tenham entre 25 e 35 anos, que são pessoas que eu sei que faz as mesmas coisas que eu, embora sejam coisas diferentes, mas que sejam da mesma idade. Gosto mais dos morenos, não gosto muito de branco, mas se aparecer um branquinho né... Quem sabe? (Nixes).

A gente quando tem mais de 40 anos não tem mais assim esse perfil... Ah! Um alto, loiro... É aquela pessoa mesmo que corre o sangue na hora e, é aquela coisa que esquenta, o beijo na boca, aquela coisa, beijo é bom, é gostoso (Helena).

Algumas das mulheres colaboradoras, apesar de terem se relacionado com homens mais novos, preferem homens mais maduros e mais velhos, que já tenham uma situação financeira definida, e, assim como elas, tenham seu próprio espaço para desfrutarem o estar juntos naquele momento.

Particularmente o meu, é geralmente, homens um pouco mais velhos do que eu com a idade entre 40 e 50 anos. Já ocorreu de ter pessoas mais jovens, da mesma idade. Mas eu não sei se já foi eu que determinei isso na minha cabeça: eu só quero se for mais velho (Cassandra).

(Risos) tem. Geralmente, ultimamente... Eles são um pouco mais velhos do que eu... Porque antigamente, eles eram geralmente mais novos. Agora não, eles são um pouco mais velhos, já tem uma situação financeira definida, eu vou pra casa deles, porque eu não moro só. Então é nesse perfil. É uma pessoa que já tem a sua casa montada e tudo, que a gente tenha uma privacidade de ir sem problemas... Que mais... Assim geralmente físico... Vixe Maria... Eu acho que cai naquele físico assim magro, alto, beleza não tem assim... é charmoso. Pronto! Uma coisa que me atrai é o charme, não é a beleza. Não precisa ser louro, nada. É aquela história, porque acaba que não tem aquela pessoa a gente idealiza muito, quer uma pessoa assim, assim, assado e acaba que não encontra a pessoa que você é tudo aquilo que quer entendeu? E ai você acaba que fica. Você... Não dá pra ser uma coisa maior. As vezes tem uma pessoa que te satisfaz muito sexualmente, ai você vai porque realmente nessa parte tá te satisfazendo, mas não é aquela pessoa que você quer ter ali como companheiro (Ártemis).

Preferem homens que gostem de conversar, que sejam sérios, não gaiatos e nem cínicos; que andem só e não em turmas; que seja um homem decidido, que sabe o que quer, e fisicamente charmoso e não necessariamente alto, bonito.

Eu gosto de homem alto, sério, não gosto de homem gaiato. Ele pode até ser sério, mas numa piscadinha de olho ele te pega no olhar. Não gosto de homem que fica arrodando, homem que fica com timidez não. Gosto de homem direto. Que saiba o que quer e se garanta (Cibele).

Então, não necessariamente o cara tem que ser bonito ou muito bonito, pode ser feio, mas aí eu tenho que ficar agradada com a conversa e aí nem todos estão a fim de conversar muito ou se conversam, começam a falar muita besteira ou conversas desconectadas ou conversa muito rapidinho por que já está pensando no ficar. Então nesse momento eu já dou fora. Então eu realmente fico muito pouco (Minerva).

Eu fico com quem me atrai, com quem me chama a atenção. Eu gosto assim... Dos homens morenos, fortes (risos), assim... De homens grandes, mas sabe o quê que acontece? Só aparece pequeno pra mim. Eu tenho uma carma (Perséfone).

Há quem prefira *ficar* com homens mais novos, com homens que conquistem pelo olhar, e pela forma de se comportar quando do momento da conquista, homem com “jeito de homem”, um cavalheiro, nem grosso nem afeminado, o que para Giddens (1993) denota uma atração instantânea, imediata, a comunicação pelo olhar e pelo galanteio, que é própria do ideal de amor romântico.

Eu gosto de homem sério, não gosto de moleque, mas eu sempre namoro homens mais novos do que eu. Mas não é por ser bem mais novos que... Porque depende muito do comportamento, eu gosto de homem sexy, que tenha um bom papo, que tenha um pouco de afinidade comigo, que goste dos mesmos ambientes, goste de amigos, essas coisas assim (Mélia).

Eu gosto de homem gentil, eu gosto de homem com jeito de homem. Aquele cara que ele nem é grosso, nem é afeminado, entendeu? Não gosto de homens muito maduros. Eu gosto de olhar prum homem de até 45 anos estourando. 35 à 45 tá. Eu gosto de homem que sorri, sem ter cara de cínico. Adoro homens inteligentes. E fisicamente falando... Normal, nem gordo, nem magro, não gosto de homem escuro, não gosto, não dá tesão, não dá pra mim (Sibila).

As mulheres adultas, por sua maturidade adquirida ao longo de suas vivências, não escolhem, os seus parceiros a partir de suas idealizações de físico, beleza ou perfeição. Elas sabem que não é possível abarcar todo esse conjunto no real, mas, mesmo assim, não deixam de idealizar e se sentem atraídas pelo charme, pela forma como se dá a conquista, pela abordagem e pela conversa. Constatei que a mulher se sente atraída mais pelo que ouve do que pelo que vê e por isto a primazia pela conversa. E de acordo com Giddens (1993) e Costa (1998), escolhem parceiros a partir de suas identificações, do que lhes é próximo cultural e sócio economicamente.

3.1.8 O público e o privado: espaço da conquista e das trocas afetivas

Para as mulheres entrevistadas, não existe um lugar padrão para se desenrolar o *ficar*.

Eu acho que não tem um lugar ideal pra você ficar com uma pessoa, assim, você vai ver se vai encontrar uma pessoa, vai paquerar com ela pra depois ficar, pra marcar pra ficar ou alguma coisa assim. Eu acredito que isso acontece muito no dia-a-dia, no caso, como eu vou pra academia, acabo paquerando com uma pessoa lá. Depois no trabalho, acabo paquerando e aí pra sair a gente... Eu gosto de ir pra barzinhos, gosto de ficar num barzinho, numa lanchonete, pode ser num shopping, num cinema, esses tipos de lugares assim... Até numa festa, num show (Nixes).

Num existe aquele local exato, por que as vezes a gente vai a um barzinho, a uma churrascaria e as vezes acontece de você conhecer uma pessoa ou uma pessoa que você já tem ficado outras vezes, tá entendendo? Mas assim... Aonde der certo. As vezes a gente conhece uma pessoa até mesmo no ponto do ônibus, essas coisas assim. Não é que a gente vá ficar lá! Aí tem aquela troca de telefone e tal... Depois a gente liga, aquelas coisas todas né? Mas geralmente acontece assim nos barzinhos, agente vai nas festas, aí acontece muito (Perséfone).

Assim como para os adolescentes, o *ficar* adulto pode acontecer instantaneamente em festas, baladas, shows, boates, forrós, que são os lugares onde existe maior concentração de gente, tornando-se mais fácil de encontrar alguém pela quantidade e diversidade de pessoas (Diógenes, 2002).

Geralmente quando acontece é quando a gente tá em diversão: festas, eu sou uma forrozeira de carteirinha. Quando ocorre de encontrar um ficante, quando não ocorre, vai direto pra casa, tchau, dormir o sono da beleza, pra começar tudo de novo no outro dia. Nem sempre aquele fica ocorre naquele dia, se torna um ficante naquele dia. As vezes rola, como se fosse, assim, um princípio de uma amizade da primeira vez, marca-se para encontrar de novo o grupo a turma, sei lá, ou até mesmo só os dois quando a conversa é interessante ou tem algo a ver, aí sim aquela ocasião é que se torna um ficante, que rola o ficar na verdade (Cassandra).

Olhe, eu sempre fico com alguém na balada, que é onde a gente encontra as pessoas. Barzinhos... fiquei só uma vez na praia. Fiquei na praia, era um dia de sábado, foi... Foi a única vez. O resto foi tudo na balada, tudinho (Sibila).

Lugares... Geralmente são festas que tenham dança. É mais fácil, mas quando você vai conhecer alguém pra ficar, ah, um barzinho que tem uma música romântica, ou que tenha dança uma coisa assim bem calma né, bem agradável (Antígona).

Mas, de acordo com os relatos das mulheres, o *ficar* também pode iniciar pela conquista num espaço público, como barzinho, praia ou até mesmo num ponto de ônibus, e depois ter sua culminância em algum lugar privado, como cinema, casa ou apartamento de um dos parceiros *ficantes* ou em um motel.

Barzinhos, praias, mais em praias. Pode ser no cinema... (Mélia).

Geralmente, eu fico pensando assim, tem que ser um lugar neutro que eu... Que tenha menos perigo pra mim. Outra coisa que eu morro de medo é de... Eu prefiro ir no meu carro, porque na minha cabeça, se eu tô saindo com um cara pela primeira vez, quando eu não conheço... Porque quando eu já conheço, que é amigo de uma amiga, ou uma coisa assim, você já tem um referencial, mas quando você conhece um cara, a primeira vez, eu não sei de nada, então é no meu carro que eu tenho que sair. E ficar mesmo, geralmente é num motel, ou as vezes eu me arrisco, dependendo da situação, a gente vai pra casa da pessoa (Ártemis).

Existe claramente uma delimitação entre o espaço onde ocorre a conquista para *ficar* e o espaço escolhido para as trocas afetivo-sexuais. Inicia-se com a conquista pela conversa em um espaço público, dando continuidade ainda no espaço público, porém mais reservado e discreto, para algumas trocas afetivas como abraços, carícias e beijos, para depois, no mesmo dia/noite, ou em outra ocasião marcada, para as trocas de cunho mais íntimo e sexual.

3.1.9 Do fixo ao esporádico: a freqüência do ficar varia para as mulheres de Fortaleza

Também não existe um padrão ou uma freqüência exata para a mulher *ficante ficar*. *Fica-se* bastante nas férias de trabalho, quando se tem mais tempo para sair e nos finais de semana.

Quando eu tenho muito tempo pra sair eu fico mais. Nas férias... Quanto mais eu passear, mais opções eu tenho e eu não dispenso. Quem não gosta de um bom passeio, de uma boa companhia, coisas diferentes, um homem cheiroso, quem não gosta

disso? E principalmente no meu caso que sou uma mulher livre (Cibele).

Pode acontecer de se *ficar* com um parceiro e nunca mais vê-lo, como também de *ficar* com o mesmo parceiro mais de uma vez ou várias vezes, durante semanas ou meses a fio. Além disso, pode ocorrer de se *ficar* com mais de um parceiro no mesmo período sem que nenhum deles precise tomar conhecimento da existência um do outro. Porém, não há nenhuma intenção de se manter segredo, uma vez que é uma relação livre e sem compromisso.

(Risos) agora eu tô ficando toda semana. Tô ficando com essa pessoa que tô ficando. Toda semana, as vezes a gente tá assim ficando duas vezes por semana está com 5 meses. Toda vida que eu vou pra festa, parece que tem um negócio assim, eu chego aí fico mesmo, é bom demais. Ai ele liga pra mim: “você foi pra festa”? Eu digo fui: “você ficou com alguém”? E eu digo: “não, fiquei não!” (risos) (Helena).

De acordo com Diógenes (2002), esta multiplicidade de frequência e troca de parceiros também pode ser observada no *ficar* adolescente, embora a frequência e a troca de parceiros no *ficar* adolescente seja consideravelmente maior porque há mais tempo disponível para o *ficar*.

Vamos ver... Umás duas vezes na semana... É... Duas vezes na semana, é uma média quando a gente sai. Sim, é com ele, mas eu tô ficando com outro (risos), mas esse outro é mais raro assim... Aqui e acolá agente ficou e tal, sai pra tomar uma cervejinha e tal e tudo bem. Esse é já de outras ficadas, tá entendendo? O ficante atual é um, mas tem outro que a gente fica aqui e acolá que são as antigas ficadas (risos) (Antígona).

Engraçado, isso é... Não é sempre assim... As vezes saio, vou num barzinho... Tem dias que não conheço ninguém sabe? Mas tem dias que você tá ali querendo, assim naquela ansiedade toda... Quando não acontece, ai você chega em casa com aquele ar de derrotada, de que foi um fracasso aquela noite sabe? Você tem uma meta a cumprir e não é possível você fazer, você vai pra casa tão cabisbaixo, com aquela sensação de fracasso né? Pois é, é a

mesma coisa acontece assim comigo. Não é sempre também que a gente fica, não é todo dia, não é todo final de semana não, mas é bom quando acontece (Perséfone).

Uma das mulheres descreve uma sensação de fracasso e derrota quando sai e não consegue alguém para *ficar*. É como se não conseguisse alcançar a meta estabelecida pela expectativa de estar com alguém, não consegue satisfazer o desejo de contato físico com o outro, afetando a sua auto-estima pela não realização do desejo (Monzani, 1996). Outras, ainda, relatam terem diminuído a frequência de *ficar* por medo da violência ou porque estão selecionando para encontrarem “algo melhor”, ou seja, um relacionamento que dê mais estabilidade e compromisso ou por medo da violência.

Vixe Maria! (risos) ah! É difícil. Eu nem sei, porque tem épocas assim que eu fico com mais e eu nunca nem parei pra ver assim... Nem sei... Ultimamente, esses três últimos meses eu já estou mais paradinha, bem calminha, de dizer não vou ficar com ninguém, pra ver se aparece uma coisinha melhor... vou só conhecer, conversar e nada mais sério... Não sei, mas eu acho mesmo que por medo de violência, de... sei lá, tanta coisa... (Ártemis).

Por falar nisso faz um tempinho que eu não fico (risos). Deixe eu ver... Uns 6 meses. Eu dei um tempo de sair, pronto, faz uns 6 meses que eu não fico. É... É isso aí (Sibila).

Penso que a frequência, a liberdade e a variedade com que as mulheres se relacionam através do *ficar* pode se configurar como um marco na história de suas conquistas no campo não só da expressão de sua sexualidade, mas no âmbito das relações como um todo, mas principalmente nas relações de gênero, pois nunca se teve notícia de que a mulher tivesse alcançado tal flexibilidade, liberdade e plasticidade no campo das relações afetivo-sexuais.

3.1.10 O depois para as mulheres que ficam: entre a satisfação do desejo e a elaboração da expectativa de continuidade

O depois para as mulheres que *ficam* se apresenta muitas vezes de forma ambígua, pois pode chegar de um extremo ao outro: de ser muito bom até a uma sensação de vazio, de uso e descarte.

Bom, quando eu escolho... Beleza! Quando eu sou escolhida... Péssima! Porque nunca... Minto, uma vez só, um ficante meu que me escolheu, me ligou no outro dia. Quando a pessoa não liga, eu me sinto... Usada... Descartável. É ruim você vai pra frente do espelho você fica se achando feia, velha... Você esperou a pessoa nem te liga, teve uma noite ótima com ela e a pessoa nem te liga, já partiu pra outra, continua a vida. Daí porque eu não gosto de ser escolhida. Daí porque eu gosto de escolher (Sibila).

Pra quem fica o depois é primeiro um vazio, como eu te falei. Depende do que eu vejo na pessoa, porque as vezes você pode sair com uma pessoa e ser super gostosa a noite, mas quando ele ter deixa em casa, que “te ligo depois” aquilo me dá uma ânsia, né? Porque aquele “te ligo depois” me deixa muita interrogação, esse depois. Depois quando? E aí? Cria expectativa, é muito ruim porque eu sou muito fácil de me apaixonar, eu sou muito fácil de querer um relacionamento, entendeu? E isso pra mim gera uma expectativa enorme, eu fico ansiosa... Mas também é assim, a medida que eu me apaixonou rápido, eu me desencanto rápido (Mélia).

Pode trazer expectativas de novos encontros ou ser apenas um *ficar* e fim. Algumas mulheres falam da expectativa com reatividade, fugindo ou maquiando-a para evitar o sofrimento, dizem lidar com o depois de forma estereotipada, tal como “homem que não tá nem aí”.

Pra mim super bem. Eu encaro numa boa, não tenho trauma. Nem um dos meus ficantes teve a petulância de dizer “está tudo acabado entre nós”, até porque não dá tempo, (risos), até porque, como eu te disse anteriormente, quando não rola, não foi mais, não engatou aí a gente se encontra e: “tudo bem? “Tudo bem” com um sorriso amarelo, um querendo disfarçar, oi tudo bem!” “como vai”, rola ali mesmo uma amizadezinha vaga (Cassandra).

Assim... As vezes eu tenho assim, um lado bem “homem” em relação a isso sabe? Por que homem é que não tá nem aí né? Essas coisas todas, hoje fica, amanhã... Mas aí eu me ponho no lugar, se fosse comigo eu não ia gostar. As vezes eu fico ... Pronto, fiquei aquela noite e pronto, acabou né? Aí as vezes acontece que você fica, você beija, você se abraça e no outro dia você não vê aquela pessoa, acontece de você não dar o teu número pra ele. É assim... mas aí tem aquelas pessoas que é tão interessante quando você fica, que quando é no outro dia você lembra assim... Chega dá um friozinho na barriga (Perséfone).

Outras apresentam um movimento mais elaborado, digerido, processual, a partir de suas vivências, no qual aprenderam cada uma de uma forma singular a lidar com as expectativas que são geradas no *ficar*. Noto que a expectativa identificada no *ficar* vem com substratos do ideal de amor romântico passado de geração em geração, trazendo em seu bojo a característica da busca e da espera, o desejo de permanecer por mais tempo, de perpetuar aquela ligação afetiva. E como, na grande maioria das vezes, não se torna possível, acaba frustrando a expectativa, causando ansiedade, dor e sofrimento psíquicos e emocionais, no qual a mulher *ficante* se obriga a uma elaboração rápida da perda de seu objeto de amor ansiado (Freud, 1917-1915/1974b; Costa, 1998).

Tem dois sentidos que são bem contrários. Tem o sentido de quando é muito bom, fica muito bom a sensação depois, “aí que bom né?” E tem a sensação também de muita frustração. As duas coisas também tão muito juntas, por que, não sei se isso ocorre só comigo, por que eu fico muito pouco e aí tenho um nível de carência muito grande e inevitavelmente fica a expectativa de uma possibilidade de um segundo encontro e já por eu ser de uma realidade, de uma cultura, dessa mais atual que não necessariamente o ficar tem a ver com o compromisso, aí já é uma sensação de frustração: a possibilidade que eu não possa ver mais aquele homem, de não beijá-lo mais. Ele pode não ligar. Geralmente todos pedem telefone, não sei nem por que pedem. Não ligam, então, fica aquela sensação muito ruim... Em mim, geralmente gera uma expectativa muito grande e aí essa expectativa causa uma ansiedade e uma frustração com a possibilidade do cara não ligar, do homem não retornar a ligação. Mas independente disso, a sensação é muito boa quando é uma ficada interessante. Quando é uma noite onde tudo casa junto, direitinho, a noite foi bacana, a pessoa tava querendo, então saíram, aí conheci um cara bacana, um papo bacana e que beijava bem né?

Então, se independente se o cara liga ou não, a coisa já valeu a pena. O que também é muito raro pra mim. Eu me acostumei com isso. Hoje em dia eu lido de uma forma... Como eu não sou mais menina, não sou mais adolescente... me acostumei com isso, tem que saber lidar dentro disso, não tem como mudar muito, faz parte né? Não chego ao extremo de ficar chorando, deixar de sair. Não ocorre isso. O que acontece comigo, que eu já percebo mais ou menos um padrão: eu fico com um cara, achei muito interessante, a noite foi muito boa, o rapaz não liga, mas em mim fica uma certa fantasia, uma certa expectativa e se a pessoa não tá a fim de postergar a coisa, então não pede o telefone é muito simples, ficou ali na noite, pei, pum, ponto, acabou. E aí quando a pessoa pede o telefone, fica aquela coisa de reticências e em mim gera uma expectativa (Minerva).

Quando você é adolescente, pelo menos na minha experiência, eu ficava com um vazio horrível depois, porque eu achava que aquilo ali já era pra ser um namoro, e quando não era... Quando eu via que não era um namoro aquilo deixava uma certa frustração. Porque a gente aprende que a gente vai conhecer, vai gostar, vai namorar pra casar. É isso que colocam na cabeça da gente quando a gente é criança. Mas quando você vai começando a conviver você vai vendo que aquilo ali, ainda mais com a evolução dos tempos, aquilo não é real, não é tão real e não tão fácil como a mãe e o pai da gente ensinam. Então eu acho que quando a gente é adolescente, a gente tem todos esses sonhos na cabeça, eu acho que é até natural, normal, imaginar que você vai namorar, você vai casar... Mas quando você conhece, você namora e você gosta... E eu era uma pessoa que me apaixonava com o vento, olhava e já estava apaixonada, morta de apaixonada. Aí ficava e achava que ali ia ser um romance daqueles que... No ficar eu já estava imaginando a cena entrando na igreja as daminhas e tal, os filhos e tal e quando aquilo não era. Era eu que pensava, eu ficava meio frustrada assim... Dava aquele vazio, aquele vazio na boca do estômago, parecia que tinha arrancado todas as víceras de dentro. No outro dia que você via que não era aquilo que você pensava. Mas aí, a questão de hoje, de ser adulto e de ficar, é diferente por que quando você vai sem expectativa nenhuma, você fica livre de expectativa, então você curte realmente, você não se preocupa se amanhã “ah, será que ele vai ligar amanhã”, “ah, será que a gente vai se encontrar de novo?” Sem neuras. Vai e fica numa boa, curte a vai embora. Num fico com neura não, nenhuma! E já fico pensando na próxima vez que vou sair, se vou conhecer alguém e não tô preocupada se vai ser aquela pessoa que vou encontrar de novo tá entendendo? Ficou meio promiscuo, não foi? Mas é assim mesmo (risos) (Antígona).

As mulheres entrevistadas apresentam movimentos bem diversos quanto ao que sentem depois que *ficam*, mas são unânimes em falar da expectativa criada, muito provavelmente pela herança do ideal de amor romântico arraigado também

em nosso meio cultural (Diógenes, 2002), e de uma certa frustração ocasionada na maioria das vezes pela não continuidade do relacionamento ou até mesmo pela falta de uma ligação telefônica. Sentimento este que elas elaboram singularmente, cada uma a sua maneira para continuar e seguir em frente se relacionando. Algumas entrevistadas ainda esperam que parta do homem a iniciativa de ligar, de ir atrás da mulher para saírem novamente e se questionam porque eles pedem o número, se não tem a intenção de ligar? Por que tem que ser o homem a telefonar no dia seguinte? As mulheres, ainda, parecem nutrir algumas modos de operar nas relações de gênero herdadas das raízes patriarcais, quando esperam que a iniciativa seja do macho. O gosto de ser cortejada, conquistada (Freyre, 1977; 2005), ainda perdura na estampa das mulheres em suas relações de gênero e quando isto também não é satisfeito gera frustração.

Em suma, o depois para as mulheres que *ficam* também traz, principalmente, a característica forte da ambigüidade entre o que foi muito bom e deixou um gostinho de querer continuidade, gerando expectativa, mas que, na grande maioria das vezes, não se fez possível por seu caráter mesmo de momentaneidade e efemeridade.

3.2 Análise e discussão fenomenológicas das vivências do ficar entre homens de Fortaleza

Marquei dez entrevistas com dez homens adultos que *ficam* na cidade de Fortaleza. Porém, uma das entrevistas foi marcada duas vezes, mas, por duas

vezes, o candidato faltou. Desta forma, somente nove homens responderam ao meu chamado, colaborando com a pesquisa. Os nove homens entrevistados estão entre 23 e 34 anos, todos trabalham, são solteiros atualmente, embora dois dos nove homens já tenham sido casados. Um deles duas vezes. Sete deles nunca foram casados formal ou informalmente. Todos experimentaram o *ficar* ainda na adolescência. Dos nove, sete namoraram sério por muitos anos. Todos estão se relacionando afetivamente através do *ficar*. Quatro dos nove estavam *ficando* sem compromisso no período em que foi realizada a entrevista. Cinco deles estão *ficando* esporadicamente com mais de uma parceira. Quatro dos nove estão *ficando* com o intuito de buscar um relacionamento mais duradouro. Outros quatro, para elaborar vivências de rupturas de relacionamentos passados e apenas um dos nove faz uma apologia do *ficar* de forma machista, descartável, utilitarista e consumista.

Apresento, a seguir, os homens que vivem na cidade de Fortaleza e experimentam o *ficar* como forma de se relacionar afetivamente na contemporaneidade. Identificá-los-ei pelo nome fictício - que também foi escolhido aleatoriamente na mitologia grega -, pela idade e pela ocupação. Também estarei me utilizando dos recortes das falas dos meus sujeitos colaboradores para ilustrar e fundamentar a análise e a discussão das descrições das vivências. Concomitante à análise e à discussão das experiências de *ficar* dos homens, aproveitarei para fazer a análise comparativa entre os gêneros, uma vez que já apresentei a análise e a discussão das vivências das mulheres que *ficam*.

3.2.1 Quem são os homens que ficam em Fortaleza?

1. **Hercules, 32 anos – Professor e Educador Social.** Foi casado duas vezes. Diz ter experimentado todas as modalidades do *ficar*, desde o mais ingênuo ao mais promíscuo. Hoje busca algo mais ligado à afetividade e não somente ao físico ou sexual.
2. **Orion, 29 anos – Estagiário de Engenharia Civil.** Nunca foi casado, porém namorou sério por mais de quatro anos. Atualmente *fica*, mas buscando alguém para um relacionamento mais sério. O *ficar* para Orion não tem como finalidade o ato sexual, mas conhecer melhor a pessoa. Não costuma *ficar* com quem não conhece, sempre procura alguém próximo ao seu grupo de esportes.
3. **Páris, 23 anos – Estagiário de Design Gráfico.** Nunca foi casado, namorou sério. O *ficar* para Páris assume aspectos bem ambíguos, pode ser tanto para extravasar um dia cheio de trabalho como para buscar afetividade na parceira *ficante*. Procura não *ficar* com quem conhece.
4. **Aquiles, 26 anos – Advogado.** Nunca foi casado, namorou sério por mais de seis anos e *fica* por opção, por comodidade, porque não quer nenhuma preocupação com compromisso sério neste momento de sua vida e porque não está conseguindo tempo suficiente para um namoro.

5. **Ulisses, 24 anos – Professor Universitário.** Nunca foi casado, namorou sério por vários anos e terminou o namoro há menos de seis meses. Tem *ficado* para se restabelecer da ruptura do namoro.

6. **Heitor, 30 anos – Engenheiro.** Nunca foi casado, estava *ficando* há seis meses, e já quase namorando, mas decidiu não continuar por conta do controle e da possessividade da parceira. Diz que tem utilizado o *ficar* como ferramenta para buscar um relacionamento mais duradouro.

7. **Laio, 34 anos – Professor Secundarista.** Foi casado por doze anos, separou e tentou *ficar* com algumas garotas fora de sua comunidade religiosa, mas não deu certo. Tem sérias restrições quanto ao *ficar* como forma de se relacionar, mas não resistiu e transgrediu as regras da comunidade religiosa e acabou *ficando*. Hoje está *ficando* com uma moça de sua comunidade com o acompanhamento de um conselheiro para que se torne um namoro.

8. **Quíron, 24 anos – Universitário.** Nunca foi casado, está *ficando* já há algum tempo com fortes intenções de namoro. Diz ser difícil falar da experiência do *ficar* por sua variedade de expressões, mas tenta descrever alguns dos múltiplos matizes da sua experiência de *ficar*.

9. Dioniso, 28 anos – Professor Técnico. Nunca foi casado, já namorou sério uma vez, mas nunca conseguiu namorar mais do que cinco meses. Está *ficando* com uma garota há algumas semanas, mas “já prestes a deixar pra lá”.

3.2.2 Da quantidade à qualidade: o ficar muda de foco para os homens adultos de Fortaleza

Os colaboradores masculinos desta pesquisa descreveram o *ficar* adolescente, caracterizando-o como mais preocupado com a competição, com a quantidade de meninas com quem *ficou* até o final da noite (ou da festa), com a auto-afirmação, com a aceitação pelo grupo, com o que contar para os amigos, assim como já havia destacado anteriormente em (Diógenes, 2001; 2002).

Na adolescência já era aquela coisa de moda na turma, vamos ficar, ver com quantas pessoas você fica e no final da noite agente conta pra ver quem ganha, aquela questão de competição mesmo entre o pessoal da turma. Já hoje pra mim pelo menos o foco mudou. Já é, por exemplo, hoje quando eu fico com uma pessoa já é aquela coisa de que eu já conheci ela, pode naquele dia, ou em algum outro dia e aí a gente conversa, marca pra sair, e acaba ficando e aí pra ver se realmente dá certo um namoro ou não (Heitor).

O *ficar* adolescente, que foi experimentado pelos homens que participaram desta pesquisa, era mais volúvel, não se preocupando com o que acontecia depois. Era apenas experimentar o ato pelo ato de *ficar*.

Quando você é adolescente, é mais aquela coisa de ficar por ficar... Aquela coisa assim... Descoberta né, de contar pros coleguinhas. Se bem que o homem que tá com 30 anos ele também gosta, mas é

diferente, ele gosta de aparecer e dizer pros amigos que tá com uma mulher super bonita (Dioniso).

Acontecia mais com beijos na boca, abraços, afagos e carícias que dificilmente evoluíam para a relação sexual propriamente dita, indo somente até as carícias íntimas.

Quando você é adolescente você tem uma vontade de ser aceito pelo grupo, por exemplo, o ficar com varias garotas no numa mesma noite; o ficar com varias garotas em dias seguidos e diferentes garotas, enfim, a quantidade vai contar muito pra essa aceitação. E inclusive para gerar alguns rótulos: o cara é pegador, o cara que é... enfim... beija mais, garanhão e isso vai te dando um certo respeito no grupo de adolescentes né? Quando você passa pra idade adulta, eu acho que isso vai se diluindo um pouco mais e ai você fica... pelo menos a minha experiência não é mais de ficar com tantas pessoas ou de ficar com mais de uma pessoa na noite (Ulisses).

De acordo com Aberastury et al. (1983) e Alberti (1996), o processo de construção subjetiva do menino e da menina está interligado às exigências socioculturais dos seus grupos, nos quais eles se sentem coagidos a responder, sob pena de serem excluídos ou não serem aceitos por seus grupos. Este fato irá influir significativamente na sua construção subjetiva e de gênero. Culturalmente, os meninos sempre foram mais cobrados a exercer sua masculinidade, através de rituais de iniciação masculinos, para provar ao grupo que são capazes, seja através da conquista ou de outras exigências feitas pelo grupo. No processo de construção subjetiva dos meus colaboradores, isso não foi diferente. Porém, a construção de gênero, de acordo com Boris (2002), é bem mais dinâmica e abrange todas as vivências sociais e culturais, além das subjetivas, e estas estão em constante movimento com o processo histórico.

De acordo com os relatos dos meus colaboradores, o foco do *ficar* muda quando o sujeito se torna um homem adulto. Para a grande maioria dos

entrevistados, já não se experimenta mais o *ficar* pela quantidade, mas visando ao bem-estar de si e do outro, muitas vezes vislumbrando a possibilidade de se evoluir para um namoro.

O de adolescente é mais experimentando. O de adulto parece mais você querendo o bem da pessoa e tudo. É como se o de adolescente fosse diversão e o de adulto fosse algo mais sincero.... Aquele ficar.... Não é.... Tipo só por ficar mesmo não (Orion).

O *ficar* do homem adulto é descrito como algo mais cuidadoso com a prevenção de DST's, é mais presente, mais denso, mais intenso, mais responsável e pode abrir uma perspectiva para uma relação mais firme, consistente e madura, embora haja a possibilidade de se *ficar* somente naquela ocasião.

(Silêncio) ...eu acho que existe diferença. Existe em dois parâmetros. O ficar de adultos que considero que seja mais responsável, no sentido da prevenção, no uso da camisinha no sentido de que aquele ficar pode se tornar uma relação mais duradoura, embora haja o risco de você somente ficar naquela vez (Hércules).

Em alguns casos, *fica-se* querendo construir mais do que somente um *ficar*. Embora alguns visem no *ficar*, exclusivamente a finalidade do ato sexual, para a maioria dos entrevistados a culminância para a relação sexual está apenas implícita no ato de *ficar*, mas nem sempre chega a acontecer.

Tem uma, tem um pacto né, de limite diferente do namoro, se descompromissava, mas não envolvia relação sexual (Aquiles)

O *ficar* adulto é experienciado pelos homens com mais opções de parceiras e de locais para *ficar* – “uma espécie de consumo das relações” - e menos restrições do que quando eram adolescentes, pois o espaço para *ficar* era restrito ao condomínio ou colégios.

Acho que existe. Mudaram as perspectivas né? No começo existe sempre um beijo, um abraço, o estar próximo. O adulto eu acho que é uma coisa mais... pode-se dizer até uma espécie de consumo da parceira ou dos vários ficas... eu tive umas experiências monogâmicas de tá ficando só com uma pessoa, mas tive a fase mesmo de uma promiscuidade. Quando adolescente era reservado àquele espaço do condomínio, colégio, que eu ficava também. Então, na fase adulta, tem determinados momentos que eu quero assistir a um filme tinha uma determinada ficante, ir ao reggae tinha outra determinada ficante. Então eu acho que há essa diferença entre a fase adolescente e a fase adulta (Quíron).

Na adolescência é mais aquele lance da hora, você vai pra uma festa, você se interessa por uma pessoa, pinta aquele clima ali você fica com ela. Já na fase adulta pode-se levar em consideração a questão de você tá carente, você quer aliviar até o stress do trabalho e você conhece e fica com a pessoa (Laio).

O *ficar* para os homens adultos também difere do *ficar* adolescente – que era caracterizado como experimentação e aprendizado afetivo-sexual - por ser também um canal de descarga do stress do dia-a-dia, o que parece fundamentar também, para alguns, o seu caráter de utilidade e descartabilidade consumista no âmbito das relações e da satisfação do desejo imediato (Lasch, 1983; Monzani, 1996), sem se preocupar com o outro.

Os colaboradores, tanto os homens quanto as mulheres, experimentaram o *ficar* ainda na adolescência e o descrevem como tendo sido experienciado, sem levarem muito em conta a responsabilidade do cuidado consigo e com o outro em relação à prevenção de DST's, ou de assumir algum tipo de compromisso com o(a) *ficante*. Os homens relatam que, para eles, o *ficar* acontecia sem muitas preocupações, era mais por curtição ou experimentação. Para as mulheres, o *ficar* adolescente foi descrito como tendo sido vivenciado de forma mais inocente e romântica, construindo sempre expectativas de continuidade, embora essas expectativas fossem, na maioria das vezes, frustrada. Para os homens, as suas experiências de *ficar* estavam mais atreladas à auto-afirmação como macho

perante as exigências de seus grupos, embora algumas mulheres também relatem terem *ficado* a primeira vez por influência de amigas, mas não para disputar quantidade. Para ambos, o *ficar* adulto é mais responsável quanto à escolha dos parceiros e à prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis.

3.2.2 A ambigüidade entre as experiências pontuais e o desejo da construção de uma trajetória

Os entrevistados relatam ser difícil descrever a experiência do *ficar* porque existem várias formas de *ficar*, dependendo do momento vivido, da pessoa, do local, da motivação. Cada *ficar* é ímpar e não se repete. Embora seja o mesmo fenômeno, ele é experienciado no “jogo do vivido” por cada sujeito de forma única e singular (Kleinman, 1995), talvez seja este seu primeiro caráter de universalidade, a sua não unicidade, a sua multiplicidade e a sua singularidade.

As vezes é meio complicado porque pra mim existem vários tipos de ficar, né, existe aquele que por exemplo, eu acabo me envolvendo emocionalmente com a pessoa eu acabo ficando com a pessoa e depois não dá certo por algum outro motivo, né, as vezes também a questão do momento, né, a coisa, o clima tá tão legal assim a afinidade tão boa entre eu e a pessoa que acaba acontecendo mesmo, mas aí muitas vezes acaba não dando certo (Heitor).

Dentro do ficar eu experimento através da conversa e se rolar um beijo apenas, por mim pode ser até mais interessante do que de repente... e pode acontecer, de eu ficar com a menina e a gente chegar a ir até a cama e até as conseqüências do sexo, que também pra mim vai ser algo bem natural (Hércules).

O *ficar* é experimentado pelos homens de Fortaleza de forma múltipla, paradoxal e às vezes até ambígua, o que é próprio da construção subjetiva de cada sujeito *ficante*. A vivência do *ficar* é experimentada tanto relacional como individualmente, pois se leva em conta o que é experienciado quando se está com a *ficante*, como também as próprias impressões subjetivas individuais, quando se está imerso na vivência (Kleinman, 1995). O *ficar* é descrito como uma experiência tanto monogâmica como poligâmica, pois pode-se *ficar* somente com uma parceira em determinado período de tempo, como pode-se *ficar* com várias parceiras no mesmo período. Alguns homens, mesmo tendo um leque de possibilidades de escolha, descrevem a sensação de perda, de ciúme, quando uma de suas *ficantes ficava* com outro parceiro.

O ficar pra mim em determinados momentos, tem instantes que eu não fico só com uma parceira, há um leque de possibilidades. E é meio que... assim... tá com vontade, tô me sentido só, não sei... e aí tinha uma determinada pessoa pra quem eu ligava ou combinava na internet pra gente sair ou coisa do tipo. Agora eu tô monogâmico. Tô ficando com a mesma parceira há alguns meses. Um fato curioso, mas quando as minhas ficantes começavam a namorar eu sentia um certo baque. Por experiência eu tinha aquele círculo de possibilidades e quando subtraía uma, duas eu sentia uma espécie... um certo ciúme, ou uma coisa assim (Quíron).

Constato aqui uma espécie de erosão no sentimento de posse e de poder desse macho, que, de acordo com Rolnik (1998b), estava preso a um padrão de erotismo de “outros tempos” mesclado pelo patriarcado e pelo ideal de amor romântico. Ele se habituou a reconhecer-se através do desejo da fêmea inteiramente investido nele e de sua total dependência para existir. “O homem não encontra mais no olhar ambíguo dessa nova mulher o espelho de sua virilidade” (p. 70).

Como no *ficar* há um pacto implícito de não compromisso, ele é experienciado de forma mais livre e mais cômoda do que o namoro, porque não traz

cobranças embutidas e é descrita, fundamentalmente, uma diferença em relação ao tempo de permanência, que pode propiciar o desgaste e a deterioração da relação. Na descrição do *ficar*, para os nossos colaboradores, diferente do namoro, não há exigências, nem sentimento de posse.

... pode ser tão bom ficar com uma pessoa quanto namorar com outra, mas isso aí já é relativo. A noção de tempo é uma situação muito diferente, porque querendo ou não naquele momento ali a pessoa está ali por puro prazer ou por carinho, uma fala, atenção e eu acho que você pode ficar com uma pessoa por puro prazer ou...e as vezes você pode ter o intuito de ficar com aquela pessoa por mais tempo. Eu já tive namoradas as quais eu me estabeleci num período maior de tempo e que a relação em si foi tão desgastada, saturada de chegar ao ponto de você estar em uma calçada e atravessar pra outra, entendeu? E isso pra mim é consequência desse período de tempo que é estabelecido na relação... eu posso ficar com uma pessoa e aqui ser muito bom e se repetir e a partir dali deixar de ser prazer e ser afetividade, ser carinho e se estabelecer uma amizade ou coisa do tipo. Mas com o namoro já pode vir a ser mais complexo, mais cobrança e mais posse em cima da outra pessoa (Páris).

A maioria dos homens entrevistados descreve a experimentação do *ficar* buscando envolvimento emocional, afetividade para além da satisfação física e sexual, embora haja quem o busque somente como fonte de satisfação sexual de forma furtiva e efêmera. Outros encontram no *ficar* a fuga do compromisso e o experimentam de forma mais comedida, “freada”, mas não vazia ou superficial.

Hoje em dia eu... Eu... a gente fica talvez por, ou medo de um compromisso mais sério, ou um motivo a menos de se preocupar. É mais cômodo. O ser humano hoje sempre procura mais a comodidade, então parando pra pensar é um medo dum compromisso ou... Decorrente as vezes de um medo de um relacionamento passado. Porque eu também namorei muito tempo, e aí... Fico meio que me freando, me policiando (Aquiles).

De acordo com DaMatta (1990; 2001), o povo brasileiro, culturalmente, lida com o que é instituído de forma a tentar burlar ou dar um jeito para buscar

comodidade ou vantagens para si. O chamado “jeitinho brasileiro”, uma forma malandra de lidar com o que está posto pela cultura, adentra os mais diversos níveis do que foi instituído social, cultural, econômica ou moralmente. Porém, para DaMatta (1990), o “jeitinho brasileiro” é uma forma criativa de buscar novas soluções para o que se apresenta como desafio ou dificuldade, e, não necessariamente, uma forma de burlar para transgredir, trapacear ou enganar. Neste sentido, acredito encontrar, na descrição dos meus colaboradores, o *ficar* experienciado criativamente como um típico “jeitinho brasileiro”, da malandragem (DaMatta, 1990; 2001), burlando o contrato implícito de compromisso moral com a *ficante*, mas não abrindo mão de se relacionar afetivo-sexualmente. Porém, de acordo com Freyre (2005), o tecido cultural brasileiro, que é híbrido, cheio de contrastes, misturas e matizes, abriga perspectivas antagônicas de nossa construção subjetiva que pode coexistir simultaneamente sem, no entanto se excluírem. Assim, na medida em que o *ficar* para alguns homens, é um jeito cômodo de se relacionar por não imbutir compromisso, também é experimentado como um vazio (até mesmo para quem o descreveu como cômodo), por se tratar de experiências pontuais, fragmentadas e que não constituem uma trajetória, como seria em um namoro, por exemplo.

[...] Vai me valer mais a pena o bem-estar, do que o ficar por ficar... Agora, tem uma coisa que a gente conversa muito em mesa de bar e que a grande maioria concorda é que quando você tá muito tempo ficando, ficando vulgarmente pulando de galho em galho, você sente um velho vazio porque são experiências pontuais, fragmentadas, onde você não constitui uma história, onde você não pode constitui uma trajetória como é num namoro, com outra pessoa. Então você fica um pouco vazio nesse sentido (Ulisses).

A descrição da experiência do *ficar* oscila para uns entre *ficar* buscando alguém para construir algo mais duradouro e não somente *ficar* de forma descartável – “*ficar por ficar*”, como também para outros o *ficar* é descrito como uma

busca consumista da *ficante* pelo sexo, que se não *ficar* com alguém em uma festa não tem graça e que já se tornou algo bem comum e banal.

A sensação é boa... É assim, sempre procurando alguém agora. Não é só ficar e tchau não (Orion).

Se eu vou pra uma festa e eu não ficar, a festa não tem graça pra mim. E hoje pra mim eu não sinto mais graça em só ficar, assim, tem que ter sexo. E já ficou uma coisa bem comum já hoje, não é muito difícil não, você encontrar uma pessoa, ficar pela primeira vez e aí ir logo pra cama. É uma coisa comum. Então, apesar de que eu me preocupo que a meninas não tão nem aí pra camisinha não. Se você não tomar a iniciativa de usar preservativo, elas não tal nem aí não, vão mesmo sem camisinha e tal. Eu sinto isso... É preocupante (Dioniso).

Para Diógenes (2002) e Bauman (2004), as relações modernas, inclusive as afetivo-sexuais, foram sendo, cada vez mais, atravessadas pelo *éthos* do consumo, da virtualidade, da utilidade e da satisfação imediata, podendo ser descartada ou desconectada a qualquer instante. Porém não se pode generalizar e afirmar que todas as relações, ou mesmo o *ficar*, por seu caráter de momentaneidade e efemeridade, seja exclusivamente tecido pelos fios deste *éthos*. O *ficar* adulto tem se caracterizado, fundamentalmente, de maneira múltiplice, assumindo polimorfismos e jamais uma forma única de se apresentar. Contudo, identifiquei em algumas descrições do *ficar* fios e matizes que denunciam o utilitarismo e o consumo do outro (Baudrillard, 1973), culminando no descarte, mas não de forma universal ou generalizada, pois o *ficar* também se apresenta como abertura para novos relacionamentos; como solução para elaboração psíquico e emocional ocasionada por traumas de rupturas de relacionamentos anteriores; como alternativa de se relacionar para quem não tem tempo suficiente para se dedicar a

um relacionamento que os adultos descrevem como sério; como instrumento de busca para um relacionamento duradouro.

A experiência do *ficar* para homens e mulheres, embora sempre singular e variada, foi descrita como muito boa, mas algumas vezes provocando uma sensação ambígua de vazio, por ser uma experiência pontual, fragmentada e não constituir uma trajetória. Mais uma vez, constato aqui a coexistência de fatores ambíguos que não se excluem num mesmo fenômeno próprio da subjetivação da cultura brasileira como defende Freyre (2005). Para ambos os gêneros se constitui como uma alternativa de se relacionar sem assumir qualquer contrato implícito ou explícito de compromisso de continuidade com o outro. Para as mulheres, o *ficar* é experienciado com uma característica de exercício de liberdade sexual, visando principalmente ao aprendizado de coisas novas com cada parceiro. O que para elas era vedado antigamente por conta da repressão imposta pela forte influência da cultura patriarcal (Freyre, 1977; 2005), hoje pode ser experimentado com plena liberdade de expressão. Em ambos os casos, aparecem a característica de busca do par ideal, própria do ideal de amor romântico (Giddens, 1993; Costa, 1998), para construir um relacionamento, embora as mulheres deixem claro que não se dispõem a assumir nenhuma responsabilidade doméstica com seus parceiros. As mulheres relatam desejar um relacionamento sério, mas cada um em sua casa. Em nenhum momento, os homens apresentaram tal proposta. Para a maioria dos homens entrevistados, o *ficar* tem sido utilizado como instrumento de busca para um relacionamento mais sério e duradouro que denota que os homens também são perpassados pelos fios do ideal de amor romântico, embora, para alguns entrevistados, continue sendo um meio de auto-afirmação, consumo e de fuga de compromisso Lasch (1983). Constato aqui significativas transformações no que

concerne às relações de gênero podendo ser propiciadas ou afirmadas através do exercício do *ficar*.

3.2.4 Da conversa ao sexo: os homens em busca de afetividade

De acordo com as descrições dos homens, no *ficar* adulto rola tudo. Desde a conversa como prelúdio, beijos, abraços, afagos, carinhos, até o ato sexual em si. Porém, não existe um padrão, ou algo predefinido do que vai acontecer.

Tudo, tudo. Beijo na boca, carinho, relação sexual às vezes, não sempre né, mas tudo (Aquiles).

Pode rolar como já rolou, por exemplo, desde realmente ficar mesmo, beijando e tudo mais até relações sexuais. Então é isso aí depende muito do grau de afinidade do momento (Heitor).

Eles relatam que depende muito do tipo de *ficar*, do estágio do *ficar*, da pessoa com quem vai se estar *ficando*, do local e do clima que rola na relação no momento.

(Silêncio). Bom, pode ir de um simples beijo ao sexo. Isso vai depender... da pessoa. Tem pessoas que ficam com todo mundo, que vai pra cama com todo mundo. Isso vai variar muito de pessoa. Eu já fiquei com pessoas que eu já fiquei a noite toda abraçado com essa mesma pessoa, mexendo no cabelo, beijando o rosto, abraçando. Mas eu já fiquei com pessoas que eu não troquei palavra cinco minutos e depois já estava na cama. Isso não seria pré-estabelecido, isso depende do que se desenrola na situação, da liberdade que você dá a pessoa e da liberdade que a pessoa lhe dá. Se você quer, deseja ou não usufruir dessa pessoa (Páris).

Hoje, pro Hércules de hoje, o que vale vão ser outros valores, então vai ser a companhia, vai ser a pessoa, vai ser... Eu dizia pro meu amigo: "eu sou um ser dionisíaco" quando eu estava entrando nessa

fase mais promiscuo, mas aí acho que há outros valores interessantes, então hoje em dia quando eu estou com uma pessoa eu acho interessante que ela me faça descobrir coisa que eu não sei, que ela me faça perceber coisas que eu ainda não vivenciei, que ela me desafie, que ela me dê oportunidade de desafiá-la e que isso sirva de contribuição pra mim e pra pessoa. Dentro do ficar eu experimento isso através da conversa e se rolar um beijo apenas, por mim pode ser até mais interessante do que de repente, e pode acontecer, de eu ficar com a menina e a gente chegar a ir até a cama e até as conseqüências do sexo, que também pra mim vai ser algo bem natural (Hércules).

O *ficar* também traz consigo a característica da multiplicidade, da variedade, também em sua forma de se manifestar.

Rola uns abraços, beijos, muitas vezes é... é... não é difícil rolar sexo. É uma coisa que é até bem comum hoje em dia. Mas tem uma variedade assim, por que... as mulheres que eu ficava, cada uma tinha o seu diferencial. Com algumas era mais a coisa da carne, mais de estar mais próximo, uma coisa mais intensa. A outra tinha até, assim, momentos de troca intelectual, de uma conversa, de uma coisa, assim, mais lenta, digamos assim, nesse nível de tempo até rolar o sexo ou coisa que o equivalha. Então, há uma variedade. Eu não poderia dizer pra ti de uma forma objetiva, como seriam os ficas, de uma forma única (Quíron).

Para alguns dos entrevistados, o *ficar* deixou de ser selado por um simples beijo e que pode ser uma noite só de sexo, pode derivar para várias noites e pode, inclusive, culminar num namoro.

Quando rola um ficar pode rolar de um simples beijo até o próprio sexo porque o ficar enquanto categoria já deixou de ser o simples beijo, é pouco, entendeu. O ficar significa ficar junto por uma noite, ficar por varias noites, ficar junto por um tempo (Ulisses).

Alguns sugerem que deveria haver estágios de *ficar* a partir do que vai se desenrolando no ato. Outros tentam descrever uma escala de 1 a 20 para sugerir o que pode rolar quando do momento do *ficar*. No início da escala o 1 seria o prelúdio

da conversa, a conquista, a paquera para conseguir convencer a mulher para sair, o 2 seria o beijo... o 15 afagos e carícias mais íntimas e o 20 o ato sexual.

Tem uma escala de 1 até 20 no que rola. 1 é a paquera e 20 a transa. Acho quê o que rola é um 15, acho que não chega ao ato porque também, se chegar, ave Maria eu descarto a menina porque realmente é muito rápido, porque você vê que hoje em dia como as coisas estão e se a pessoa for assim eu tô fora. Mas rola quase “aquilo”, mas não rola tudo (Orion).

Porém, embora, alguns homens não gostem que role tudo, inclusive o sexo na primeira vez em que se *fica*, para outros é bem comum que na primeira vez que se *fique* role sexo.

Pra mim o ficar se não tiver sexo, não tem graça. Já é uma coisa bem comum. Eu tava ficando com minha ex-namorada, dormiu comigo, é bom e tal fazer sexo com ela, flash-back (risos), mas eu não tenho mais saco de namorar com ela. Ela foi pro aniversário da minha mãe e tinha outra garota lá e a menina começou a me dá mole. Aí eu fui deixar minha ex em casa e aí voltei queixei ela pra ficar. Fiquei! No começo ela não queria muito não, depois conversando ela começou a se interessar por mim, aí a gente saiu pra um forró, eu, ela e um casal de amigos e aí na festa estavam distribuindo uns preservativos, aí ela chamou pra ir ao estacionamento e aí fiz sexo com a menina lá. Ela que chamou e eu não imaginaria que seria ali naquele momento, com aquele fogo, aquela pegação, aquele negócio legal e tudo e ela: “vamos fazer aqui” e eu “vamos”. Diferente... Sei lá... E é porque tinha um casal assim e a gente fez ali, naquele momento ali. A gente usou preservativo direitinho e tal, foi aquele momento ali. Aí pronto, eu não imaginei que seria tão rápido assim... Aí depois a gente foi pra casa desse meu colega pra dormir lá porque ela tava hospedada lá e aí eu cheguei no carro, o casal subiu. Nós ficamos no estacionamento e fizemos novamente no carro e foi muito massa. Poxa! Foi muito legal. Aí depois a gente foi lá pra cima e a gente fez novamente e tal e foi legal e tal, foi massa. Mas tipo assim... Ela me deu o telefone dela. Ela disse que fica com outro cara, eu não sei... Pode ser que eu ligue um dia, qualquer dia desses entendeu? Não sei se ela vai me ligar... É aquela coisa... Mas dá vontade de ficar com ela novamente (Dioniso).

A descrição do que acontece no momento de *ficar* foi semelhante para ambos os gêneros entrevistados. Porém, a maioria das mulheres se mostrou mais

desinibida em relatar que o desejo da culminância do *ficar* é a relação sexual. Apenas um homem entrevistado colocou o ato sexual como finalidade exclusiva do *ficar*. Os outros foram unânimes em colocar a busca, o bem-estar de estar junto como sendo mais relevante do que o próprio ato sexual em si. Para ambos os gêneros, no *ficar* rola de tudo, desde a conversa como prelúdio, carícias, beijos, afagos, até o ato sexual, que é relatado como sendo bem comum acontecer tanto na mesma ocasião em que se *ficou* pela primeira vez, como pode acontecer em outras oportunidades de *ficar*.

De acordo com Cândido (1951), na família patriarcal, a satisfação sexual para o homem estava desvinculada do contrato do casamento e por isto tinha que procurar tal satisfação fora de casa. O homem buscava satisfação afetiva, emocional e sexual fora do contrato do casamento, mas a mulher daquela época não tinha direito a nem uma coisa e nem a outra. De acordo com Freyre (1977), na segunda metade do século XIX, é que as mulheres brasileiras começam a ensaiar um tímido protesto de resistência contra os homens, através das canções e modinhas. Nesta época, a sociedade já estava se configurando como semipatriarcal, pois as famílias já estavam deixando de ser exclusivamente rurais e passando, paulatinamente, a ir para as cidades, mudando com isto seus costumes e começando a ampliar, ainda que muito incipiente, o espaço da mulher que de vez em quando podia ir à rua e sair do espaço privado da casa. Deste período, no qual a mulher começa a buscar voz de resistência contra o primado do patriarcado, para o da contemporaneidade, inúmeras e radicais mudanças aconteceram no que concerne às relações de gênero. As duas grandes guerras mundiais, por exemplo, tiveram um efeito significativo nessas mudanças, pois, enquanto os homens saíam para a guerra, as mulheres tiveram que assumir seus postos (Perrot, 2005). No Brasil não tanto,

porque teve pouca participação nas guerras, e por isto não tão rápido como na Europa e nos Estados Unidos, mas as mulheres, aqui, também começaram a conquistar os espaços públicos e a ser protagonistas de suas próprias trajetórias profissionais e afetivo-sexuais, depois da segunda metade do século XX. Atualmente, os homens e as mulheres buscam a satisfação sexual livremente, sem precisar transgredir nenhuma norma de contrato de compromisso implícita ou explícita com o outro. Para os homens isto já lhes era de alguma forma outorgado desde sempre, por sua condição de macho numa cultura patriarcal que apresentava, segundo Cândido (1951), uma dupla moral para os homens, que, mesmo casados, podiam ter suas amantes, concubinas e filhos fora do casamento. Já para as mulheres, este cenário de transformações concernente ao livre uso de sua sexualidade, nas últimas décadas, exercitada através do *ficar*, é algo conquistado ao longo do processo histórico “com muito esforço”, de acordo com a descrição das entrevistadas.

3.2.5 O ficar como instrumento de busca e elaboração emocional para os homens de Fortaleza

O *ficar* para os homens pode significar busca, descoberta, reestruturação psíquica e emocional, uma abertura para novas possibilidades de relacionamentos, ou uma prévia de um namoro.

Hoje eu estou querendo, busco hoje um relacionamento mais sério um, desencadear de um namoro, né. Então hoje, hoje a idéia é

justamente é para ter uma experiência de como seria, por exemplo, tipo uma prevê dum namoro digamos assim (Heitor).

Significa, tipo... No futuro quando eu escolher alguém eu acho que eu vou estar certo, cada vez mais certo de que essa pessoa é a que eu queria e assim... Só experimentando pra ver né. E eu vejo que não precisa experimentar deus e o mundo pra saber né. Mas isso é uma chance que você tem né, de, de, sei lá, de não errar. Você vai se casar no futuro e tal, constituir família e não tá com a pessoa certa e depois vai ficar aí um raparigueiro né, e ficar aí no meio do mundo querendo provar um e outro (Orion).

Pra mim, especificamente nesse momento, que saí de um namoro, têm vários significados entendeu? É a história de tá tendo que retomar uma vida que era dupla e agora se torna uma né, porque não tenho mais minha namorada e aí eu tenho que mesmo gostando pela experiência como foi em determinados momentos eu tinha que conhecer outras pessoas e ficar aberto a outros relacionamentos e tal, porque eu não poderia ficar encilhado pelo passado, então tem esse significado bem individual pra mim nesse momento. E um significado genérico mesmo é, assim, da possibilidade de conhecer outras pessoas, a possibilidade de curtir uma noite e não ter necessariamente um vínculo, de deveres, de não ter um compromisso estabelecido. Ele significa isso. Na realidade, na minha visão, ele é uma prática de satisfação imediata que pode culminar em outras coisas, tá entendendo. É um desejo que eu tenho de ficar com uma pessoa e aí tanto pode parar por aí, quanto pode se alargar, se alastrar por vários dias, por outros tempos (Ulisses).

O significado do *ficar*, muitas vezes, se apresenta de forma ambígua e múltipla, desde uma prática de satisfação imediata (Lasch, 1983; Monzani, 1996), até a possibilidade de culminar em novos encontros, pois é uma forma de se relacionar que não garante nenhuma continuidade.

É tão comum ficar hoje em dia. Tá tão comum hoje... Porque ficar é o quê? Beijar na boca quando você sai pra algum canto. Só beijar já é ficar? Já deveria ter estágios de ficar... Tem o ficar sério, tem o ficar... Sei lá. Tá tão comum, tão comum, tão fácil. Você vê uma menina hoje, não sabe nem o nome dela beija na boca. Você dá um beijo na menina, troca o telefone aí se torna mais uma amiga. As vezes fica amiga mesmo. As vezes rola de ficar e nunca mais ficar (Dioniso).

Mas o *ficar* também se apresenta como uma possibilidade de estabelecer um estreitamento de laços, na busca de tornar a relação mais densa quando é um *ficar* por mais de uma noite. Este significa a possibilidade de conhecer mais a pessoa.

Meio que experimentar e talvez se abrir uma possibilidade de você conhecer uma pessoa, de estreitar laços com alguém. E simultaneamente por outro lado é... dependendo da situação pode só ser uma forma de extravasar uma vontade momentânea de imediato. Eu vi a garota, eu me interessei por ela e eu quero ficar com ela. Então eu fico com ela. Então eu fico com ela e mato aquela vontade daquele momento. Querendo ou não, dentro da mesma situação podem se estabelecer duas vertentes diferentes (Páris).

Significa descobrir. Eu gosto muito de ter a oportunidade de descobrir com quem eu estou ficando, quem é essa pessoa. E eu vou utilizar vários parâmetros pra isso. Mas o fato dela me dá oportunidade de descobri-la, vai também me dá oportunidade, porque os seres humanos só conseguem descobrir as coisas e inclusive a si mesmo, através das relações, eu acredito nisso né (Hércules).

Quando se trata de um *ficar* por uma noite, pode significar somente um canal de descarga do desejo momentâneo, por se estar carente ou por medo da cobrança sociocultural ao universo masculino (Freyre 2005; Rolnik, 1998 a, Boris 2002), da exigência de não poder dizer não a uma possibilidade de exercer sua masculinidade numa relação, mesmo que efêmera, com uma mulher e se afirmar como homem. Significa também efetivamente a possibilidade de experimentar a poligamia abertamente sem restrições ou tabus, burlando ou dando um “jeitinho” no instituído. Freyre (2005) apresenta a poligamia, junto com o politeísmo, como traços característicos do hibridismo do povo brasileiro e suas misturas, daquilo que escapa ao controle, que viola as regras do equilíbrio social, mas que pode coexistir confortável e maleavelmente com ela.

E acho que... é mais é a perspectiva de estar experimentando as coisas... eu sempre tive essa idéia. Porque... é você experimentar as diversas possibilidades. E eu tinha várias idéias que... a monogamia não era natural, que é uma coisa inventada sociamente, tanto por homem como pra mulher, apesar da nossa formação que é pro homem acreditar mais nisso talvez, mas pra mulher também. Então eu queria estar experimentando essas coisas que eu acreditava, sabe? Eu acho que a gente deve experimentar mesmo (Quíron).

Alguns homens entrevistados descrevem o significado do *ficar* por uma noite como algo estranho, vazio, ruim, deixando a sensação de estar sujo ou sendo usado.

Olha é estranho. Eu vivo muito aquele momento, então eu... Não me preocupo, já aconteceu de me dar um vazio assim... De me sentir usado, como ter usado, me sentindo sujo... Quando se tem aquela, fica é porque fica meio que um pacto implícito, né, a pessoa sabe que só vai ser aquilo e a outra pessoa também sabe que vai ser só aquilo... Normalmente quando eu fico assim não é por uma noite só, das poucas vezes que ocorreu me senti muito ruim, não... Não era aquilo que eu queria. Eu acredito que o ficar é uma maneira não sei se mais sadia, ou menos sadia, nem correta, mas é uma maneira também, da pessoa ver se dar certo e as vezes pro homem... O homem a gente fica com medo de dizer não, por todo o preconceito que existe e a mulher as vezes tem vergonha ou medo de dizer não por conta que tem medo de perder aquela companhia. Acredito que nós somos muito carentes na verdade, o ser humano é bastante carente e acabou se perdendo assim a questão de... De ter ou não uma relação sexual, beijar ou não, é difícil, são... As sensações variam bastante (Aquiles).

Não gosto muito não. Eu acho que a pessoa precisa conhecer a pessoa, porque assim... Acho que não tem um significado bom não (Laio).

Mais uma vez, constatamos a ambigüidade que o *ficar* pode tecer como nova possibilidade de homens e mulheres se relacionarem, pois ao mesmo tempo que pode trazer satisfação, a satisfação momentânea do desejo afetivo-sexual, também pode ocasionar mal-estar, vazio, sensação de descartabilidade, por sua não continuidade e falta de compromisso. O *ficar* traz em seu matiz tanto a característica da busca própria do ideal de amor romântico (Giddens, 1993), bem como uma forma

de satisfação do desejo imediato (Lasch, 1983; Monzani, 1996), que não suprimindo sua falta, segue em busca de outros objetos supridores do desejo. Porém essas duas características antagônicas, uma que reclama estabilidade e durabilidade e a outra efemeridade, são paradoxais e fonte de conflito. Como acabo de constatar nas descrições dos meus colaboradores. Elas coexistem num mesmo fenômeno, embora sejam antagônicas, o que Freyre (1977; 2005) defende como sendo perfeitamente possível em nossa cultura, marcada por hibridismos e diferenças. Ademais que a ambigüidade é uma característica própria do ser humano que vive em seu atolamento congênito no mundo, como nos afirma Merleau-Ponty (1945). Rolnik (1998b) ainda acrescenta que homens e mulheres estiveram presos por muito tempo a velhos padrões de erotismo e se desvincilham completamente de padrões como o patriarcado e o ideal de amor romântico, que fizeram parte da estrutura da construção das subjetividades ocidentais, não tem sido de fácil digestão, causando estranheza, vazios e conflitos. O *ficar* talvez se insinue como uma alternativa de construção de novos territórios de subjetivação no campo dos relacionamentos. Mas, invariavelmente, a construção de novos territórios traz consigo as experiências já antigas de velhas cartografias.

3.2.6 Cômodo e isento de cobranças: o ficar como terreno propício para selecionar uma candidata à um relacionamento duradouro

A motivação para *ficar* se constitui como uma alternativa para se relacionar, sem estar num namoro ou num compromisso que demande deveres ou tempo para dedicar à parceira.

É... primeiro porque eu vim de um relacionamento, e um relacionamento demanda uma série de deveres não é? Então, você tem cumprir com determinadas normas e tal, tem todo um código de conduta e aí, quando você... eu saí do relacionamento magoado, machucado, então eu não queria mais perpetuar esse contrato. Então eu queria passar um tempo sem namorar, não quer dizer que eu vou passar um tempo sem me relacionar com outras pessoas. E aí o ficar aparece como uma alternativa de me relacionar. Mas, de forma mais distanciada e de forma mais íntima até. Pode ser distanciado, ficar uma noite e tal, ficar outras vezes, uma aqui, outra acolá e pode ser íntimo também, porque eu posso ficar ficando, como a gente fala, com uma pessoa e não namorar, mas ao mesmo tempo ter uma série de benesses que um namoro traria: ir ao cinema, fazer um lanche aos domingos pela experiência, freqüentar a própria casa, a pessoa freqüentar a minha casa e tal e não necessariamente eu tenha um contrato que me exija um compromisso (Ulisses).

De acordo com Lasch (1983), este fator denota uma troca mercantil da intimidade, uma vez que tem como objetivo a satisfação de uma necessidade puramente individual, mesmo que englobe um outro, mas que este outro é apenas um objeto de satisfação do desejo ou de uma necessidade pontual, momentânea.

O *ficar* se apresenta, efetivamente, de forma paradoxal, como uma possibilidade de se relacionar distante e ao mesmo tempo próxima, pois ao passo que não requer compromisso, é experimentado de forma densa e intensa. O *ficar* não é exatamente uma decisão, mas algo que acontece social ou culturalmente, pois, de acordo com Elias (1994), são exatamente as transformações das estruturas

individuais em interação com o social que vai se constituir como o processo civilizador, e o *ficar* tem se apresentado como um fenômeno que encontra seu desenvolvimento em interação com essas estruturas sociais e individuais.

Não, não que eu tenha decidido, é que eu vi que é uma coisa que de algum modo ocorre né. Embora existam várias pessoas, que como eu até já falei, existem várias pessoas que se propõem realmente a ficar somente com aquela pessoa e pronto. Se é nesse ponto que agente tá falando, então eu acho é válido pra elas e de repente eu posso achar que é válido pra mim também, certo? O que me motiva é esse descobrimento através das relações (Hercules).

Assim.... O que me motiva a ficar é conhecer melhor a pessoa. As vezes rola aquele sentimento e tudo, você quer ficar perto de alguém, né, e rola... (Orion).

No *ficar* pode estar embutido um jogo de poder (Foucaut, 1998; 1999), a busca por aumentar a auto-estima, satisfazendo o desejo imediato (Monzani, 1996) e também mostrando-se capaz da conquista (Boris 2002) e de ter em seu regaço quantas mulheres quiser ou se dispuser.

Talvez... como eu já tive uma experiência muito cedo de namoro dentro do quadradozinho do condomínio, eu quisesses agora experimentar as coisas que estavam fora daquele círculo. Eu acho também que há um quê de poder. Você tem um pouco de poder sobre algumas pessoas e mostrar que é capaz. É um pouco de jogo de auto-estima, é isso o ficar. E isso funciona quando você consegue alguém que lhe interessa ou até assim... na questão numérica, da quantidade, há um jogo de auto-estima nesse lance de ficar, eu creio (Quiron).

Acho que devido a carência, mais ligado a carência. Quando eu saí do relacionamento, eu senti que ninguém mais se interessava por mim e aí quando eu vi que ela estava interessada, aí eu disse, não... eu vou jogar minhas cartas nessa menina (Laio).

Pode ser motivado pela tentativa de aplacar a solidão, de estar perto de alguém ou de conhecer melhor a parceira ou de se reestruturar emocional ou psiquicamente, se abrindo para outros relacionamentos.

Meu último namoro tem uns seis meses e assim, muitas vezes, o que acontece, a questão de que você tá sozinho... os meus amigos mais próximos a maioria está namorando, né, então de certa forma, as vezes o que acontece: final de semana cada um está com sua namorada e tudo mais e aí as vezes por exemplo eu não tenho uma companhia pra poder sair, digamos assim, com os meus amigos e aí as vezes acaba trazendo uma certa, uma solidão mesmo! E aí, foi aí que eu tô tentando justamente começar, experimentar alguns relacionamentos pra ver se daria algum certo, pra poder começar um namoro (Heitor).

Embora uns experimentem essa reestruturação de maneira mais aberta, outros a experimentam de forma mais cautelosa, comedida, por ocasião de resquícios de relacionamentos anteriores, e o *ficar* acaba sendo uma alternativa para se relacionar, porque favorece a não cobrança entre os pares e o manejo do tempo.

Namorei muito tempo... É... Eu tô meio que... Cauteloso em relação a um novo relacionamento... É mais cômodo atualmente, é... Uma responsabilidade a menos pra mim agora e eu tô com uma cobrança muito grande na minha vida, de trabalho... De pesquisa enfim... E eu sempre gosto de fazer algo que as pessoas... É "pô esse cara faz isso bem!", no meu trabalho, na minha vida, na minha pesquisa e na vida amorosa por mais que o ficar, eu sempre eu tenho um ego muito elevado porque se eu for ficar com aquela menina ela vai dizer: "porra, foi aquela noite!, foi aquele momento!", e se eu não puder me dedicar a isso, se eu não puder me dedicar como namorado, sabe? Eu tenho consciência que eu não vou conseguir me dedicar como namorado praquela pessoa, então eu não to querendo isso... aí eu acho melhor não assumir compromisso (Aquiles).

Os namoros, que eu tive, chegaram ao ponto de ser estabelecidas cobranças... eu tô estudando, tô me formando... eu tô tentando me firmar como pessoa. Então eu acho que seria meio que desviar a minha atenção principal que seria esta, tendo que dividir esse tempo e essa situação pra atender a cobrança de outra pessoa. Eu posso muito bem estar com uma pessoa interessante sem que

necessariamente seja estipulada essa cobrança “ah, onde você tá?” E ter a afetividade e o carinho e não a cobrança. Eu posso me preocupar, mas não cobrar. Essa situação da cobrança é que eu não tolero. E tem sido isso que tem me motivado a ficar porque se eu não tô sendo cobrado pra mim tudo bem... por que eu não preciso passar por essa cobrança pra tá com uma pessoa que eu me relacione bem, com quem eu tenha afeto entendeu. Com quem eu possa dividir algo que se passe comigo. Eu posso muito bem pegar o telefone e ligar e conversar e tal e isso é plenamente possível de ser estabelecido sem que a pessoa seja sua namorada e que você fique com essa pessoa (Páris).

Outros *ficam* porque não acreditam no amor entre homem-mulher e porque não conseguem gostar verdadeiramente de alguém.

Não sei, foi uma coisa que aconteceu. Porque eu não consigo gostar. Foi aquela coisa... Eu só faço o que eu gosto de fazer, eu não consigo namorar... Eu não sei se sou uma pessoa fria, não sei o que é. Eu não consigo gostar de ninguém verdadeiramente. Eu acho que não existe amor entre um homem e uma mulher, acho que existe amor de mãe pra filho e tal, mas de homem-mulher, acho que não existe amor. Acho que existe admiração, respeito, gostar, mas amor não (Dioniso).

3.2.7 Para além da beleza física, a inteligência e a tolerância

Para os homens que *ficam*, de imediato, a beleza e o físico é o que primeiro chama a atenção para a escolha da *ficante*.

(Silêncio). Tem... É a beleza. Tinha uma época que era mais as loiras, branquinha e tal, mas hoje não. Tem que ter um corpo bonito, um rosto legal. As vezes nem tem um rosto muito legal, mas tem que ter um corpo bonito (Dioniso).

No perfil preferido, também é destacada a beleza brasileira: uma mulher alta, morena, pernas grossas, ancas largas e bumbum grande.

Eu sempre tive, assim, uma queda por mulheres mais... é difícil dizer inteligente porque eu acho que existem inteligências, mas de mulheres que lidam com a arte, mulheres que gostam de ler, discutir literatura, que escreveu... eu sempre tive esse tipo de coisa. As características físicas, mais ao modelo, estilo brasileiro, morena, bumbum grande, ancas largas, pernas grossas, assim... (Quiron).

Mas há também a preferência pelas brancas, loiras, altas etc. Porém, também há aqueles que estão buscando para *ficar* uma parceira para além do físico, não importa que não sejam tão belas ou magras, mas é fundamental para alguns que seja animada, carinhosa, tolerante, trate bem, goste de bastante contato físico e que não seja possessiva.

Eu não sigo um estereotipo de características físicas, pra mim depende muito da composição mesmo de cada fator da pessoa. Eu já passei por essa fase de que só a beleza faz a casa, né. Eu gosto muito de pessoas carinhosas, que te trate bem e te dê muito carinho, contato mesmo físico, abraço, carinho em si também. Eu também não gosto muito de mulheres muito ciumentas e possessivas (Heitor).

Quando eu tô assim em grupo e tal e eu prefiro ficar sempre com alguém do meu grupo, aí eu sempre olho pra aquela mais animada. E por sorte eu fico com a mais animada. E isso é o que mais me atrai. Pode ser feia, gorda, o que for, mas sendo animada... Ave Maria! Já salva a noite (Orion).

Outros buscam mulheres inteligentes que consigam conversar sobre os mais variados assuntos, que gostem de arte, literatura e que sejam abertas a negociações, porém consideram difícil de encontrar alguém que se encaixe perfeitamente neste perfil.

Me agradam muito mulheres loiras, brancas, olhos claros, acho que todas as minhas namoradas – que eu namorei quatro vezes, todas as que eu namorei foram assim. É um fenótipo que me agrada, em ver fisicamente, que me atrai. Numa festa, a primeira coisa que eu olho é esse tipo de coisa e aí que curta uma praia, que tenha um

certo apreço pelos estudos, respeite a minha condição, a minha vida é essa, a vida acadêmica, então isso faz com que eu tenha horários trocados, que dizer, eu trabalho no sábado e num domingo numa pesquisa. Então no sábado e no domingo eu não vou poder sair com ela. No entanto na terça e na quinta-feira eu tô folgado e vou poder sair. Então, uma pessoa aberta a essas negociações. Mais difícil do que achar uma pessoa loira e dos olhos claros é achar uma pessoa aberta a essas negociações (Ulisses).

Atualmente existe, quando eu era bem mais novo não existia não, bastava ser mulher, e bonita. (risos). Eu preciso conseguir conversar com ela, não é só, não é mais hoje em dia, não é um corpo. É físico também, físico aliás é a primeira coisa que atrai, mas se eu não me sentir bem, a vontade, aí eu desisto. (risos). Mas como eu já te disse, a minha preferência é ficar com quem eu já conheça...algumas velhas amigas e tal (risos) (Aquiles).

Para alguns, é interessante que a *ficante* não faça parte do círculo de amizades, enquanto para outros é preferível que a parceira faça parte do seu grupo ou que pode até acontecer o *ficar* com uma amiga.

Existe a mulher por quem eu me interesse... mas eu prefiro que seja fora do meu círculo de amizade do que dentro dele. Na maioria são loiras e... Fisicamente são altas. Eu não quero uma pessoa burra pra mim, quero uma pessoa que consiga estabelecer uma conversa. Com quem eu posso conversar sobre tudo. Não tolero mulheres do tipo "ah, eu quebrei aminha unha", "ah, essa roupa está combinando com essa?" Aquela pessoa que parece indecisa, que não tenha atitude. Eu acho que a mulher em si tem que ser independente. Ela não deve depender nem de homem e nem da opinião de ninguém. Ela tem que ter a opinião própria, mas sem ter a cabeça fechada. Sintetizando, tem que ser decidida (Páris).

Alguns têm consciência que o perfil traçado é construído a partir de uma idealização e que dificilmente existirá quem preencha exatamente todos os quesitos, mas enquanto isso vai-se *ficando* e buscando uma parceira *ficante* que se aproxime do perfil idealizado. Outros estão abertos à descoberta da diferença do outro, mas que também tenha algo em comum consigo.

O meu perfil, hoje em dia eu... vou buscar ter uma relação mais próxima com uma parceria que tenha alguns pontos de identificação comigo. Mas eu acho também que é legal se ela tiver alguns pontos de diferença comigo. Eu não vou buscar numa parceria que ela tenha todos os pontos em comum comigo porque eu vou achar isso muito estranho. Eu não vou achar interessante, eu vou achar importante que ela tenha alguns pontos diferentes (Hércules).

Da mesma forma que foi constatada para as mulheres, os homens desta pesquisa, de acordo com Costa (1998), buscam para ser sua parceira aquela com quem tenha afinidades e semelhanças, geralmente em se tratando do meio social, econômico e cultural. Costa diz ainda que são raras as estatísticas de permanência de laços amorosos efetivados, quando existe uma disparidade gritante no que concerne principalmente às diferenças culturais. Neste caso, homens e mulheres entrevistados confirmam a tese de Costa (1998), ao relatarem suas preferências e busca por parceiros(as) que se identifiquem com eles(as) em alguns aspectos, ou seja, que tenham costumes e hábitos semelhantes, mas que proporcionem também o desejo pela descoberta, através das singularidades, das diferenças pessoais.

3.2.8 Qualquer lugar é lugar para ficar

Os lugares escolhidos pelos homens são semelhantes aos que as mulheres desta pesquisa também relataram escolher. Porém não há aceção de lugar para os homens *ficarem*. Relatam que qualquer lugar é lugar de *ficar*. Alguns descrevem o espaço público como o local de conquista.

Não tem, não importa. Não tem lugar pra mim não. Tem gente que se incomoda: tem que ser num lugar mais escuro, ou então numa boate,

ou então num forró, ou numa rave, ou..., pra mim se eu gostar da pessoa, pode ser no supermercado ou no restaurante, na fila dum banco, eu converso, chamo, se me chamar a atenção (Aquiles).

Porém, para outros, o espaço público não é adequado para se *ficar* quando se tem mais de uma *ficante*, porque embora não haja nenhum compromisso firmado, alguns homens preferem ser mais discretos porque desejam manter seu “leque de possibilidades” em relação às parceiras *ficantes*. Então, é comum que se busquem espaços privados, como a própria casa ou apartamento ou motéis.

Primeiro a gente ia pro teatro, depois barzinhos, o Dragão do Mar, o espaço ali fora. Mas o espaço público tem um problema porque eu sempre gostei mais da discríção. Então, mesmo que eu ficasse com muitas meninas, nem todo mundo sabia disso, entende. Nem todo mundo sabia com quantas meninas eu tava ficando. Então, a minha casa é um espaço bom. Cheguei a ir varias vezes a motéis também. Na casa da parceira também. E eu sempre gostei mais da descrição (Quíron).

Mas é mais comum *ficar* nas baladas, festas, boates, por conta da concentração maior de pessoas, o que favorece na variedade para a escolha, na facilidade para a abordagem. Ou porque já paquerou em outro lugar e depois marca para se encontrar nas festas.

Eu freqüento muito o órbita (boate) e aqui, os bares do Benfica porque a gente tá todo dia por aqui. Todo dia vai tomar alguma cerveja e normalmente a gente conhece as pessoas e de repente fica. E no órbita já é toda uma estrutura de festa que já vai te facilitando uma abordagem e tudo, aquela música, a questão da bebida, tá todo mundo dançando. Então é um lugar que me agrada pela música e tem muita gente bonita, muita gente que gosta de praia. Muitas vezes a gente paquera na praia e a noite já encontra lá, esse tipo de coisa (Ulisses).

Não há lugar. Pode ser em qualquer canto. É mais fácil nas baladas porque tá bebendo e tudo, aquele negócio e... Assim... É onde há a maior concentração, é mais fácil (Orion).

(Silêncio) ...*Então, acontece de eu ficar com alguma menina em festas, ou então, por exemplo quando é algo assim, de que a gente já se conhece e tudo mais e aí tem uma possibilidade de sair pra jantar, as vezes um cinema, as vezes também pode acontecer na volta pra casa de por exemplo a gente passa uma noite agradável a gente sai para jantar, vai pro cinema, as vezes só no final da noite, mas aí quando acontece isso daí eu já fico com ela mas de uma vez justamente pra ver como seria o relacionamento* (Heitor).

Pode-se *ficar* nos barzinhos, na Igreja, no cinema, no retorno para casa depois de algum jantar, em lanchonetes, no trabalho ou até mesmo na fila de um banco.

Já aconteceu no meu local de trabalho, na Igreja e na lanchonete (Laio).

Eu já fiquei com pessoas em festas, no trabalho, mas eu prefiro que seja fora do meu círculo de amizade do que dentro dele (Páris).

Alguns homens não especificam uma preferência de local para *ficar*, pode acontecer em qualquer lugar, por mais *sui generis* que seja, o importante é que tenha mulheres disponíveis, “dando mole”, a fim de *ficarem* e que sejam agradáveis.

Não existe especificamente. Existem lugares que sejam agradáveis, que me agrade, que eu perceba que agrade a menina e... mas isso aí... dependendo do ambiente (Hércules).

Não... Pintou... Rolou assim um clima... Pode ser num centro de macumba, se lá tiver uma garota legal dando mole e eu ver que tá rolando, a gente vai ficar. (risos) independente do local (risos) (Dioniso).

É interessante notar que, ao descreverem o local adequado para *ficarem*, além das baladas ou festas onde é mais comum pela grande quantidade de pessoas disponíveis para *ficar*, os homens trazem à tona a questão da bebida como fator

facilitador de acesso à abordagem para *ficar*. Algumas mulheres também mencionaram a bebida como facilitador, para se “soltar” mais e estar à vontade para *ficar*.

Homens e mulheres descrevem uma diferença significativa entre o espaço público – o da conquista para *ficar* - e o privado, onde acontecem as trocas afetivas, o “lugar mais cômodo”, “mais agradável”, “mais tranqüilo”. Para homens e mulheres o lugar que facilita mais as oportunidades de *ficar* são as baladas e os barzinhos. Ambos relatam que nem toda vez que há uma abordagem, geralmente em lugar público, se configura imediatamente um *ficar*, pois alguns *ficares* se iniciam pela conversa, depois se marca para sair e a partir daí, então, pode acontecer um *ficar*. Os homens relatam não ter lugar específico para *ficar* e que todo lugar é lugar de se conquistar para *ficar*, embora procurem lugares mais “discretos” (privados), para efetivarem suas conquistas e levarem ao ato de *ficar* propriamente dito.

3.2.9 O local, a pessoa e o tempo disponível influenciando na freqüência do ficar para os homens adultos de Fortaleza

A freqüência de *ficar* varia bastante. Não existe um padrão. Porém é mais comum nos finais de semana, nos tempos livres, nas férias de trabalho. Além do fator tempo, o ambiente também pode influenciar na freqüência do *ficar*.

Varia, se eu não tô ficando com ninguém... depende do ambiente, assim uma boate, uma ambiente, mas eu, se tiver oportunidade, eu vendo oportunidade... Porque tipo assim... Tá ficando na questão de não ter o compromisso pleno né, mas se você vai sair pra noite, você sai com aquela menina, você liga pra ela, você sai com ela,

entendeu, se você quer ter um envolvimento pessoal, se você se sente bem ao lado dela, se você conversa e se sente agradável conversando com ela, aí é com ela que a gente sai, torna a sair, e vai ficando... Já demorou pra mim uns três meses, assim e tem também aquelas coisas esporádicas que são umas amizades que a gente tem e fica, né, é uma amiga que agente fica. As vezes ela liga: “tá fazendo o quê?”, e eu: nada, “vamos ver um filme?”, Vamos! aí acaba ficando, sabe, mas não é uma coisa com compromisso nenhum (Aquiles).

Quando eu acabei... depois do carnaval eu tava ficando muito né, pra chutar o balde, ah! Toda vida que saía ficava e aí... é... era mais a questão da onda mesmo, muita birita, muita festa e ficar com a pessoa e tal a fim de esquecer o meu relacionamento passado e agora não, depois que as coisas cicatrizam um pouco você se torna mais exigente entendeu? E aí tô ficando... também não tô saindo muito por causa do mestrado e tal, mas aqui pela experiência eu já fico com o pessoal aqui e acolá (na universidade), mas não é mais com aquela constância que era outrora, de quando eu acabei o relacionamento, é uma coisa mais calma, assim... primeiro por conta das exigências, segundo pela própria impossibilidade de tá saindo todo o final de semana (Ulisses).

Acontece mais freqüentemente de se ir para uma festa e *ficar* com várias parceiras na mesma ocasião. Pode também acontecer de *ficar* e nunca mais ver a *ficante* novamente.

Depende. Já aconteceu de eu ir pra uma festa e ficar com 10 pessoas, há uns três meses atrás. Depende. Se eu tiver com o meu tempo mais livre pode-se dizer que quando eu sair. Nas férias: quintas, sábados e domingos depende muito dos lugares, mas em média quando eu estou de férias eu costumo sair quatro dias seguidos. Mas não necessariamente toda festa que eu for, eu tenho quer ficar com alguém não (Páris).

Já aconteceu uma vez de... Eu ficar com uma menina numa noite e rolar aquele... Ave Maria! Nunca mais eu vi a menina. Já rolou! Já rolou... No caso... Eu tive duas namoradas e fiquei com ela depois de outra semana, final de semana ficava e aí acabava namorando. Isso já aconteceu duas vezes. Já aconteceu também duas vezes que numa noite e tal e pronto. Já tive duas que, tipo, ficar, depois de um mês ficar de novo, depois se via uma vez e esporadicamente ficava, mas não tem nada certo não. Não há um padrão (Orion).

Outros *ficam* todo final de semana com mais de uma parceira de sexta a domingo ou cada dia com uma diferente.

(Risos). *Eu trabalho muito né. Mas todo final de semana, sem exagero... As vezes eu opto em ficar só com uma de sexta a domingo, mas quando eu saio assim, num final de semana eu fico com três, quatro garotas num final de semana, de sexta a domingo.* (risos) (Dioniso).

... É mais em final de semana mesmo. Já aconteceu de... sábado com uma, domingo com outra. No sábado seguinte ou no domingo seguinte podia ser outra, ou a mesma (Quíron).

A freqüência do *ficar* pode variar de uma noite a três, quatro meses *ficando* sem compromisso. Alguns, depois de já terem *ficado* com bastante freqüência, preferem *ficar* menos neste momento de suas vidas, por estarem mais seletivos e por objetivarem um relacionamento duradouro.

Hoje em dia menos (risos) a freqüência é bem menor, (...) ela vem como uma forma seletiva, por isso que ela se torna menor. Porque o que ela vai significar, que hoje eu não busco mais como eu buscava há alguns anos atrás, não mais com o sentido que eu buscava, hoje eu já busco no sentido de me relacionar realmente, mas de ver que proposta tem aquela relação, da gente aumentar ou não aquela relação, atender ou não aquela relação, essa ou aquela relação, no sentido da afetividade, no sentido sexual, tanto uma coisa como a outra, no sentido da amizade, enfim e tudo entra a afetividade (Hércules).

...Bem... Digamos assim, vamos ver, nesse último mês, nesse último mês eu poderia dizer que eu fiquei com 2 pessoas..., é mais ou menos isso (Heitor).

A freqüência com que homens e mulheres *ficam* é semelhante, também no sentido de não ter um padrão estabelecido. Ambos *ficam* mais freqüentemente nas férias ou em finais de semana. A maioria dos homens e mulheres adultos se descrevem *ficando* com menos freqüência, mais seletivos

quanto à busca do(a) parceiro(a), porém a seletividade que motiva a ambos em algum momento é diferente. É certo que os homens e mulheres adultos desta pesquisa têm buscado, através do *ficar*, a possibilidade de um relacionamento mais duradouro, e os homens afirmam isto mais abertamente do que as mulheres, que dizem não querer assumir compromisso sério com ninguém. Elas até dizem querer um relacionamento com compromisso, mas que seja cada um em sua casa, como já apontamos mais acima. As mulheres se consideram mais seletivas e exigentes em relação à satisfação que o parceiro pode oferecer, tanto sexual quanto afetivamente. Porém, também estão mais seletivas, por medo de sofrer violência ou de contrair alguma doença sexualmente transmissível. Ainda quanto à frequência, ocorre, em ambos, o *ficar* com mais de um parceiro no mesmo período, porém as mulheres por mim entrevistadas não descreveram a mesma rotatividade de troca de parceiros num mesmo final de semana, assim como os homens descreveram. Apenas quatro das dez mulheres estão *ficando* com mais de um parceiro, concomitantemente, no mesmo período, mas sempre com um *ficante* “fixo”, “certo”, enquanto que os outros parceiros são *ficas* esporádicos, passageiros. É interessante notar aqui a diferenciação que homens e mulheres fazem sobre as diversas formas de *ficar*, assinalando que existem *ficas* que são mais passageiros esporádicos e efêmeros que outros. Há uma certa eleição do parceiro(a) fixo(a) com quem se pode *ficar* mais de uma vez ou semanas ou meses a fio, porém não prescindindo da liberdade de *ficar* com quaisquer outro(a), dado o caráter de não compromisso do *ficar*.

3.2.10 Da sensação de vazio, uso e descarte à elaboração da expectativa de continuidade depois que ficam

Como tem sido constatado que o *ficar* é um fenômeno singular em sua multiplicidade, para os homens de Fortaleza, existem “vários depois”. Irá depender do interesse pela parceira *ficante*, se existe ou não expectativa de continuidade – mesmo sem compromisso -, ou se quer construir um relacionamento mais duradouro como um namoro, por exemplo. O que os homens sentem quando *ficam* vai variar de *ficar* para *ficar*. Porém há quem descreva uma espécie de “vazio habitado”, de que já existiu alguém ali, mas que no momento não há mais, pois, ao mesmo tempo que no *ficar* existe uma abertura para muitas possibilidades de se estar com parceiras diferentes, algumas vezes pode ocorrer de não se estar com nenhuma. E isto provoca uma sensação de limitação, o que algum aproveita o momento de quebra de expectativa e solidão para criar.

Há vários depois, porque há meninas que a gente conversa quase que diariamente na internet, então, as vezes ficava instigando ou uma coisa assim. Há outras que... eu tô achando difícil por que como eu te disse, há uma multiplicidade, então, é difícil... varia... depende de determinadas mulheres... quando era um primeiro fica, quando já é uma coisa estabelecida, aí tinha realmente aquele cuidado de depois, se você tivesse interesse, ou não né... Existe expectativa quando você se interessa realmente por está perto daquela pessoa, por querer trocar coisas boas quando foi uma coisa boa... pra mim era mais uma coisa de manter o meu círculo. Eu já deixei, já perdi muita oportunidade de namorar com alguém pra manter todo aquele círculo de possibilidades que eu tinha. Abri mão de namoros... com medo também de pressões, eu não gosto de telefone, de dar satisfações. Eu fugi muito disso durante um bom tempo... e eu falava de uma espécie de vazio habitado sabe, de uma coisa que eu tinha muitas possibilidades, mas que ao mesmo tempo tinha uma hora que nenhuma estava disponível pra mim. Então, havia aquela espécie de vazio habitado que eu gostava de chamar. Eu me sentia um pouco limitado apesar de gostar da solidão. Eu fico mais criativo quando eu tô solitário... e eu acho que até que essa dor faz parte da nossa formação, é uma coisa que vivemos, é normal (Quíron).

Quando é um *ficar* de uma noite, seja ele espontâneo ou por pressão dos amigos, bebedeira ou quando se está “pulando de galho em galho”, o depois pode vir seguido de uma “amnésia”, mal-estar, constrangimento, arrependimento, vazio e pode não trazer nenhum sentimento relevante, ou seja, é indiferente se não há expectativa de continuidade ou mesmo de namoro.

Aí depende de como foi. Se foi motivado por uma pressão ou por uma bebedeira... pressão que eu digo assim... um amigo diz: “pô, fica aí com a menina e tal, é minha amiga” aí o cara vai e fica, ou se foi por conta de uma bebedeira que aí você perde o discernimento e fica com uma pessoa que as vezes nem lhe agrada e você fica só por ficar. Acho que depois tem um quê de ressaca moral: “pô, porque que eu fiz isso, podia ter me envolvido com outra pessoa e tal”. Agora, quando é legal, no outro dia é muito bom. Agora, tem uma coisa que a gente conversa muito em mesa de bar e que a grande maioria concorda é que quando você tá muito tempo ficando, ficando vulgarmente pulando de galho em galho, você sente um certo vazio porque são experiências pontuais, fragmentadas, onde você não constitui uma história, onde você não pode construir uma trajetória como é num namoro com outra pessoa. Então você fica um pouco vazio nesse sentido. Quanto a questão da expectativa, quando é com alguém legal, aí gera sim. Eu acredito que isso vai depender muito da disponibilidade sua, esse depois. Eu vou falar da minha situação atual: como eu não tenho pretensão nenhuma de namorar agora, então as minhas expectativas são de ficar com outra pessoa, repetir e isso... se não acontecer, não me atinge muito, eu não fico tão frustrado, tão decepcionado por que eu não tenho idealizado uma coisa tão grande como um namoro, entendeu (Ulisses).

O depois, eu te confesso que eu achei estranho no outro dia de olhar pra cara dela e depois que eu fui pra casa, eu disse: puxa vida! O quê que eu fui fazer? Foi chato, foi muito chato. Eu não gostei e não quero ter essa experiência de novo porque você fica, aí você fica... eu pelo menos fiquei errado, eu não sabia nem como continuar a aula, até porque ela ficava jogando indiretas a todo instante e eu procurava desviar, mas aí aos poucos tem horas que você não consegue mais desviar (Laio).

Noto, principalmente no relato anterior, que existe um forte matiz do ideal de amor romântico (Giddens, 1993; Costa, 1998) que tende a se conflitar com a não construção de um relacionamento mais sólido e duradouro, gerando e sendo causa do sentimento de vazio.

Talvez seja até por isto - pelo matiz do ideal de amor romântico que faz parte da construção subjetiva de homens e mulheres em nas sociedades ocidentais (Johnson, 1987 e 1993; Giddens, 1993; Costa, 1998) –, que alguns homens preferem *ficar* com quem já conhecem, pois isto irá, de acordo com o relatado, influir no bem-estar e na expectativa de se encontrarem mais vezes e na possibilidade de continuidade.

... Eu prefiro ficar mais quando eu já tenho um certo pré-conhecimento da pessoa, por exemplo eu já conheço a pessoa há algum tempo e ficar e nesse caso, o relacionamento melhora em relação a gente ficar e foi bom se ambos gostaram, enfim fica a questão do querer saber como vai ser o dia seguinte, as vezes bate saudade, as vezes dá vontade de se ver mais vezes, mas por exemplo já quando acontece um fica numa festa que eu nem conheço a pessoa, as vezes isso daí e como se não influenciasse em nada, não creditasse nada em mim, como se fosse apenas um ato físico mesmo (Heitor).

Quando o *ficar* é esporádico, com alguém que não conhece, é descrito como um ato puramente físico e sem muita relevância. Neste último caso, revela mais a satisfação do desejo imediato que nunca se completa (Monzani, 1996), ou da troca mercantil das intimidades como nos sugere Lasch (1983).

Normal. Ontem, eu tava ficando com a menina que eu acho que tem o perfil da pessoa que... Aí quando eu saí pra fora aí vi uma menina vindo assim, vinha passando duas garotas, aí eu puxei a menina, comecei a conversar e beijei na boca dela. A minha única preocupação era “será que a outra vai ver?” Porque a outra eu tô querendo ficar com ela mais um tempo assim. Quanto a expectativa é relativo, depende, é de pessoa pra pessoa. As vezes tem garotas mais legais, é relativo. Tem meninas que eu procuro respeitar mais quando eu vejo que tem família, que trabalha e que estuda, então você vê que tem que dá uma moral a mais. Quando você vê que é uma menina que não se valoriza muito, que sempre tá em festas, tá ficando com os caras, você meio que “ah, é uma doidinha, deixa pra lá” (Dioniso).

Quando é um *ficar* que visa a novos encontros, traz uma sensação de bem-estar e algumas vezes, até, a expectativa de se tornar um namoro, mas quando este não acontece, também não causa grandes frustrações.

Assim... Me sinto bem porque como já falei, não é aquele ficar... Não. Não é aquele ficar de uma noite. Geralmente eu já conheço a pessoa né. Aí fica aquele sentimento mesmo. Aí a gente pega o orkut, o msn e fica conversando e tudo, quem sabe rola até de... Sei lá... está disponível para sair de novo e tal. O sentimento é bom com aquela pessoa que ficou comigo aquela noite e tal, o sentimento é bom (Orion).

Hoje em dia, eu me sinto... A vontade porque... É não tem acontecido de eu ficar por uma noite, normalmente eu conheço a pessoa já e não é só uma vez então, não tem sido diferente, tem sido... É gostoso a companhia da pessoa lhe faz bem, a sensação boa. Acaba gerando expectativa, por mais que a gente não queira as vezes acaba gerando. A gente acaba querendo compromisso, as vezes a gente não dá e quer compromisso, as vezes é o inverso, mas gera. Mas acaba lidando com isso de forma sutil, ou um termo mais pejorativo vasilínico, se escorregando, a gente acaba deixando, querendo deixar claro que não tá querendo namorar... O mais engraçado hoje em dia é que... As mulheres fazem esse papel bem interessante, assustador eu diria, de ser vasilínica! (Aquiles).

Alguns homens adultos lidam com o depois e com as expectativas geradas no *ficar* com naturalidade, maturidade e paciência. Eles acusam as mulheres de também adotarem a prática de sair de fininho, sendo escorregadias, quando não querem compromisso. E esta nova postura da mulher os tem assustado.

Hoje, em dia, eu lido com mais maturidade. Eu já lido melhor, por que... eu fui aprendendo aos poucos, a vida é engraçado porque a gente vai ficando mais velho, ou seja, teoricamente a gente vai tendo menos tempo de vida, mas a gente vai adquirindo mais paciência e... quando a gente é novo e que tem todo o tempo do mundo, a gente não tem muita paciência e isso acontecia muito comigo e o xadrez me ajudou muito a desenvolver uma paciência e uma lógica dentro dela e perceber que as coisas podem acontecer, mas podem acontecer tanto na hora que você pretende que aconteça, como pode acontecer em outro momento. E aí se acontecer um outro momento você também está preparado pra isso, ou se não acontecer você também está preparado pra isso (Hércules).

Os relatos dos homens sobre o que sentem e suas expectativas depois que *ficam* foram bastante espontâneos. Pude notar que eles, no momento da entrevista, mergulharam consideravelmente em seus sentimentos, descrevendo-os, sem resistência, vergonha ou qualquer constrangimento aparente, por estarem fazendo tais descrições. Já as mulheres, em sua maioria, tentam maquiar o ressentimento em seus relatos para demonstrarem força e conquista, ao descreverem o sentimento do “depois”, ao falarem que ainda não se acostumaram com “esse negócio de *ficar*”. Porém, algumas mulheres dizem já terem se acostumado com esse processo de elaboração, após o *ficar*. Relatam que tiveram que aprender ao longo de suas vivências e de expectativas não correspondidas. E, assim como os homens de Fortaleza, as mulheres também trazem o sentimento de vazio, a sensação de uso e descarte em algumas ocorrências de *ficar*. Porém alguns homens falam do vazio conotando uma perda do poderio sobre as conquistas de seu ciclo de possibilidades de *ficar* com diferentes parceiras concomitantemente, herança dos preceitos patriarcais (Freyre, 1977, 2005; Gilligan, 2003). Para outros, o vazio é descrito denotando uma falta do ligame afetivo. Este fato sugere, fundamentalmente, que homens e mulheres se construíram subjetivamente, também permeados pelo ideal de amor romântico que idealiza seu par e espera continuidade (Johnson, 1987 e 1993; Giddens, 1993; Costa, 1998) e, quando isto não se efetiva, acaba gerando uma espécie de vazio emocional que necessita ser imediatamente elaborado, dado o caráter de efemeridade do *ficar* e da nova empreitada na busca de outros objetos de desejo através do *ficar*. O depois para as mulheres também é ambíguo e paradoxal, porque elas também consideram que existe uma sensação descrita como sendo muito boa, porque as satisfaz naquele dado momento e as faz

sentirem-se vivas, aumentando sua auto-estima e potencializando-a como mulher, através da conquista do livre exercício de sua sexualidade. O “depois” para homens e mulheres é tão singular como cada *ficar* experimentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que é ensinado por Moreira (2007, p. 199) sobre a captação dos tons e movimentos em pesquisa fenomenológica, detectei nas descrições das vivências das mulheres entrevistadas a oscilação de movimentos que parte da satisfação da conquista da liberdade de se relacionarem com desenvoltura em suas experimentações e sem assumirem compromisso através do *ficar*. Porém elas resgatam suas vivências de adolescentes ao longo das quais aprenderam romanticamente¹⁰ que os relacionamentos deveriam ser processuais e que teriam uma evolução desde o encontro, passando pela paquera, e pelo namoro até o casamento (Alves, 2005). Aprenderam que a mulher nasce para casar e acabam descobrindo, com muita frustração, que o ideal de relacionamento que lhes incutiram não é real, que não existe na prática exatamente do jeito que os seus pais e a mídia diziam ser. O movimento segue na descrição das mulheres com o relato dos seus aprendizados através dos relacionamentos, com os quais, ao longo do tempo, ao se depararem com o real dos relacionamentos e suas descontinuidades e rupturas, vão sendo protagonistas de mudanças ao mesmo tempo em que se adaptam às transformações nas formas de se relacionar rompendo com velhos paradigmas e conquistando novos espaços. Este movimento não se desenvolve linearmente, mas descontinuamente, cheio de conflitos, rupturas, questionamentos e aprendizados. Descrevem suas vivências num paradoxo, para elas já aceitável, tendo que conviverem com a expectativa de continuidade do relacionamento e a elaborarem-na quase que imediatamente, dado o caráter efêmero do *ficar*, pois relatam não ter outro jeito de se lidar com a expectativa, a não ser este de elaborá-la e seguir em frente vivendo e se disponibilizando para novos relacionamentos. A maioria das mulheres diz terem aprendido a lidar com a descontinuidade e com a expectativa ao

¹⁰ Através da literatura, dos romances, dos contos repassados de geração em geração, pela mídia, através dos filmes – principalmente os hollywoodianos -, e novelas.

longo de suas vivências, mas, ainda assim, sentem no *ficar* um misto de bem-estar, realização sexual, mas também um vazio emocional. Detectei um outro movimento interessante nos relatos das mulheres no que se refere à busca de um parceiro que corresponda ao seu ideal. Algumas dizem *ficar* porque não encontraram ninguém que “case direitinho” com o que procuram, porém não desejam assumir mais a postura de donas-de-casa, depois de terem experimentado a conquista do espaço público, através de suas vidas profissionais, e o direito à liberdade sexual. Algumas delas até demonstram estarem abertas a algum relacionamento com compromisso, mas com a condição de que seja cada qual em sua casa. O tom e o movimento das entrevistas das mulheres se deram, fundamentalmente, na descrição do *ficar* como fazendo parte de uma importante alternativa de se relacionar no que concerne ao exercício de suas conquistas, no âmbito da liberdade sexual, rompendo com os velhos paradigmas arraigados do patriarcado, no qual saíram da subserviência e da autoridade hierarquizada dos pais e maridos. Elas ainda nutrem, através das expectativas de continuidade, alguns substratos do ideal de amor romântico, mas oitenta por cento das entrevistadas têm se relacionado na prática de forma bem objetiva, sabendo o que buscam e o que querem dos seus parceiros *ficantes*: *ficar* sem compromisso. Embora algumas se ressintam com o “depois”. E aqui o *ficar* aparece no movimento para as mulheres como um importante veículo de satisfação sexual, aumentando sua auto-estima e fazendo-as sentirem-se vivas. As mulheres têm escutado mais o seu corpo e o seu desejo, sabem quando estão carentes e precisando de sexo. Para elas, alguns *ficares* são exclusivamente para atender a necessidades pontuais e urgentes de carência sexual. Porém, depois que satisfazem o desejo sexual, se questionam porque, nestes casos, elas não

conseguem ser muito seletivas com os parceiros *ficantes* e acabam *ficando* com quem aparece primeiro.

O tom e o movimento da maioria das entrevistas dos homens de Fortaleza que *ficam* apresentaram um caráter de busca por um relacionamento mais duradouro. Notei que o percurso que foi realizado pelos homens, através do *ficar*, desde a adolescência, é contrário ao percurso realizado pelas mulheres. Os homens foram cobrados a aprender, desde cedo, a se afirmarem como machos no meio sociocultural, através da quantidade de suas conquistas e do exercício de sua sexualidade, que lhes imputariam respaldo e aceitação pelo grupo social no qual estavam inseridos. A maioria relata que este movimento de posse, quantidade e conquista se dilui quando se tornam adultos. O foco muda e agora, já adultos, descrevem um movimento característico de busca, de interesse em se satisfazer não só no campo sexual, mas, fundamentalmente, no da afetividade. Já as mulheres que na adolescência não tinha o aval da sociedade para exercer livremente sua sexualidade, encontram agora no *ficar* respaldo para isto. De acordo com a descrição dos seus relatos as mulheres eram mais românticas quando adolescentes e os meninos mais experimentadores da sexualidade. Hoje constato que a maioria dos homens entrevistados estão em um movimento de aprender a se abrir mais para a afetividade, embora outros ainda estejam experimentando o *ficar* como fonte de satisfação imediata de seus desejos sexuais.

Seguindo o tom e o movimento das descrições dos homens, dois dos entrevistados relatam se utilizar do *ficar* como forma alternativa de se relacionar por não terem tempo suficiente, neste momento atual de suas vidas, para investirem em um relacionamento com compromisso. Dois estão *ficando* para elaborar seqüelas do rompimento de relacionamentos anteriores. Os homens também relataram o

movimento da descoberta de si e do outro através do *ficar*. A afirmação da autoestima, exercida através do poder da conquista de várias parceiras; a sensação de bem-estar e de vazio também seguiu o movimento dos relatos masculinos. A grande maioria dos homens foi bastante elegante ao descrever suas experiências através do *ficar*, demonstrando respeito por suas parceiras *ficantes*. Porém houve, nos relatos masculinos, quem se expressasse de forma machista e desrespeitosa para com as parceiras *ficantes*, não as valorizando como seres humanos. Apenas um dos homens entrevistados se descreveu insatisfeito com o *ficar* e tenta não se relacionar desta forma, porque sua comunidade religiosa não aprova, pois o considera como forma de uso e descarte do outro. Está praticando uma modalidade de *ficar* com sua parceira, mas com acompanhamento dos conselheiros de sua comunidade religiosa, que não permite nenhum contato físico – até mesmo beijos e abraços - antes que façam uma “caminhada” de conhecimento mútuo por vários meses. Ele relata não ter resistido e ter beijado a moça algumas vezes, porém confessaram e foram chamados à atenção pelo conselheiro.

Eu, como pesquisadora, surpreendi-me com a sensibilidade e a elegância que a grande maioria dos homens entrevistados falavam de seus *ficas*, das parceiras que já tiveram e do desejo de continuidade. Confesso também que precisei fazer um imenso esforço para colocar meus pressupostos entre parênteses em uma das entrevistas e trabalhar a redução arduamente, pois os relatos tendiam a se conflitar com os meus valores de mulher contemporânea. Na verdade, precisei colocar meus pressupostos entre parênteses o tempo todo do trabalho, concentrando-me apenas nos relatos, até mesmo quando os valores dos entrevistados convergiam com os meus. Este fato também aconteceu com o manuseio dos relatos das mulheres também. De qualquer forma, foi um grande

desafio trabalhar minhas próprias resistências com tais relatos que eram importantes manter na pesquisa, porque foram os dados que apareceram e tinham que ser trabalhados.

Em suma, constatei nos relatos dos colaboradores algumas descrições que efetivamente denotavam o interesse em somente satisfazer suas necessidades afetivo-sexuais momentâneas, porém, na grande maioria dos relatos masculinos, também encontrei um forte matiz de interesse pelo bem-estar do outro, o desejo de continuidade, a busca por um relacionamento mais duradouro, que é característica do ideal de amor romântico, e que permeia as relações de gênero. Para as mulheres entrevistadas, o *ficar* tem funcionado como conquista do exercício da livre experimentação da sexualidade, como via de satisfação do prazer imediato, da carência, gerando a expectativa e a busca também pautada no ideal de amor romântico, embora elas não queiram mais se responsabilizar pelos afazeres domésticos e afirmam até querer um dia um relacionamento com compromisso, mas que seja um parceiro no perfil almejado e que seja cada qual em suas casas. Ambíguo, conflituoso, para mulheres e homens, o *ficar* traz satisfação e vazio e a necessidade extremamente rápida de elaboração do micro luto da perda do contato efêmero, mas intenso do objeto de amor.

Para Rolnik (1998b), homens e mulheres permaneceram presos por muito tempo a um padrão de erotismo de outro tempo. A mulher, neste cenário contemporâneo de constantes mudanças, ainda gagueja uma nova linguagem de fêmea e o homem se estranha, apavora-se e fragiliza-se (Rolnik, 1998b; Boris, 2002). Não dá mais para negar a intensidade das mudanças que as relações de gênero estão vivendo. O novo macho e a nova fêmea estão começando a se ouvir e a se dispor a desfazer-se do pacto mortífero de conservação do passado, arranjando

um novo jeito de estar juntos. Um estar junto que se desvincule da função de provedor exclusivo da consciência subjetiva um do outro. Esse novo jeito de estar juntos passa também por inventar linguagens para encarnar o desejo desse macho e dessa fêmea, em suas novas realidades existenciais, tão variadas quanto o são tais realidades e seus encontros. Mas estas linguagens ainda estão em obra, próprias de um mundo de total impermanência (Rolnik, 1998b, p.71). É por isto que esse novo jeito de estar juntos é efêmero, já que cada diferença que vai se produzindo ao longo da existência é feita de misturas de forças singulares e efêmeras (Rolnik, 1998a, p. 66).

Múltiplo, impermanente e em construção, tenho notícias de que o *ficar* se expressa em vários universos, não só no adolescente, como também no universo adulto ele abrange outros círculos como o *ficar* homossexual, masculino e feminino, o *ficar* na terceira idade, o *ficar* em outras culturas, como a francesa, a italiana e a americana. O *ficar* como fenômeno, deixa de ser apenas um verbo, embora com outros tantos significados, passa a ser também um substantivo com vários derivados como *ficante*, o *fica* de fulano, *ficada* etc. O *ficar* e seus vários matizes, se apresenta como um vasto campo a ser investigado, desafiando aos pesquisadores contemporâneos à ajudar a escrever estas páginas da história das relações de gênero no momento mesmo em que elas acontecem.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. et al. (1983). **Adolescência**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1990). A Indústria cultural: o Iluminismo como mistificação de massa. In Lima (Org.). **Teoria da cultura de massa**. (pp. 159-204). 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Agostinho, Sto. (1996). **Coleção os pensadores**. Obras Completas. São Paulo: Nova Cultural.
- Alberti, S. (1996). **Esse sujeito adolescente**. São Paulo: Relume Dumará.
- Almeida, M. I. M. (1996). **Masculino/feminino**: tensão insolúvel. Sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco.
- Alves, V. L. P.(2005). **Receitas para a conjugalidade**: uma análise da literatura de auto-ajuda. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas – São Paulo.
- Amatuzzi, M. (1993). **Etapas do processo terapêutico**: um estudo exploratório. Psicologia: teoria e pesquisa.
- Amatuzzi, M. (1996). Apontamentos a cerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia** 13 (1), 5-10.
- Ariès, P. (1978). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Azevedo, T de. (1986). **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática.
- Badinter, E. (1993). **X Y**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baudrillard, J. (1973). **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva.
- Baudrillard, J. (s/d). **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1985). **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Bauman, Z. (2004). **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bíblia de Estudos de Genebra. (1999). São Paulo e Barueri. Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil.
- Boris, G. D. J. B. (2002). **Falas de homens**: a construção da subjetividade masculina. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult.
- Boris, G. D. J. B. (2003). Machinhos, machos e Machões: um alerta sobre a construção de homens violentos. In **III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia**. João Pessoa.
- Bourdieu, P. (1998). Conferência do prêmio Goffman: A dominação masculina revisitada. In Lins, D. (Org.) **A dominação masculina revisitada**. (pp. 11-27). Campinas: Papyrus.
- Bourdieu, P. (1998). **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

- Cândido, A. (1951). The Brazilian family. In: Smith, T. L. **Brazil: portrait of a half continent**. (pp. 291-312). New York: Dryden Press.
- Chauí, M. (1994). **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Círculo do Livro.
- Condillac. (1947). **Traité dès sensations in oeuvres philosophiques de Condillac**. Paris, PUF. Vol. I.
- Costa, J. F. (1994). O Presente de nossas ilusões. In: **Folha de São Paulo**, 11. set.
- Costa, J. F. (1998). **Sem fraude nem favor**, estudos sobre amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco.
- Creswell. J. (1998). Five qualitative traditions of inquiry. In **Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions**. (pp. 47-72). Thousand Oak: Sage.
- Damatta, R. (1990). **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Damatta, R. (2001). **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco.
- De Rougemont, D. (1998). **O Amor o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Diógenes, K. M. (2001). O “*ficar*” e suas manifestações na cidade de Fortaleza. **VII Encontro de Iniciação à Pesquisa**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza.
- Diógenes, K. M. (2002). *Ficar*, adolescência, ideal de amor romântico, mídia e consumo. **Humanidades e Ciências Sociais: Revista da Universidade Estadual do Ceará** 4 (2), 17-26.
- Elias, N. (1993). **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2 v.
- Ferreira, A. (2001). **Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa, Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, B. W. (1995). **O Cotidiano do adolescente**. Petrópolis: Vozes.
- Ferreira, T. (2000). A Sexualidade na adolescência: sobre a ética do *ficar*. In: O Adolescente e a modernidade. Tomo II. **Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Figueiredo, L. C. (1996). **A Invenção do Psicológico**: quatro séculos de subjetivação (1500 – 1900). 3. ed. São Paulo: EDUC/Escuta.
- Forghieri, Y. C. (1993). **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira.
- Foucault, M. (1998). **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1999). **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Freyre, G. (1977). **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora. 1º Tomo.

- Freyre, G. (2005). **Casa-Grande Senzala**. 50. ed. São Paulo: Global editora. (Publicado originalmente em 1936).
- Freud, S. (1974a) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. (2. ed.). (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17) Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1905).
- Freud, S. (1974b) **Luto e melancolia**. 2. ed. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1915-1917).
- Freud, S. (1974c) **Além do princípio do prazer**. 2. ed. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1920).
- Freud, S. (1974d) **Psicologia das massas e análise do ego**. 2. ed. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1921).
- Freud, S. (1974e) **O futuro de uma ilusão**. 2. ed. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1927).
- Freud, S. (1974f) **O mal-estar na civilização** 2. ed. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1929-1930).
- Giddens, A. (1993). **A Transformação da intimidade: sexualidade, amor, erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gilligan, C. (2003). **O nascimento do prazer**. Rio de Janeiro: Rocco.
- Giorgi, A. C. (1980). An application of phenomenological method in psychology. In: Giorgi, A. C. et. Al. (Ed.). **Duquesne studies in phenomenological psychology 2**, 82-03. Pittsburgh, Pensilvânia: Duquesne University Press.
- Giorgi, A. C. (1986). Theoretical justification for the use of descriptions in psychological research. In: P. D. Ashworth; A. C. Giorgi & A. J. J. Koning de (Ed.). **Qualitative research in psychology: Proceedings of the International Association for qualitative Research in Social Science**. (pp. 3-22). Pittsburgh, Pensilvania: Duquesne University Press.
- Heidegger, M. (1989). **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes. Vol. I.
- Hobbes, T. (1974). **De homine**. Paris, Blanchard.
- Hobbes, T. (1976). **Leviatã**. Paris, Penguin.
- Holanda, S. B. (1984). **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio. (Publicado originalmente em 1933).
- Huberman, L. (1986). **História da riqueza do homem**. 21. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Husserl, E. (1996). Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. In E. Husserl **Obras Completas**. (pp.124-249). São Paulo: Nova Cultural.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. 01/04/2007. **Dados populacionais sobre a cidade de Fortaleza**, Ceará - Brasil.
- Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada. - IPEA. (2007). **Dados econômicos sobre a cidade de Fortaleza**, Ceará - Brasil.
- Johnson, R. A. (1987). **We**: a chave da psicologia do amor romântico. São Paulo: Mercuryo.
- Johnson, R. A. (1993). **She**: a chave do entendimento da psicologia feminina. São Paulo: Mercuryo.
- Jung, C. G. (1998). **Aspectos do drama contemporâneo**. Petrópolis: Vozes.
- Kehl, M. R. (1996). **A Mínima diferença**: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago.
- Kleinman, A. (1995). **Writing at the margin**: discourse between Anthropology and medicine. Berkley: University of California Press.
- Kury, M. G. (1999). **Dicionário de mitologia grega e romana**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lasch, C. (1983). **A Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Lipovetsky, G. (1998). **O Império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Martins, J. & Bicudo, M. A. V. (1989). **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes/Educ.
- Merleau-Ponty, M. (1945). **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1984). **O Visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (1999). **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Monzani, L. R. (1996). Origens do discurso libertino, In A. Novaes (Org.), **Libertinos libertários**. (pp. 193-217). São Paulo: Companhia das Letras.
- Moreira, V. (1987). O Enfoque centrado na Pessoa no Tratamento de um Caso de Esquizofrenia. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. (pp. 262-268). V. 3.
- Moreira, V. (2001). **Más allá de la persona. Hacia una psicoterapia fenomenológica mundana**. Santiago de Chile: Editorial Universidad de Santiago.
- Moreira, V. & Sloan, T. (2002). **Personalidade, Ideologia e Psicopatologia-crítica**. São Paulo: Escuta.
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicologia: reflexão e crítica** 17 (3), 447-456.
- Moreira, V. (2007). **De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia**. São Paulo: Annablume.
- Moustakas. C. (1994). **Phenomenological research methods**. Thousand Oak: sage.

- Muraro, R. M. & Puppini, A. B. (2001). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Perrot, M. (2005). **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC.
- Platão. (427 a. C. [1996]). **Diálogos I**: Mênon; Banquete; Fedro. 19. ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Polkinghorne, D. E. (1989). Phenomenological research methods. In R. S. Valler, & S. Halling, (Ed.). **Existential-phenomenological perspectives in psychology**. (pp. 41-60). New York: Plenum.
- Poster, M. (1979). Modelos e estrutura da família. In **Teoria Crítica da família**. Rio de Janeiro: Universidade da Califórnia/ Zahar.
- Rolnik, S. (1998). Três gêneros. In D. Lins (Org.) **A dominação masculina revisitada**. (pp. 63-68). Campinas: Papirus.
- Rolnik, S. (1998). Machos e fêmeas. In D. Lins (Org.) **A dominação masculina revisitada**. (pp. 69-71). Campinas: Papirus.
- Rousseau, J. J. (1966). **Emile ou de l'éducation**. Paris: Gramier – Flamarion.
- Sartre, J-P. (1938). **La Nausée**. Paris: Gallimard.
- Sartre, J-P. (1943). **L'Être et le néant**. Essai d'ontologie phénoménologique. Paris: Gallimard.
- Sartre, J-P. (1997). **A náusea**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Shakespeare, W. (1945). **Romeu e Juliêta**. (4. ed.). Porto: Lello & Irmão. (Publicado originalmente em 1597).
- Sennett, R. (1988). **O Declínio do Homem Público** – as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.
- Veblen, T. B. (1983). **A Teoria da classe ociosa**: um estudo do econômico das instituições. São Paulo: Abril Cultural.
- Tomás, de A. (1996). **Coleção os pensadores**. Obras completas. São Paulo: Nova Cultural.
- Vitiello, N. (1997). **Sexualidade na adolescência**: manual de apoio ao educador. São Paulo: Organon.

ANEXOS

ANEXO A

PROPOSTA PARA ROTEIRO DE ENTREVISTA

- IDENTIFICAÇÃO (nome fictício)
 - IDADE - SEXO - OCUPAÇÃO
- 1) Conte-me um pouco sobre o seu contato com o *ficar*.
 - 2) Existe alguma diferença entre o *ficar* adolescente e o *ficar* adulto?
 - 3) Como você experiencia o *ficar*.
 - 4) Fale-me do significado desta experiência para você.
 - 5) Como você decidiu pelo *ficar* como forma de se relacionar?
 - 6) Com que frequência você *fica*?
 - 7) Existe um perfil de parceiro(a) para você *ficar*?
 - 8) Quais os lugares que você escolhe para *ficar*?
 - 9) Como é o DEPOIS para quem *fica*?
 - 10) Você já experimentou outras formas de se relacionar?
 - 11) Gostaria de acrescentar algo mais?

ANEXO B

CARTA DE INFORMAÇÃO E TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezado(a) colaborador(a),

Eu, Kátia Muniz Diógenes, Psicóloga, CRP/11 – 02608, residente na Av. Ministro Albuquerque Lima, 404 – 2ª Etapa Conjunto Ceará – Fortaleza Ceará, fones; 3294 3218/ 99053229, venho por meio desta solicitar a sua participação para entrevista, como voluntário na pesquisa: **O “Ficar”: Um Estudo Fenomenológico sobre os Novos Vínculos Afetivos entre Homens e Mulheres Adultos na Cidade de Fortaleza.** O nosso interesse nesta pesquisa tem se pautado no que observamos nas transformações nas novas formas de homens e mulheres se relacionarem afetivamente. Neste sentido elegemos como nosso principal objetivo investigar o significado da vivência do “ficar” em homens e mulheres adultos na cidade de Fortaleza. Acreditamos que a sua colaboração com a nossa investigação será de extrema importância para os estudos das relações de gênero na contemporaneidade. Garantimos o mais absoluto sigilo dos dados que nos serão confiados através das entrevistas de acordo com o art. 21 do Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Pedimos, outro-sim, autorização para gravar as entrevistas em gravador e fita K7 para que os dados permaneçam fiéis ao que foi relatado por V. Senhoria, resguardando o seu direito de interromper ou parar com a colaboração na pesquisa a qualquer momento que achar conveniente.

Ressaltamos que a sua participação é voluntária, e em caso de dúvidas sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR (Av. Washington Soares, 1321,60811-341 Fortaleza – Ceará ou coetica@unifor.br.

Agradecemos, desde já, a prestimosidade em colaborar com a nossa pesquisa. Solicitamos, assim, que assine o termo de concordância em participar da pesquisa declarando que: pelo presente instrumento que atende as exigências legais da resolução 196/97 do Conselho Nacional de Saúde, o(a) Sr(a).

_____, portador(a) da cédula de identidade _____, após leitura minuciosa da **CARTA DE INFORMAÇÃO AO COLABORADOR**, devidamente explicada pela profissional em seus mínimos detalhes, ciente da entrevista à qual será submetido(a), não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO** concordando em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o(a) colaborador(a) pode a qualquer momento retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar desta pesquisa e ciente de que todas as informações prestadas tornar-se-ão confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional (art. 21. do Código de Ética Profissional dos Psicólogos).

E, por estarem de acordo, assinam o presente termo.

Fortaleza, ____ de _____ de 2007

Assinatura do Colaborador(a)

Kátia Muniz Diógenes
Psicóloga CRP/11-2608

